

# OCUBO

*das*  
ERAS

ALEC SILVA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Copyright © Alec Silva, EX! Editora**

**Capa**

Kamila Zöldyek  
Rochett Tavares

**Revisão**

Samuel Cardeal e Alec Silva

**Diagramação**

Alec Silva e Samuel Cardeal

**Editor**

Alec Silva

**Todos os direitos de publicação reservados a EX! Editora e  
Anton Roos**

# SUMÁRIO

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Prefácio](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Posfácio](#)

# Prefácio

*"Oremos para que a raça humana jamais escape da Terra para espalhar a sua iniquidade em outros lugares."*

**C. S. Lewis**

Nunca fui muito fã de ficção científica, sobretudo a espacial; aquelas naves fazendo barulho no vácuo, armas *laser* e infinitas coisas clichês me entediavam. Por isso, com exceção do primeiro filme da segunda trilogia de *Guerra nas Estrelas*, passei minha infância e parte da adolescência ignorando a *space opera* e qualquer tentativa tosca de se fazer esse gênero. Claro que vi algumas boas coisas, contudo mais voltados para fantasia, por assim dizer; cresci vendo aqueles maravilhosos filmes vespertinos em canais abertos, uma época que me ensinou muito sobre o que eu pretendia ser. Orgulho-me de crescer longe de *videogames* e quaisquer contatos prolongados com amigos, podendo assistir pérolas do naipe de *O Ataque dos Vermes Malditos*, *A Bolha Assassina*, *O Exterminador do Futuro*, *Dinotopia*, *O Parque dos Dinossauros*, *Stargate*, *De Volta para o Futuro*, *Jumanji*... filmes que transitavam entre FC e fantasia, entre ação e aventura, cheios de monstros e bizarrices.

Em relação a livros, a coisa mudou aos poucos, quando fui me aventurando já como escritor, conhecendo autores clássicos ou nem tanto, porém com calibre para entreter, lendo *Viagem ao Centro da Terra*, *A Guerra dos Mundos*, *A Máquina do Tempo*, *Uma Princesa de Marte*, *O Guerreiro do Espaço*... e fui percebendo que a fantasia literária era, em sua maioria, vazia, cheia de reinos em conflito, batalhas épicas, mais e mais do mesmo. A FC, ao menos aquela com qualidade, buscava questões ou filosóficas ou ousava em

peripécias, em conceitos que perturbam a ética e a moral, embora muitas vezes de maneira superficial.

Entendi que meus livros precisavam evoluir, transcender as barreiras da fantasia e da ficção científica, ser mais do que meros conjuntos de histórias fantásticas; nisso Lobato mais uma vez se mostrou um mestre, pois havia aprendido com ele que boas histórias se fazem com ideias simples, sendo possível e viável explorar questões sociais e humanas sem ser chato e cansativo. *A Chave do Tamanho* se mostra perfeito exemplo do que quero dizer.

Mas o leitor deve se perguntar o motivo de eu tagarelar acerca desses assuntos e não falar logo sobre *O Cubo das Eras*, o livro que segura em mãos. Pois bem, vamos nos ater agora ao ponto.

Apesar de ser uma obra menor em tamanho, se comparada aos tijolinhos que são *A Guerra dos Criativos* ou *Mundos em Conflito – Colisão*, a trama aqui apresenta muitos conceitos não apenas referentes ao “universo” que estou desenvolvendo e já apresentei em obras anteriores, como explora algo bem pessoal: minha visão acerca de nossa natureza ambígua e a relação que temos com Deus; como alguns devem saber ou já ter notado, sou um autor com uma queda por mitologias, simbolismos e assuntos esotéricos, o que é bastante apresentado em minhas obras, sobretudo as autobiografias, que brincam bastante com o platonismo. Contudo, sou um agnóstico, e não consigo imaginar Deus ou qualquer que seja a divindade que nos criou como um Ser mesquinho e carente de atenção; aliás, sinceramente, acho que Ele tem coisa muito melhor a fazer do que jogar praga e desgraça para ser cultuado.

Portanto, *O Cubo das Eras* retrata essa dualidade Homem/Criador, essa nossa mania de querer provar a existência ou não de uma Entidade Divina; transcendendo ora a FC, ora a fantasia, pincelando momentos de horror cósmico, tentei passar minhas ideias sobre religião, natureza humana e algo mais. Não considero essa novela, portanto, atrativa a fanáticos, independente se cristãos, ateus ou

afins, afinal não é minha intenção causar polêmica com lideranças religiosas, uma vez que nutro respeito pelas crenças e descrenças e tenho amigos de diversas denominações cristãs e neopagãs. O objetivo, além de entreter, é questionar sobre escolhas e decisões, sobre até onde iríamos se tivéssemos a chance não apenas de ascender a um nível inimaginável como ainda destruir Quem nos criou.

No demais, divirtam-se com as referências espalhadas e aproveitem a viagem entre alguns dos mundos que em breve espero apresentar com mais detalhes, noutros livros. Espero que seja uma experiência tão boa quanto assistir a um filme dos anos 1990, como muitos de nós fazíamos em tardes quentes, quando a televisão era uma das poucas diversões de um garoto solitário e sonhador.

*Alec Silva*

***Para aqueles que ainda sonham com um futuro melhor e,  
principalmente, lutam para transformar este sonho em  
realidade.***

***Jamais percam essa esperança.***

*Mundos holográficos estão à vista*

*(...)*

*Agora acreditamos que essa realidade veio de um sonho*

***Holographic Universe, Scar Symmetry***

# Capítulo 1

## ***O Objeto que Caiu no Crepúsculo***

Ninguém imaginaria que, nos primeiros anos do vigésimo primeiro século, uma cidade modesta, ainda em desenvolvimento, situada no Oeste Baiano, assistiria ao início de uma nova era, um período de transições orquestradas por mentes superiores ao intelecto humano e ambiciosas por uma força cósmica primordial; aqueles homens e mulheres, tão preocupados com futilidades e afazeres, com estudos inúteis e trabalhos cansativos, com amores vazios e paixões tolas, não se preocupavam com a grandiosidade existente no Universo, com o poder avassalador presente em cada ser vivo e tão abundante nas camadas mais profundas das criações; aos olhos de entidades evoluídas, seriam como as bactérias e os vírus observados apenas em laboratórios, e teriam sido ignorados, se não fosse um evento curioso, um acontecimento capaz de abalar as estruturas do tempo e do espaço. A morte e a desgraça não viriam de mundos antigos e adormecidos, embora noutros tenham ocorrido assim, e sim de mundos envelhecidos e despertos, conquistados com derramamento de sangue e perdas irreversíveis, sob o controle tirano de um general que desvendou os segredos mais proibidos aos humanos do século presente.

Alan olhou com tristeza ora para o caminhão estacionado em frente à lanchonete, ora para os dois funcionários da distribuidora de bebidas que carregavam alguns engradados de refrigerantes e cervejas para dentro; um terceiro apenas checava as quantidades, anotando tudo numa planilha e olhando o relógio, pois aquela era a última entrega do dia. Ele não tinha motivo algum para olhar; o livro que escrevia, apesar das várias escritas e reescritas, revisões e

modificações ou dias de bloqueio criativo, estava indo bem e deveria ficar pronto em poucas semanas, dentro do prazo planejado.

— Tudo bem, amor? — perguntou a voz suave de Flávia, puxando a atenção do escritor para aqueles olhos negros, que carregavam a matéria mais escura e densa dos universos, e ainda assim brilhavam como a estrela mais próxima da vida.

— Sim — respondeu ele, num sorriso sincero.

Alan não era muito de revelar seus pensamentos, pois aprendera a evitar parecer louco aos olhos dos outros, mesmo que fosse sua namorada; às vezes, deixava algo escapar, mas era cuidadosamente escolhido, no intuito apenas de surpreender, de instigar, de causar alguma provocação; e isso o tornava muitas vezes sarcástico ou cínico demais. Para Flávia, contudo, ele era uma pessoa maravilhosa, um companheiro para todas as horas, demonstrando uma empatia que transcendia qualquer linha imposta.

A beleza da jovem era ímpar; a escuridão daquelas pérolas refletia uma alma encantadora e apaixonada, enquanto os lábios finos e rosados costumavam ostentar um sorriso meigo; o rosto era delicado, moldurado por cabelos castanhos com mechas douradas e negras, uma característica comum a uma ilustradora e pintora talentosa, reconhecida recentemente por sua sensibilidade. E ser amado por alguém assim era o maior de todos os prêmios que ele poderia ganhar, até mais do que aqueles troféus e certificados conquistados ao longo de quatro anos.

— Hoje está um dia esquisito apenas — emendou Alan, numa daquelas ocasiões que deixava transparecer um lampejo mental.

— Como assim “esquisito”?

— Não sei ao certo, mas parece fantástico, sabe? Como o dia que conheci você.

Ela corou, abaixando os olhos. Nunca se acostumara com aqueles elogios e delicadezas do namorado, que detinha o dom de empregar as palavras certas nos momentos mais adequados. O aperto da mão firme dele lhe dava uma confiança impressionante, e era bom se sentir amada daquela forma.

— Aqui os lanches de vocês, seus preguiçosos! — exclamou Miguel, sentando-se ao lado do amigo e pondo uma bandeja grande na mesa. — Vocês precisam aprender a parar de me explorar, sabe?

Enquanto ele se ajeitava em seu lugar, entregando os sanduíches e refrigerantes para cada um, Alan tornou a olhar para fora; a sensação de estranhamento continuava ali. Talvez a culpa fosse do toque crepuscular que caía sobre a cidade, anunciando uma noite provavelmente fria; ou fosse da irritação pelos atrasos recorrentes aos bloqueios criativos cada vez mais constantes, apesar de aquilo nunca ter sido um problema; prazos estreitos ou pressões eram fatores fáceis de serem contornados, e bastava um dia ou dois, sem qualquer contato social ou interrupções, para que o escritor recuperasse páginas e páginas antes em branco.

— Não vai comer? — perguntou o amigo, a segunda pessoa a trazê-lo de volta daquele mundo de incertezas e suposições.

— Vou — foi tudo o que respondeu.

Os três eram amigos de longa data; Alan conheceu Miguel ainda no Ensino Médio, quando o escritor era um aspirante apenas e não havia sido descoberto por uma pequena editora e dado início à sua carreira literária; e Flávia foi um daqueles fenômenos peculiares da vida que são erroneamente chamados de acasos quando, na verdade, envolvem forças desconhecidas e governadoras dos destinos dos mundos.

Quase seis horas da tarde; as sombras projetadas pelos prédios, postes e as poucas árvores da rua se esticavam conforme o sol se punha. As pessoas seguiam com suas vidas monótonas, indiferentes umas às outras na maioria das vezes, tão mesquinhas e hipócritas que exalavam aromas ora podres, ora amargos; ao menos para Alan, acostumado a escrever histórias com criaturas sempre à espreita dos medos humanos, famintas por pesadelos e dores. Algumas estavam insatisfeitas com as vidas que tinham e com a incessante monotonia, e desejavam a todo custo mudanças, todavia, em breve prefeririam a monotonia e a repetição, arrependendo-se de, algum dia, maldizerem suas ingratas funções.

Os três estavam numa mesa próxima à vidraça da lanchonete; a pintora de costas para a rua, enquanto os outros dois conseguiam observar boa parte da movimentação do lado de fora. O escritor, mastigando calmamente, desviou o olhar mais uma vez para o caminhão da distribuidora, pensando em alguma cena que necessitaria ser melhorada no livro novo.

O sino badalou pela primeira vez; mas não foi ouvido por ninguém que estava ali dentro. Ao invés disso, o som que predominou foi de algo explodindo no ar, surgindo do nada; uma grande bola de fogo vermelho que atingiu o asfalto na segunda badalada, estremecendo o chão ao redor. Nos segundos seguintes, com incrível velocidade, a nave capotou, quicando e cavando a pavimentação a cada choque, espalhando pequenas labaredas em volta e fazendo fragmentos aquecidos acertarem carros, estabelecimentos e pessoas pelo percurso.

— *Merda!* — gritou Alan, empurrando o amigo para o lado e agarrando a mão da namorada. — Corram para o fundo! Corram!

Miguel tropeçou uma ou duas vezes, contudo foi um dos primeiros a alcançar o balcão; os outros dois, contudo, estavam na metade do trajeto quando o veículo espacial bateu no caminhão. O impacto causou uma onda sonora muito alta, que estalou e estraçalhou

vidros por todos os lados, abafando o sino que dava sua última badalada; por instinto, o escritor abraçou Flávia e se jogou para baixo de uma mesa mais ao centro, escapando da chuva cristalina que avançou lanchonete adentro.

— Vai ficar tudo bem, amor! — gritou ele, ouvindo os sons de metal sendo retorcido e cacos de vidro caindo.

O caminhão balançou para o lado, mas não tombou por completo; apenas foi completamente danificado, perdendo toda a carga, que caiu para calçada, matando um dos entregadores e ferindo outro gravemente; o terceiro, mais covarde, possivelmente correria para o estabelecimento assim que avistou o objeto caindo e ferira levemente as costas com os fragmentos. O rastro deixado pela queda também era devastador, com algumas pessoas feridas e propriedades danificadas; o asfalto estava marcado por buracos de diversos tamanhos e profundidades, um prejuízo que sairia dos cofres públicos.

— Que diabo foi isso?! — urrou um homem barbudo, que trouxera os amigos para uma comemoração de aniversário.

As pessoas não haviam se recuperado do susto ainda; algumas estavam deitadas no piso, tão apavoradas que pareciam crianças temendo o bicho-papão; outras, por sua vez, apenas se lançaram para trás o máximo que puderam, ficando ou atrás do balcão ou encostadas na parede.

— Um carro se chocou com o caminhão! — respondeu uma mulher loira e de aparência elegante, mas que perdera a compostura diante de um incidente incomum.

— Não foi um carro — sussurrou alguém, num canto tão afastado que ninguém o ouviu falar.

— O que aconteceu, cara? — perguntou Miguel, gritando e apontando para o veículo arrasado.

— Eu não sei! — respondeu o escritor, tentando ver algo em meio a cadeiras e mesas viradas. — Apenas vi uma bola de fogo, um meteoro, acho! E tudo o que pensei foi em salvar a gente!

— Flávia, você está bem?

— Sim, estou! — replicou a pintora, embora ainda tremesse por causa do grande susto.

As ruas adjacentes começavam a proliferar de gente bisbilhoteira, motocicletas, bicicletas, carros grandes e pequenos; todos queriam ver o que tinha acontecido. Era impressionante como a curiosidade superava o temor do desconhecido, e em pouco menos de dois minutos havia pessoas por todos os lados, formando um tosco semicírculo ao redor da nave que queimava numa chama avermelhada cada vez mais fraca.

— Vou lá fora ver o que é — falou Alan, quando o amigo se aproximou.

— O quê?! — apavorou-se a garota. — Você enlouqueceu, é?

— Juro que não vou chegar nem perto, Fla. Apenas quero ver o que é. Não é sempre que cai um OVNI em Luís Eduardo, não é verdade?

Os olhos castanho-escuros do rapaz brilhavam com uma malícia quase infantil, como uma criança diante de um brinquedo que era mais interessante do que o anterior. E ver aquela expressão enchia Flávia de receio, pois sabia do que o namorado era capaz de fazer para sentir um pouco do gostinho de aventura; a cicatriz nas costas não negava o quão perigoso poderiam ser aqueles impulsos.

— Certo — consentiu ela, abaixando a cabeça, num sinal de derrota. — Só tome cuidado, viu?

Alan tocou o queixo delicado da jovem, acariciando-o com o polegar.

— Eu já volto, amor — falou, antes de se afastar.

Saindo da lanchonete, ele pôde ver melhor a quantidade de curiosos reunidos ali; centenas de cidadãos se amontoaram rapidamente, todos com expressões variadas e tecendo teorias supersticiosas ou extravagantes sobre o incidente.

— Os marcianos chegaram, *caralho!* — gritava alguém na multidão, numa histeria tão intensa que quem o ouvia do outro lado da linha telefônica deveria estar se assustando.

— Isso vai bombar no *Youtube*, velho! — afirmava um garoto de boné, tão magro e despreocupado que nem notara a carteira que deixara cair um pouco antes.

— É um sinal dos fins dos tempos! — berrava meia dúzia de cristãos ou supostos cristãos, aquele tipo de gente que Alan não era muito apreciador. — Jesus está voltando para arrebatá-los e iniciar a grande ira!

Era evidente que alguns ali ligavam para amigos e familiares, relatando o ocorrido, contudo outra parcela estava mais preocupada em passar informações para a imprensa local ou avisar à polícia; e assim os eventos iam se acumulando para um clímax incógnito.

Os poucos degraus da escada que dava acesso ao estabelecimento estavam marcados por alguns blocos de pavimentação, arranhões de metais e muito vidro estilhaçado; próximo, o corpo perfurado e cortado de um dos entregadores; o outro, mais afastado, era socorrido por um homem que deveria ser médico. E um detalhe chamou a atenção do escritor: por mais que se aproximasse do caminhão, respeitando o juramento feito para a namorada, não sentia calor; deduzira que aquele fogo vermelho que estava quase extinto aquecesse bastante as coisas, o que não se mostrara uma verdade; a temperatura continuava amena, igual a estar longe do local em que a nave terminou de capotar.

Voltando-se para trás, viu a artista e o amigo o observando com apreensão; piscou o olho de leve, sorrindo num sinal de que estava tudo bem. Mal o fez, porém, escutou metal ser amassado e erguido com extrema força; teve tempo de encontrar os olhos negros da garota que amava, e neles havia um poço de emoções que se acumulavam diante de uma cena inacreditável.

O caminhão bateu num poste próximo, derrubando-o e arrancando fios, que chicotearam o ar em estalos eletrificados, serpenteando no chão e faiscando; as pessoas mais próximas se desesperaram, correndo em todas as direções, mas naquele momento ninguém se feriu ou foi levemente atingido por qualquer coisa, embora um homem quase recebesse uma descarga elétrica fatal quando um dos cabos passou rente ao seu rosto.

— Alan! — gritou Flávia.

O ser humanoide que se erguia entre os destroços impressionava: tinha mais de dois metros de altura e trajava uma armadura feita de um metal negro e sem brilho, com luzes vermelhas delineando braços, pernas, espinha dorsal e testa; não era muito musculoso, mas seu corpo delgado estava muito acima de um reles homem que fazia academia para manter a forma. O peito arqueava com movimentos amplos, e seus ombros largos acompanhavam a respiração tensa; estava mortalmente ferido, e nenhuma tecnologia avançada o salvaria de seu destino. E o legado precisava ser passado o quanto antes para aquele garoto, que demonstrava o essencial para concluir uma importante missão.

Percebendo o perigo que corria, Alan correu para dentro da lanchonete, mas não foi muito além do que sobrara da porta; uma mão forte o agarrou pelo pescoço, jogando-o sobre uma mesa e pressionando seu rosto na madeira coberta de cacos. Miguel tentou socorrer o amigo, mas o alienígena chutou uma cadeira ao alcance, acertando-o nas pernas a ponto de levá-lo de encontro ao piso; e o sangue escorreu generosamente por um corte no lábio inferior.

Enfiando a mão livre num espaço aberto por sua vontade na armadura, penetrou cada vez mais fundo em seu ventre, fuçando as entranhas em busca de um objeto que deveria ser entregue ao rapaz sob sua força; achou-o com facilidade, puxando-o para fora e pondo-o na mão espalmada do escritor, que a fechou assim que sentiu a superfície ensanguentada e quente do Cubo. Soltando-o, sua atenção se voltou para o outro, que tentava conter a hemorragia ainda deitado no chão, que ficava cada vez mais vermelho.

Alan estava em choque; o contato com aquela energia contida no interior do artefato abria sua mente para segredos que humano nenhum deveria ter acesso sem uma iniciação profunda. Universos e mundos desfilavam diante de seus olhos agora em transe, tão alvos quanto uma folha de sulfite; civilizações extintas ou em ascensão, povos que dominaram ciências antes consideradas magia e artes místicas, líderes ambiciosos que levaram seus seguidores para ruínas e danação; tudo passava em fragmentos mínimos, mas que eram compreendidos pelo inconsciente do rapaz.

*"Cuidado!"*, gritou alguém, em algum recanto perdido do espaço-tempo, porém nenhuma ameaça visível foi detectada naquele momento. *"Curvem-se perante o Grande Sacerdote que traz a mensagem dos Ascendentes!"*, ecoava uma voz grave e primitiva, enquanto multidões de criaturas não-humanas dobravam o que deveriam ser joelhos em reverência, cantando hinos profanos de adoração, corrompendo algo que deveria ser bom. *"O fim está próximo!"*, repetia uma mulher histérica, segurando uma placa com dizeres, num idioma ainda por vir, sobre os universos serem tragados por alguma coisa. *"Só há uma esperança! E vamos recorrer a ele!"*, vociferou um homem barbudo, encarando uma assembleia composta por deuses de inúmeros mundos, que demonstravam toda a apreensão dos tempos vindouros e derradeiros dos planos das múltiplas criações e existências do Universo. *"O Lorde dos Lordes está morto!"*, ecoaram os choros dos mundos criados e abandonados, das terras perdidas e dos povos

esquecidos, de cada criatura que era consumida pelo último retorno daquele que se denominava Corruptor. Aquele turbilhão de informações desconexas não durou mais do que três ou sete segundos.

Tudo estava concentrado num objeto pequeno e poderoso. Agora ele era o portador de uma chave capaz de abrir portas para qualquer canto e recanto de todos os universos; e seus dedos, que antes apenas roçavam aquelas seis faces marcadas por símbolos desconhecidos, moviam as peças menores com urgência. Como o Cubo era pequeno, tendo não mais do que três polegadas nos lados, uma mão apenas bastava para movimentar a cor desejada; e as colunas e bases deslizavam com extrema facilidade.

E o horror brotou da terra quando a cor verde foi completada.

# Capítulo 2

## ***Os Frutos das Árvores da Morte***

O sol já desaparecera no horizonte; as sombras haviam se unido num gigante que abraçava o manto noturno, e a cidade baiana era transformada no palco para eventos inimagináveis; o vento que soprava era como um mau agouro, e não foi raro alguém se arrepiar e se benzer, pressentindo os males trazidos com a queda da nave e de seu tripulante, que agora jazia sem vida ao lado de Miguel, que olhava com assombro para o bracelete que o alienígena pusera em seu pulso após se desfazer da armadura e ficar completamente nu, revelando um corpo imberbe e acinzentado. As pessoas do lado de fora e dentro da lanchonete se dividiam entre olhar os estragos causados e o cadáver rijo do homem do espaço; e as teorias continuavam a surgir com mais intensidade, sobretudo com a chegada da polícia e de alguns medíocres jornalistas ansiando material para alimentar *sites*, *blogs* e jornais da região.

Alan soltara o Cubo assim que a face verde fora montada e arfava com dificuldade, o suor escorrendo pela testa; antes em pé, meio atordoado, sentou-se no piso branco e sujo, encarando o amigo ensanguentado; a cabeça latejava um pouco, porém o transe havia acabado e deixara apenas algumas pistas a serem seguidas em breve.

— Vocês estão bem? — perguntou Flávia, ainda confusa.

Ela foi ver o amigo, que agora checava o local do ferimento; a hemorragia cessara milagrosamente, mas a dor persistia; o único problema era a camisa branca coberta de sangue. A ilustradora olhou para fora, num gesto automático, e o que viu era ainda mais

assustador do que a queda o objeto espacial; e o grito de horror alarmou quem ainda não notara o que começava a ocorrer.

Um som estridente, vindo do lado de fora da lanchonete; uma mulher fora agarrada por algo que brotava do asfalto, saindo com tanta fúria que provocava leves tremores ao redor; a infeliz, ainda gritando, teve o corpo envolvido por tentáculos esverdeados, que rasgaram suas roupas e pele, arrancando nacos de carne e atravessando órgãos vitais, esmagando seus ossos com extrema facilidade até matá-la e envolvê-la numa série de voltas apertadas o suficiente para transformar seu corpo em uma massa disforme.

Outras plantas bizarras emergiam da terra ou entre as construções, multiplicando-se com incrível velocidade, agarrando-se a prédios, postes, pessoas e veículos; entortavam, esmagavam e reduziam a fragmentos quaisquer coisas que pudessem alcançar, cobrindo tudo com um verde exuberante e vivo; os ramos e talos pulsavam como se bombeassem sangue em seu interior, crescendo e crescendo sem cessar. Em determinados pontos, caules frondosos e com diâmetros de um prédio de grande porte ergueram-se como colunas, arrasando tudo em volta; altas, equivaliam a dez ou quinze andares, terminando em copas de folhas largas e de coloração fosforescente, cujo brilho era um verde suave e ainda assim chamativo; em alguns galhos, frutos enormes, de fosforescência entre o lilás e o rubro, pendiam e arquejavam como se tivessem algum embrião em seus interiores.

As pessoas se dividiam em múltiplas reações, contudo as expressões eram parecidas umas às outras; todas olhavam aquela vegetação estranha que dominara várias quadras. Eram ervas daninhas, raízes que atravessavam asfalto e se enroscavam em qualquer objeto, animado ou inanimado, luzes macabras emitidas pelas árvores altíssimas e seus frutos ainda mais medonhos. Um cenário diferente de qualquer floresta existente na Terra havia brotado em poucos minutos bem no meio da cidade.

Alguns daqueles ramos tentaculares adentraram a lanchonete, causando pânico e muita correria; crianças foram postas sobre o balcão e mesas fixas e alguns adultos, infelizmente, tiveram destinos similares ao daquela pobre mulher que todos viram ser esmagada. O trio de amigos conseguiu escapar, acompanhando os horrores provocados pelas plantas demoníacas; Alan pegou o Cubo antes de pular para cima da mesa no canto da parede, e o segurava com firmeza, ciente de que fora ele o invocador daquelas monstruosidades vegetais.

Um minuto ou dois depois, tal como começou, aquele crescimento acelerado da floresta parou; os estragos eram imensos: vários carros pendiam como frutas podres, presos em galhos tortos espalhados por todas as partes; prédios inteiros eram cobertos tanto pelas ervas trepadeiras quanto por um tapete asqueroso de musgo, que também pulsava daquela maneira sinistra; e os sobreviventes, ilhados em pontos isolados e entre aqueles tons de verde, estavam preocupados com outra coisa.

Sob as luzes oriundas dos vegetais extraterrestres e dos poucos postes que não foram enrolados pelos tentáculos verdes, os casulos despencavam com estrondo; primeiro em intervalos maiores entre um e outro, depois vários ao mesmo tempo; apesar da aparência gosmenta, eram muito resistentes, e poucos foram os que racharam ou vazaram o líquido embrionário na queda. A fosforescência se perdia no meio do trajeto rumo ao chão, desaparecendo quando os alvéolos encontravam seu destino; contudo, uma característica permanecia fixa: aquele pulsar ritmado, que aumentava a intensidade constantemente até que a parede rugosa e horrorosa se partia.

— Meu Deus! — gritou alguém, quando o primeiro monstro saiu de uma rachadura imensa.

De fisionomia esguia, com cinco pares de pernas longas e terminadas em ganchos, a criatura parecia uma mistura de aranha

e vespa, sobretudo por causa da protuberância na extremidade traseira que findava num ferrão tão rubro quanto o sangue fresco; ainda estava coberto pelo líquido viscoso, e seus movimentos eram concentrados para se livrar o máximo que pudesse daquilo. O corpo delgado devia ter entre um e dois metros, possuindo uma coloração que mesclava o verde, lilás e azul, sem um padrão que possibilitasse uma descrição mais precisa, ainda mais para aqueles cidadãos que assistiam a continuação de uma extensa noite de horrores.

Os demais casulos também se partiam, libertando suas crias monstruosas, que se espalhavam por cima de prédios, carros amassados, escombros e ruas; as pessoas mais cientes do mal que ganhava forças já corriam e se escondiam onde podiam; aquelas mais idiotas ou vislumbradas com a beleza grotesca dos insetos continuavam paradas e aguardando a morte, como o gado esperando o abate.

— Precisamos sair daqui — disse Miguel, depois de observar aquelas cenas nada auspiciosas. — Agora.

— E iremos para onde? — perguntou o escritor, sem conseguir vislumbrar uma escapatória daquele inferno florestal.

O praticante de *muay thai* não respondeu; a longa apresentação de horrores não havia terminado. As vespas gigantes já esticavam as seis asas membranosas, e mais pessoas corriam e fugiam, enquanto algumas filmavam aquilo como se fosse um espetáculo grandioso e inofensivo; a primeira que ficou mais seca ensaiou um voo rasante, mas se atrapalhou e tombou contra uma motocicleta; outras apenas se moviam ligeiro, como aranhas ansiosas para agarrarem as moscas presas em suas teias. Uma realizou com êxito um salto, dando um bote num homem magro que se preparava para correr; suas patas em forma de ganchos penetraram com profundidade a carne do infeliz, rasgando-a como se fosse papel, enquanto a vítima se debatia pateticamente.

Miguel foi o único dos três que testemunhou o que veio a seguir.

O monstro moveu o ferrão vermelho para baixo, enterrando-o inteiro nas costas da presa, que urrou muito alto, embora o som de desespero tenha sido abafado por outros ruídos; quase simultaneamente ele abriu a boca, mostrando dentes tortos e serrilhados, como folhas de uma samambaia, e abocanhou a cabeça do homem, pressionando até esbagaçá-la; por fim, bateu asas e carregou o banquete para o alto, entre os galhos de uma das árvores.

Dezenas de vespas sobrevoavam as ruas adjacentes, atacando e matando sem distinção, paralisando os desgraçados que eram apanhados por suas garras afiadas e comprimindo os crânios; a energia empregada era tão grande que não raro mulheres e homens eram decapitados, e apenas parte do corpo era carregada para algum lugar entre as copas das plantas fosforescentes que geraram aquelas aberrações.

Com os olhos atentos, Alan notou que os tentáculos não reagiam ao toque mais violento; por mais que as pessoas caíssem, tropeçassem, ferissem acidentalmente alguma parte dos ramos grossos, estes não se mexiam um milímetro sequer para se defenderem; somente aquele pulsar regular, bombeando seiva para toda a complexa estrutura.

— Vamos sair logo daqui! — gritou ele, descendo da mesa e indicando a vidraça que dava acesso à rua ao lado, à esquerda de quem entrava no estabelecimento. — Logo aquelas coisas estarão aqui e não temos como nos defender!

— Você enlouqueceu, moleque?! — vociferou o homem barbudo, cuspidando de tão nervoso que estava. — Ir lá fora só vai fazer com que aqueles demônios nos matem mais rápido! Aqui dentro temos uma chance de sobreviver e lutar! Vocês são loucos se acham que eu...

Dois insetos-vegetais se lançaram contra o infeliz; a violência do encontro foi tanta que cada um deles ficou com uma parte do corpo, sob os olhos horrorizados de quem testemunhou o episódio.

— Corram! — gritou o escritor, puxando a namorada pelo braço.

Miguel os seguiu, obrigando-se a não olhar para trás, onde um banho de sangue era promovido por aquelas bestas voadoras; o treinamento em artes marciais não o preparou para carnificinas como aquela. Correram por quase vinte metros, achando um abrigo que parecia ser seguro o suficiente por ora, até que a cabeça esfriasse e uma solução melhor pudesse ser pensada. Naquela rua havia uma construção inacabada, algo que talvez fosse um apartamento ou para habitação ou instalação de salas comerciais. Afastando-se um pouco para ganhar impulso, o artista marcial pediu para os amigos se distanciarem alguns passos; o primeiro chute fez a tábua de madeira sacudir; o segundo, entortar para o lado; e o terceiro, ceder espaço para que os três jovens acessassem o interior da obra.

— O que são aquelas coisas? — indagou a garota, quando eles estavam mais protegidos numa ala bem escura e distante da calçada.

— Não sei, mas me sinto dentro de uma daquelas histórias que o Alan gosta de ler ou escrever — respondeu Miguel, sentando-se em cima de alguns sacos de cimento e se livrando da camisa ensanguentada.

Os gritos e os sons emitidos pelas criaturas estavam por todos os lados, misturados aos de batidas de carro, metal sendo amassado ou corpos sendo arremessados e outras confusões geradas pelos frutos vivos. Era como se aquele pedaço de selva extraterrestre fosse uma amostra mínima do inferno.

— E este Cubo? — questionou ele, de modo lacônico, dirigindo-se ao amigo, que permanecia em pé. — O que é?

— Um tipo de chave.

— Chave?!

— Chave pra quê?

— Para abrir outros mundos.

Miguel sentiu o bracelete arder em seu pulso.

— Isso não me parece algo bom — disse, arfando.

— E não é, Miguel.

— Por que você abriu uma porta para o mundo dessas plantas carnívoras mutantes?

— Eu queria entender o mecanismo... e uma voz me mandava fazer isso.

Flávia estava se assustando com aquela conversa.

— Cara, na moral, eu não acho legal esse lance de ouvir vozes — replicou o artista marcial, coçando o local em que o bracelete estava preso. — Muito menos fazer aquilo que uma voz manda. Você sabe muito bem o que isso significa.

— Não estou ficando louco! — gritou Alan.

O grito ecoou pelas câmaras vazias.

Eles não viam, mas parte do prédio em construção fora tomado pelos ramos tentaculares e raízes invasoras; nos andares mais acima, em quantidades menores, alguns casulos contendo aquelas monstruosidades aladas chocavam quase doze frutos. E um deles descansava naquela área, sendo um dos poucos que desceram as escadas sem reboco ainda com as asas molhadas pelo líquido embrionário; o brado do jovem avisou que havia carne fresca.

— Droga! — exclamou Miguel, buscando com urgência algum pedaço de madeira ou barra de ferro que pudesse servir de arma.

Quando o monstro fez a primeira investida, foi atingido em cheio por um bloco retangular de concreto fixo na extremidade de uma longa barra de ferro; o golpe foi tão violento que ele guinchou e perdeu duas patas, caindo a poucos metros dos pés de Flávia, que soltou um grito estridente. Recuperando-se rapidamente, bateu as mandíbulas uma na outra, estalando uma língua de fosforescência azulada, que sibilava como se fosse a de uma serpente. O garoto desferiu outra pancada, agora na cabeça, esmagando-a completamente, cobrindo os pés dos amigos de sangue esverdeado e pegajoso.

— Credo! — deixou escapar a garota, dando uns pulinhos para trás.

Sem soltar aquela arma improvisada, o lutador de artes marciais defendeu os amigos de outras três vespas, obtendo sucesso semelhante ao anterior; ao julgar não haver mais perigo, largou a barra de ferro, que perdera quase toda a estrutura de cimento endurecido. Não demonstrava cansaço, e apenas com o final dos combates ele estranhou como conseguira tanta força para abater aquelas criaturas alienígenas.

— Cara, o que aconteceu com você? — foi a pergunta do escritor, que era muito parecida com a que circulava naquele instante na mente da namorada.

Olhando para o pulso em que deveria estar o bracelete, para completo assombro, apenas uma faixa de luz amarela que era iniciada no dedo do meio da mão e percorria o braço até o ombro, interligando com outra que circundava o pescoço como uma coleira. Era a herança deixada pelo tripulante da nave.

# Capítulo 3

## *Luzes, Metal e Fogo*

As armaduras desenvolvidas com a tecnologia da raça do alienígena eram divididas em três classes distintas: a mais comum, usada por civis e exploradores, permitia controlar maquinários complexos com a força do pensamento, desde que esses fossem predefinidos ao código genético do usuário, além de conceder força acima do normal e proteção pessoal contra armas de baixo e médio porte; a intermediária, usada exclusivamente por mensageiros, era desenvolvida para fins militares, se preciso, ampliando as funções básicas e acrescentando outras, que variavam de acordo com o indivíduo, podendo servir ainda para pequenas incursões em lugares desconhecidos ou de alguma periculosidade; e a mais poderosa era a de uso dos militares e exploradores, encarregados de conquistar e colonizar mundos para o general, e possuía uma variedade quase infinita de recursos, dependendo da genética de quem a usava. Das três classes, a herdada por Miguel era a última.

Como o rapaz, com seus vinte e um anos, media mais de um metro e oitenta centímetros, o traje negro lhe dava uma aparência superior, algo comum na civilização que aperfeiçoou e purificou o DNA humano, combinando, inclusive, nanorrobôs aos genes para intensificar os poderes do corpo e da mente; a pigmentação acinzentada na pele dos alienígenas era um dos diversos efeitos da ousadia de zombar da morte e do Criador. O fato de o novo proprietário ser afrodescendente contribuía para melhor aceitação; o intervalo entre a entrega e a ativação do bracelete permitiu que o código genético fosse totalmente lido, assim como o sistema

neurológico interligado ao princípio energético que tornava aquela benção possível.

As linhas amarelas na armadura eram cinco apenas: uma em cada lado do corpo, do dedo médio ao pescoço, encontrando-se com a terceira em volta do pescoço; e as outras duas eram uma sobre a espinha dorsal, do cóccix à nuca, e outra pequena, na testa; e o restante era de um negro sem brilho, mas ainda assim belo e perfeito, adaptado à fisionomia do rapaz; com aquele capacete inexpressivo, se vivesse entre o povo que criou a tecnologia, seria considerado um dos menores combatentes alistados nas tropas de colonização.

— Acho que me tornei o Homem de Ferro — brincou Miguel, após examinar como pôde o traje militar.

Alan andou devagar até o amigo, pegando uma das mãos e olhando a palma rapidamente; admirou-se com aquele metal que preservava com facilidade a temperatura do corpo humano.

— Você não tem os propulsores — falou ele, com seriedade. — Não pode ser o Homem de Ferro. Talvez possa ser o Cyrax.

Os dois riram.

— Nosso amigo nos deu ótimos presentes, não acha? — comentou o artista marcial.

— Um Cubo e uma armadura de *Tron*. Sim, ótimos presentes.

— Como vocês podem brincar quando a cidade está sendo invadida por monstros? — irritou-se Flávia, aproximando-se dos dois com um esgar que era compreendido tanto por um quanto pelo outro. — Acho que deveríamos pensar em como concertar essas merdas aí, não?

O namorado assentiu, passando o olhar pro Cubo.

— O que sugere, Alan? — indagou Miguel. — O cara me deu o bracelete por algum motivo, e não foi para me transformar em dez alienígenas, isso tenho certeza.

— Bem, eu sei que o Cubo é uma chave para outros mundos. E vi coisas muito estranhas quando toquei nele. Assim... como dizer? Eu sou o responsável de agora em diante por ele, entendem? Não me olhem assim nem me perguntem como sei, mas sei. E isso deve bastar.

O escritor arfou, caminhando até uma brecha de luz mais forte, onde poderia analisar melhor o objeto; identificou a cor verde montada, cada uma das peças menores cheias de signos peculiares e que nada significavam para quem mal sabia o português como ele; as demais cores eram tons sóbrios de vermelho, amarelo e azul, além de branco e preto; apesar de o material ser semelhante ao acrílico, parecia infinitamente resistente e detinha um brilho muito fraco, mesmo sob a luz mais forte.

— Talvez *e/e* quisesse que eu descobrisse um modo de trancar todas as portas para sempre — acrescentou, movendo o Cubo para contemplar as outras cores, que possuíam mais e mais símbolos e tons sóbrios. — E a única maneira de fazer isso é tentar montar os seis lados, mas isso parece simples demais, não?

— Sim, cara.

— E é, na verdade.

Alan se calou por alguns instantes, recordando-se de um artigo breve que lera num *site* sobre cubos mágicos; nunca fora um exemplo de alguém capaz de reter por muito tempo uma informação, todavia, com um pouco de esforço, seria capaz de reviver uma lembrança ou resgatar um dado esquecido.

— Um cubo mágico possui, pelo menos, umas *43 252 003 274 489 856 000* combinações possíveis — falou, estranhando em seguida

como aquilo brotou de seus lábios sem qualquer hesitação, como se a informação estivesse o tempo todo ali, só aguardando ser acessada.

— Hein?!

— Isso é um número absurdamente grande, amor — disse Flávia.

— Aham.

— E entre uma dessas combinações...

—... está a que pode travar todas as portas para sempre, Miguel.

Os sons exteriores estavam mais fracos ou distantes, denunciando que as vespas expandiam as áreas de caças, atacando quem provavelmente desconhecia acerca dos horrores trazidos por aquelas árvores.

— Precisamos deter essas coisas, afinal foi por minha culpa que esse matagal todo apareceu — falou o escritor, com um tom de voz decidido. — Depois nos preocupamos sobre essas combinações.

— Concordo — replicou o amigo, que parecia onipotente sem revelar o rosto de garoto, apesar da idade. — Como pensa em fazer isso?

— Tem alguns postos próximos daqui, não?

— Sim, mas...

A frase morreu ainda no início, pois a expressão sorridente e maliciosa de Alan entregou o restante do plano e a resposta ao que viria a ser uma pergunta.

— Você só pode estar de brincadeira, mano! — exclamou o lutador, sendo invadido por uma excitação nunca antes experimentada.

— Não estou. Acha que conseguimos?

— Cara, não sei a força que este traje pode me proporcionar, mas posso tentar.

— Certo — falou o portador do Cubo, passando os dedos nos cabelos sujos de sangue de vespa e bagunçados devido à agitação da noite. — Fla e eu vamos evacuar as ruas e prédios, pois deve ter alguém escondido por perto ainda. O problema serão as vespas, mas lanças feitas com aquelas barras ali serão úteis numa eventual luta — e indicou uma pilha enorme de materiais de construção num canto.

Miguel se apressou a fazer algumas lanças, afiando as pontas com uma lâmina que surgiu no pulso e padronizando os tamanhos para até dois metros, enquanto o amigo continuava detalhando o artifício.

— Tem os carros também. Arremesse alguns nas árvores e arbustos maiores. De preferência, fure os tanques para que a gasolina derrame. Quanto mais combustível, melhor, sabe? Por fim, faça um rastro para o posto. Avise quem encontrar no caminho para fugir daqui o mais rápido que puder. Faremos o mesmo.

— Beleza. Parece fácil.

— É, parece.

— E onde nos encontramos depois?

— Fla e eu estaremos na praça.

— Tomem cuidado! — pediu Miguel, entregando as cinco lanças que fabricou rusticamente.

— Pode deixar.

O jovem guerreiro de armadura foi o primeiro a sair do esconderijo, correndo de volta ao ponto de origem de todo aquele pandemônio; os corpos mutilados estavam por todos os lados e locais, misturados ao verde que cansava os olhos quando observados por muito tempo. Ele corria rápido, como poucas vezes fez na vida, e esforço nenhum era exigido de seu corpo para a proeza; os saltos eram muito altos, e igualmente fáceis de serem realizados. No caminho, duas vespas tentaram atacá-lo, mas foram mortas numa sucessão de socos e chutes, desmembramentos e estripação; passando o olhar rápido para o interior da lanchonete, viu os monstros devorando suas presas e livrando-se das cabeças, como se aquela parte do corpo fosse envenenada.

As árvores eram espaçosas, fincando raízes que atravessavam prédios e asfalto com fúria assassina, ocupando quadras e quadras. O posto situado ali não estava tão preservado, e a gasolina derramava em abundância, o que facilitava a execução do plano; o trabalho maior seria arremessar os veículos o mais distante que pudesse, visando partes elevadas das plantas. Fez um teste rápido, escolhendo uma motocicleta: agarrou-a pela roda traseira, tendo a sensação de levantar uma cadeira de plástico; girou o corpo sobre o próprio eixo para ganhar impulso e soltou a moto, que subiu quase quinze metros, chocando-se com o caule frondoso.

O ataque à árvore atingiu todas as vespas, que voaram num enxame mortal sobre Miguel; ele buscou algo que servisse de arma, mas nada ali lhe pareceu adequado para enfrentar centenas de insetos furiosos.

“Lâminas!”, pensou, e no instante seguinte uma placa longa e achatada saiu de cada braço.

Os nanorrobôs se transmutaram num metal similar ao aço, porém inquebrável, endurecendo conforme se estabeleciam no decorrer da formação das lâminas; era uma das propriedades surpreendentes

da junção de tecnologia e ciência oculta. Quando a primeira dúzia de inimigos ficou ao alcance, a matança teve início.

E muitos metros atrás, correndo com uma lança improvisada cada um, Alan e Flávia avisavam para quem sobrevivera aos ataques para se afastar o máximo que pudesse do lugar; o escritor guardara o Cubo numa trouxa feita com a camisa do amigo, amarrando-a na cintura, por baixo da roupa. Naquelas ruas infestadas de ervas daninhas, infelizmente, não havia muita gente viva para ser salva, tornando o trabalho mais complicado, pois apenas eles transmitiam os avisos, enquanto quem era avisado estava mais preocupado com a fuga do que com a solidariedade.

— Os bichos... eles sumiram — observou o rapaz, numa pequena parada, num canto bem escuro e isolado.

— Aham.

Os tentáculos vegetais eram menos recorrentes ali, como se houvesse um limite para aquela floresta se espalhar; um deles pulsava próximo de onde o casal se refugiava.

— Preciso saber o que tem dentro disso — disse Alan, caminhando até o ramo.

— O quê?!

Determinado a descobrir o que passava por aquelas estruturas tentaculares, ele bateu a ponta da lança com força contra a planta, arranhando-a superficialmente e caindo ao perder o equilíbrio quando as mãos escorregaram demais por falta de êxito na tentativa; praguejando por causa da dor, sentou-se ao lado do tentáculo, examinando as palmas despeladas.

— Alan... — sussurrou a namorada, ainda parada na penumbra.

— Sim?

Ela apontou para o arranhão, que vazava um filete da seiva contida naquelas veias e artérias vegetais; pondo-se de pé num pulo, o escritor pegou a lança e se afastou, obtendo uma visão melhor do líquido rubro e borbulhante que escorria.

— Sangue quente?!

Flávia não poderia responder aquela pergunta sem conhecer a anatomia daquela vegetação extraterrestre; no mundo de origem, cientistas alteraram os genes de plantas locais por gerações, desejando fornecer a elas meios de sobrevivência; erraram em muitas etapas, criando aberrações que se nutriam de toda a fauna. Com acelerado processo de crescimento, em menos de uma semana ocuparam cidades inteiras e devoraram toda a população; expandiram-se para florestas comuns, substituindo a flora com uma variedade de frutos e sementes mutantes, que assumiam formas animais, num mimetismo predatório invejável; em um mês, o planeta inteiro estava devastado, restando apenas colônias de criações de animais e seres humanos, elaboradas pelas árvores maiores, que eram como rainhas de uma colmeia.

A alimentação daquele complexo organismo vivo era por fases bem definidas. Quando as vespas ou quaisquer formas de caçadores empregados capturavam algum animal, era comum a decapitação por um motivo específico: adubagem de terra; a decomposição dos crânios fertilizava o solo, mantendo-o enriquecido constantemente, desde que as cabeças decepadas estivessem ao alcance das raízes das árvores maiores. Os corpos eram levados — quase todo ou em pedaços, já que os coletores devoravam grandes porções durante as caçadas — para ocos situados entre os galhos centrais, onde eram consumidos por ácidos digestivos, num processo tão minucioso que o sangue geralmente integrava a seiva, de coloração rósea; por essa razão o líquido viscoso que circulava nos tentáculos era tão vermelho.

Quando o Cubo trouxe parte daquele ecossistema mutante, os vegetais se adaptaram ao ar do novo mundo com facilidade, mas o sistema circulatório não conseguiu a mesma façanha, e o composto que vazava num filete borbulhante era altamente inflamável em contato com os gases da Terra; e o fogo alaranjado que ardia com timidez era como uma centelha divina diante dos olhos do escritor.

— O Miguel precisa saber disso! — exclamou ele, cutucando aquela seiva.

— Acho que ele terá que descobrir sozinho — retrucou a namorada, olhando para aquelas estruturas colossais que emitiam o brilho fosforescente. — Muito arriscado voltarmos. Nem sei se ele ficará bem com aquela roupa.

— Acredito que vá, sim, mas sem essa informação que temos... não sei se conseguirá incendiar as árvores.

— Teremos que confiar na inteligência dele. E na loucura também.

Alan assentiu; sabia que o amigo era tão esperto quanto ele, e aquela certeza oferecia alguma fé acerca do sucesso da missão.

E Miguel não desapontaria, sobretudo após compreender uma parcela das maravilhas do traje que herdou; e o fato de saber *muay thai* ajudava bastante a dominar as funções da armadura; uma vez estabelecida a ligação homem/máquina, de maneira singular, matar centenas de insetos-vegetais era tão fácil quanto dar saltos de cinco ou sete metros de altura, erguer carros e lançá-los contra dúzias de oponentes ou os caules. Aquela altura dos combates, a seiva derramava por todos os lados, encharcando o chão e criando um visual grotesco e digno de uma chacina.

“Ainda não é suficiente”, pensou ele, cada vez mais preso nas lutas do que nos arremessos de veículos. “O que fazer?”

As lâminas se chocaram quando o artista marcial as usou como tesoura; a faísca surgiu pequena, num estalo amarelo-pálido, porém no segundo seguinte consumiu todo o inseto, que berrou e estremeceu sob o fogo alaranjado. Com um chute espartano, o rapaz afastou aquela massa de fogo intenso, o que a fez atingir outras criaturas e alguns galhos, iniciando um incêndio que se espalhou em todos os pontos que o líquido inflamável oriundo das plantas cobria.

Com o ponto fraco revelado, não foi difícil para Miguel explorá-lo intensamente, molhando as lâminas na seiva incandescente e escalando um dos caules, eliminando os predadores aéreos, que inutilmente queriam proteger sua árvore-mãe; a cada ferida aberta, mais daquela substância viscosa derramava e mais intensas as chamas ficavam, consumindo com voracidade tudo que tocavam. Quando uma das vespas o atacou por um ângulo impossível de se defender, ele escorregou uns seis metros, contudo as espadas rasgaram horrivelmente o tronco, liberando uma quantidade absurda de seiva; e o fogo envolveu tudo como uma baforada de dragão.

# Capítulo 4

## ***A Chave para Todas as Eras***

A natureza humana estava corrompida há milênios, e lutar pela humanidade era como travar uma batalha perdida, mesmo que pudesse ser temporariamente vencida; e será a corrupção, no devido momento, que iniciará uma longa jornada, culminando na criação suprema de todos os erros e maldições: o Cubo das Eras. Uma chave capaz de abrir portas para quaisquer mundos, universos, tempos passados, presentes, vindouros e paralelos, bastando apenas conhecer as possibilidades quase infinitas de combinações. Idealizada e construída como uma benção, aos olhos de um conquistador, assim como tudo o que foi criado com base no conhecimento da energia mística, converteu-se numa arma de proporções inimagináveis; e seu criador se viu forçado a destruir o artefato ou encontrar alguém que pudesse decidir os rumos do Universo.

O fogo ardia alto, incinerando toda a vegetação e cobrindo os céus de fumaça aromatizada; além da facilidade de combustão, a seiva sanguínea detinha a propriedade de ser como um perfume de flores silvestres, o que tornava aquela destruição não apenas de árvores e vespas um espetáculo perigoso como também agradável ao olfato. O posto explodiu pouco depois de as chamas alaranjadas se alastrarem, o que fez o cheiro de gasolina se misturar ao das plantas, mas o aroma adocicado prevaleceu depois de dois minutos.

Aos poucos, a informação do aparecimento dos monstros-vegetais ia se espalhando, assim como os exageros e acréscimos comuns em histórias transmitidas de forma tão rápida; as vespas se tornaram

muito maiores numa versão, ganhando a capacidade de vomitarem ácido para dissolver suas vítimas tal como moscas fazem a pães doces; os galhos tentaculares, se já não eram assustadores por causa de seus movimentos furiosos, ficavam ao serem dotados de espinhos venenosos ou tão longos que atravessavam corpos inteiros ao menor toque.

Sem qualquer notícia de Miguel, os dois jovens estavam apreensivos; sentados na calçada, ainda com as lanças improvisadas, assistiam toda a vegetação queimar, emitir sons semelhantes aos gritos de uma entidade agonizante e tombar aqui e ali, atíçando fagulhas que brilhavam como estrelas, elevando-se e desaparecendo na escuridão.

— Será que ele escapou a tempo? — perguntou Flávia, fitando o namorado com os olhos negros cheios de lágrimas.

— Espero que sim, ou me culparei por causar a morte de um amigo — respondeu ele, segurando com firmeza a mão da garota, alisando sua pele tão delicada e levemente bronzeada.

— Não foi culpa sua nada do que aconteceu... nem as plantas... nem nada.

Alan sorriu; queria que ela estivesse certa ao afirmar aquilo.

— Eu disse que o dia estava esquisito, não disse? — comentou, voltando a contemplar a fogueira de chamas alaranjadas.

— Aham.

A pintora encostou a cabeça no ombro do namorado, deixando as lágrimas rolaem pelo rosto sem pudor; tantos acontecimentos fantásticos em poucas horas e quase não houve tempo para um descanso como aquele, um instante para que pudesse extravasar as emoções e se fortalecer em meio à aparente fraqueza.

— Mamãe, o que é aquilo? — perguntou um menino loiro que deveria ter entre quatro e cinco anos de idade.

Alan ouviu aquilo, e ergueu os olhos castanhos; o que viu foi ainda mais apavorante do que aquela floresta alienígena surgida das entranhas da terra: uma esfera de fogo rubro vinha em direção à praça.

— Meu Deus! — exclamou a mãe da criança.

— Fla, temos um problema — falou o escritor, engolindo em seco quando avistou outras bolas como aquela.

A ilustradora olhou para cima, vislumbrando sete objetos caindo do céu; estavam distribuídas em diversos pontos da cidade; apenas a menor, aparentemente, dirigia-se com precisão para lá.

— Mais alienígenas?!

— Acho que sim, Fla.

A praça estava lotada de pessoas; com a aproximação do meteoro, a correria se iniciou, sendo ainda pior e mais violenta do que a que ocorreu no ataque das plantas carnívoras; empurrões, quedas e gente pisada se tornaram elementos frequentes por toda parte. O instinto de sobrevivência reinava sobre a civilidade imposta por regimes, governos e leis antinaturais; se alguém ali tivesse de tirar uma vida para garantir a própria, faria sem titubear.

Temendo pela integridade física da namorada, Alan a abraçou com força, buscando em volta alguma maneira de sair daquele pandemônio histórico; a multidão parecia um rebanho em dia de abate, fugindo do laço que conduziria alguns para um trágico destino. E aquela esfera sanguínea cada vez mais próxima, anunciando horrores ainda maiores do que os causados pela abertura da porta pela face verde do Cubo.

— Achei vocês, seus preguiçosos! — exclamou a voz de Miguel, enquanto sua mão pesada tocava o ombro esquerdo do amigo.

Ele estava com a cabeça desprotegida, deixando os dreadlocks caídos sob o colar brilhante e amarelo; poucas pessoas o olharam torto, mas em meio à queda de um corpo celestial desconhecido, aquela armadura de metal e luzes passava facilmente despercebida.

— Qual é a treta agora? — perguntou, cortando qualquer comemoração por estar vivo.

— Os amigos do *cara*, eu acho — respondeu o escritor.

— Ou os inimigos.

Uma explosão ocorreu num ponto distante, e o solo deu uma leve sacudida; outras duas se seguiram, mais perto do que a primeira, aumentando o pânico e a desordem.

— Cuidado! — gritou alguém, num tom estridente, antes do objeto pequeno atingir parte da igreja e rolar pelo chão, quicando e arrancando cimento, postes e arbustos.

Miguel agarrou os amigos bruscamente, enquanto os nanorrobôs formavam uma camada semelhante a um campo gravitacional com energia oposta; qualquer pessoa ou destroço que batia naquela energia invisível e criada pela mente potencializada do lutador era impedido de avançar ou ricocheteado de volta.

A nave caiu sobre um dos quiosques, onde vendia um sorvete delicioso e apreciado pelo trio; ao contrário da que destruiu o caminhão de entregas, esta apenas se incendiava sem qualquer dano maior. As chamas se apagaram quando um vapor gélido foi liberado; uma cabina se apartou do veículo, que possuía um formato muito parecido com o de um jato militar, embora fosse desprovido de asas. A liga metálica era a mesma empregada nas

armaduras, mas sem tanta matéria cósmica; sem brilho, sem sofrer mudança de temperatura interna ou externa, muito resistente e prática.

O único tripulante usava um traje da mesma classe da que o artista marcial herdou, alterando somente a combinação de luzes: três faixas luminosas brancas, uma na espinha dorsal, do cóccix à nuca, e uma em cada braço, do dedo médio ao ombro, unificando-se com a primeira. Ao sair da nave, rastreou o local da queda, passando as informações aos companheiros, que ou ainda estavam em rota de colisão ou saíam dos veículos; e não demorou a encontrar os rastros da energia armazenada no Cubo.

Num movimento automático, Miguel se distanciou do casal e deteve o alienígena ainda na metade do percurso, apertando-lhe o pescoço e traspassando uma lâmina no coração; o oponente reagiu com um soco, mas o rapaz moveu a espada para a direita, cortando órgãos e ossos com facilidade, desviscerando-o. Tudo tão fulminante que Alan apenas compreendeu quando o invasor tombou ajoelhado, enquanto os nanorrobôs se apressavam a curar aquele ferimento; mas não havia esperança para o desgraçado. Fazendo as armas de tesoura, concentrando muita força nos braços, o novo soldado aplicou o golpe de misericórdia; e a cabeça rolou pelo chão, marcando-o com um sangue acinzentado, quase negro por causa das manipulações genéticas impostas pela ciência em busca da imortalidade.

— Cara... como...?!

Ignorando o assombro que provocara, o vencedor revistou o cadáver, recolhendo pequenas cápsulas de nanorrobôs, injetando-as em partes distintas do corpo; a armadura absorvia tudo, acrescentando cada novo componente ao sistema de ataque e defesa. Ao acabar, voltou-se aos dois que se aproximavam andando um espaço de quase cem metros; a adrenalina diminuía um pouco,

e já era possível enxergar outra vez como um simples garoto preso num traje dotado de superpoderes.

— Você o matou sem nem suar! — exclamou o escritor, ainda pálido e com o coração acelerado. — Como fez isso?!

— Não sei, mas fiz. Farei de novo, se precisar, pois vocês são meus amigos. Agora, Alan, hora de testar uma nova combinação! Não tardará para termos companhia.

As pessoas ao redor estavam atônitas com os fatos ocorridos até ali; as plantas gigantes, as vespas assassinas, os meteoros caindo, a briga do alienígena contra o rapaz sob uma armadura semelhante; cochichos e medo pairavam sobre cada rosto; gritos de dor e sofrimento, crianças chorando, destruição e morte proliferavam como vírus, contaminando almas inocentes numa guerra que ocorreria milhões de anos no futuro.

— Como assim?! — bradou Flávia, segurando a mão do namorado, que já erguia a camisa para pegar o objeto. — Vocês se esqueceram da merda que deu da primeira vez que essa coisa foi montada? Nem sabemos o que pode sair daí, sabemos? Você disse que é uma chave para outros mundos, Alan!

— Amor, aquele alienígena me deu isso por algum motivo, assim como armou o Miguel com essa simbiose *high tech*. Como eu disse antes, talvez quisesse que a gente descobrisse como trancar o acesso às todas e...

—... deter os que querem usar o Cubo como arma de dominação — completou Miguel, que já deduzira aquela parte pouco antes de assassinar o invasor.

— Essa coisa tem infinitas combinações, não? Foi o que você disse, amor.

— Não é infinito. Apenas tem número pra caramba.

— Que se dane! Não podemos sair abrindo portas até achar um modo de trancar todas! A cidade... ou melhor... o mundo não suportaria tantas invasões!

A ilustradora tinha razão.

— Gente, bom se decidirem logo! — avisou Miguel, captando vibrações iguais as que sentiu quando o alienígena de faixas brancas saiu da nave. — O tempo está curto para dilemas!

Alan apertou aquele objeto pequeno e cúbico entre dos dedos trêmulos, e a sensação de antes voltou; e seus olhos vislumbraram com mais clareza alguns poucos mundos, lugares que o antigo portador do Cubo estivera quando ainda detinha o controle sobre a invenção. Concentrando-se, procurou um planeta seguro e que forneceria aliados, se precisasse; era um pensamento estranho, mas latente. E a cor azul era a mais indicada do que todas as outras, numa sequência de idas e vindas, de colunas feitas e desfeitas, centro girado no lado oposto e repostado no lugar.

Uma fenda se abriu na vertical, exibindo uma savana, onde antílopes de seis chifres corriam; eram animais esguios, tão magros que se assemelhavam a galgos, cães apropriados para caçadas; seus pelos eram de uma beleza ímpar, em tons acinzentados e listras negras, como representações de raios elétricos. Atrás deles, com passadas largas, felinos enormes e de penugens escuras como a noite mais sombria os perseguiram quase na mesma velocidade; mediam facilmente mais de cinco ou seis metros de comprimento e um e meio de altura, e a juba vasta balançava graciosamente ao sabor do vento. Os luiseduardenses se assombraram com cada detalhe, desde a passagem aberta ao leão se jogando sobre a gazela, cravando suas presas em seu pescoço e arrancando nacos de carne e ossos.

O escritor foi o primeiro a entrar, indiferente ao perigo de ficar no mesmo ambiente que aqueles animais enormes; a namorada e o

amigo foram em seguida, pouco antes da porta se fechar, deixando para trás centenas de pessoas à mercê do assombro e de uma invasão.

# Capítulo 5

## ***Na Savana de Afcant***

*Ele* sempre foi um aventureiro; quando se alistou para servir às tropas, ambicionava explorar planetas e conhecer mais os segredos dos universos que eram conquistados; estava em seu DNA de cientista, uma longa tradição que passava de geração para outra, sem interrupções há dois ou três mil anos. Exímio combatente, conhecedor das ciências mais importantes de sua civilização e de intelecto assombroso até mesmo para os padrões de seu povo, não tardou a ser escolhido para algo grandioso: criar a ferramenta definitiva para a vitória. Na época, acreditava estar desenvolvendo um meio de transporte mais seguro e rápido, que permitisse deslocar as tropas por longas distâncias, e por dois séculos foi nisso que trabalhou, gozando dos privilégios obtidos a cada etapa bem executada; um dia, entretanto, ao lidar com a matéria principal da criação do artefato, teve uma espantosa noção do que estava por vir e da capacidade de seu invento. Mais do que uma chave para outros universos, o Cubo das Eras era uma arma capaz de usurpar o lugar do Criador.

Os leões prosseguiram em suas caçadas; aqueles que viram a chegada dos três visitantes não tiveram interesse em atacá-los, satisfazendo-se com as gazelas de três pares de chifres, devorando nacos e os mastigando com prazer; se não fosse a ferocidade seus ataques e a agressividade com que arrancavam a carne dos animais abatidos, seriam confundidos com gatos gigantes e meigos. As leas eram menores e mais esbeltas; ao contrário do que acontecia no mundo do trio, elas não caçavam para o bando com frequência,

sendo a tarefa dos machos sustentar o bando e o casal que o liderava.

Havia uma pequena hierarquia entre os leões-sombras, como eram conhecidos pelos nativos: um macho e uma fêmea, que possuíam um direito hereditário concedido primeiro ao primogênito, que então escolhia sua companheira entre as jovens; os irmãos do primogênito, por sua vez, formam núcleos familiares com duas, três ou cinco fêmeas, e eram os caçadores de elite, como aqueles que caçaram os antílopes, ficando geralmente com os melhores pedaços como recompensa pelo sucesso da empreitada; os demais machos se dividiam em proteger o grupo e farejar potenciais locais para caça e abrigo; as fêmeas, apesar de igualmente fortes e ágeis, eram mantidas sob o cuidado dos soldados, assim como os filhotes que elas zelavam, independente se eram suas crias ou de outras. Apesar de tão surreal, aquele sistema comunitário funcionava há séculos ou milênios, existindo alterações apenas em tempos de guerra entre clãs; conflitos entre leões de bandos diferentes, todavia, eram casos cada vez mais raros, como se aquelas feras felinas tivessem encontrado uma forma de conviverem sem recorrer a atos violentos com seus semelhantes.

— Qual é o plano agora? — perguntou Miguel, olhando para aquela imensidão de arbustos e poucas árvores, gramíneas em tons entre verde e amarelo e formas de vida típicas do bioma.

— O Cubo *queria* que eu viesse para cá — respondeu o escritor, desviando o olhar dos leões-sombras e encarando uma cadeia de montanhas não muito longe. — Acho que alguém aqui pode nos ajudar.

— Cara, você tem que parar de seguir essas vozes, na moral!

— Agora não foi uma voz. Foi diferente, sabe? Eu vi uma coisa que me puxava para cá, uma pessoa que talvez possa nos dizer mais sobre aqueles grandalhões que caíram na cidade e o Cubo.

— Aqui parece a África — comentou Flávia, que não queria pensar muito no que poderia acontecer com Luís Eduardo Magalhães agora que era invadida por alienígenas.

— Aham — concordou o artista marcial, terminando de analisar o ambiente. — E deve ser mesmo. Ou é uma réplica perfeita do continente africano.

— Vamos para lá!

Alan apontava para a cadeia de montanhas, cujos picos pareciam conter resquícios de neve e lama; Miguel calculou que percorreriam uma distância de nove ou onze quilômetros, atravessando a savana, um pequeno oásis de arbustos, adentrando um bosque maior, ao pé dos montes.

— Os leões não parecem nos querer mal — observou a pintora.

— Viu o tamanho deles? São enormes. A gente nem taparia um buraco de um dente do menor deles, Fla — comentou o namorado, sorrindo. — Além do mais, algo me diz que eles podem até nos ajudar eventualmente, se precisarmos.

— Esse Cubo aí quem falou isso?

— Mais ou menos, Miguel, mais ou menos.

Na verdade, cada minuto em contato com as faces multicoloridas do objeto deixava a mente de seu portador mais aberta a segredos e revelações que brotavam em momentos adequados, permitindo certezas onde antes havia apenas intuições e palpites arriscados; com o tempo, era possível que Cubo e corpo se tornassem uma coisa só, como se o artefato fosse a alma.

— Melhor irmos logo então — sentenciou o garoto de armadura, enquanto os nanorrobôs, que vez ou outra se pareciam com grãos

finíssimos de areia negra, escorriam pela cabeça, deixando seu rosto exposto.

— Você fica melhor com o capacete, Cyrax — brincou Alan, guardando a chave cúbica no pano preso à barriga.

— E você fica melhor sem alguns dentes.

Os três andaram sob aquele sol escaldante por uma hora ou mais; como logo notaram, era ainda metade da manhã naquele mundo, e o calor e a sede castigavam, tornando a jornada fatigante. Por duas vezes, à sombra de alguma árvore com pouca folhagem, eles pararam para que tanto o escritor quanto a ilustradora recuperassem o fôlego; apenas Miguel não cansava ou suava, pois a armadura controlava com exatidão a temperatura corporal e o uso de energia para as atividades simples, poupando para as complexas e que exigiriam mais.

A fauna daquela savana impressionava pela semelhança com a encontrada na Terra: além dos leões-sombras e antílopes de seis chifres, criaturas de longos pescoços arrancavam as folhas das copas mais altas; não eram girafas, pois possuíam escamas salientes nas costas, em três fileiras que iam da ponta da longa cauda até o topo da cabeça, unindo-se numa crista que formava um único corno. Aves grandes sobrevoavam o local, e se diferenciavam das existentes no mundo do trio por possuem dois pares de asas, que se movimentavam em sincronia; mamíferos esguios e com dentes escancarados comiam as sobras dos animais abatidos por outros carnívoros ou cadáveres dos que morriam de velhice ou doença; e sua aparência era a de uma hiena, embora fosse mais grotesca, com os pelos endurecidos e patas terminadas em dois cascos.

— Será que são ameaças? — indagou Alan, depois de ver como aquelas feras carniceiras estraçalhavam um corpo em avançado estado de decomposição.

— Talvez, mas acho que só quando não encontram alimento podre — respondeu o amigo, que estava mais concentrado em testar uma das cápsulas adquiridas.

Era uma pistola muito curiosa, que ficava fixa ao punho, mas de maneira reflexível; tal como as espadas, respondiam ao menor estímulo, embora o rapaz não tivesse efetuado qualquer disparo.

— Você pegou as paradas do cara e nem sabe a utilidade de nenhuma?

— Dá um desconto, Alan! Esta armadura não vem com manual de instruções e nem tem uma voz para dizer o que devo fazer!

— Mas você enfrentou aquele alienígena sem precisar disso, não? — apontou Flávia, esticando um pouco mais as pernas.

Estava arrependida de usar aquela calça *jeans* que apenas esquentava sem parar e a fazia suar como nunca antes.

— Foi um lance de sorte aquilo lá — admitiu o amigo, recolhendo a pistola e verificando um fuzil de quatro canos que surgiu no outro pulso.

— Mano, acho bom treinar sempre que puder, pois lances de sorte costumam se tornar de azar de uma hora para a outra. E não acredito que azares sejam favoráveis diante daqueles homens do espaço.

— Entendi.

Quando retornaram à caminhada, o sol daquele mundo estava no ápice, indicando que já era meio-dia; e a fome se tornou outro problema. Com a correria na lanchonete, pouco dos sanduíches foi aproveitado, e Alan e a namorada sofriam com as dores de barriga e roncões; se uma daquelas tantas frutinhas vermelhas e amarelas fosse conhecida, teriam agarrado bons punhados delas para

mastigarem e enganarem o apetite. E foi com grande alívio que os dois se jogaram na água do pequeno rio que cortava um pedaço verde em meio ao deserto de gramíneas desbotadas, com roupas e tudo; beberam bastante, numa tentativa de trapacear o estômago.

Miguel se manteve alerta, certificando-se que nenhum crocodilo ou qualquer outro predador ameaçasse os dois; ainda não sentia sede nem fome, tampouco se incomodava com o calor excessivo. Os olhos amendoados se fixaram no Cubo deixado na margem, pensando nas razões que um desconhecido teria para confiar um objeto tão poderoso nas mãos de um garoto; havia se perguntado sobre a armadura, mas desistira de entender, assim como fizera o mesmo com o novo questionamento. A única certeza que tinha era que deveria proteger o portador da chave a qualquer custo; e aquele lhe parecia um bom motivo.

Alguns antílopes de seis chifres se aproximaram da margem oposta para beber água, e um deles permitiu que Flávia acariciasse seus pelos curtos e macios; era um animal aparentemente dócil e sem medo de ser morto.

— Acho que não existem humanos aqui — disse Alan, ao se aproximar do amigo.

— Também tive essa impressão.

O escritor arfou, observando a beleza da namorada; era abençoado por tê-la ao seu lado, independente do que acontecesse.

— Você acha que conseguiremos salvar LEM? — perguntou Miguel, num sussurro.

— Não sei se é a cidade que devemos salvar, mas espero que sim.

Os dois começavam a compreender o tamanho daquele fardo imposto pelo destino.

— Se algo me acontecer — acrescentou Alan, sentindo um aperto no peito —, a vida dela está em suas mãos, certo?

— Certo.

— Olha, amor! — exclamou a pintora, indicando um filhote de gazela que comia algumas frutinhas azuladas de uma planta aquática. — Será comestível pra gente?

— Só há um jeito de saber — respondeu o lutador, pondo-se de pé e indo até um arbusto e arrancando alguns frutos pequenos.

Comeu-os e retornou ao local em que estava.

— Vamos esperar um pouco — disse. — Se nada me acontecer, vocês podem comer.

A coragem dele era impressionante. E ficava cada vez mais evidente que a escolha do alienígena não foi em vão.

# Capítulo 6

## ***O Homem que se Achava um Deus***

A descoberta da artemagia mudou tudo; o conceito de magia passou a ser obsoleto nos anos seguintes, pois era um nome tolo para uma força cósmica infinita, mutável e essencial para a vida; estava enraizada em tudo sobre ou sob os céus, flutuando sobre os olhos cegos das pessoas; e seu uso no processo de imortalidade foi crucial para neutralizar os efeitos provocados pela nanorrobótica. A humanidade progrediu por milênios nos estudos e testes, desenvolvendo máquinas de guerra, milagres médicos e compreendendo os segredos da Criação, algo que os cientistas alegavam ser a chave para “matar o Criador”; as religiões, já enfraquecidas, desapareceram em pouco tempo, pois cada ser humano era seu próprio deus, e aquilo era algo muito perigoso.

Enquanto caminhavam, os três amigos eram seguidos pelos antílopes, que se afeiçoaram ao jeito carinhoso da pintora; as frutinhas azuladas eram muito nutritivas e de efeito energético para o metabolismo humano, espantando o sono e o cansaço em instantes. E o sol que se punha entre as montanhas à esquerda era um dos espetáculos mais lindos jamais testemunhados pelos olhos de um habitante da Terra.

— Se aqui não vivem humanos, o que encontraremos quando alcançarmos nosso objetivo? — sussurrou Miguel, não querendo preocupar a agora alegre Flávia.

— Os aliens são exploradores — começou o escritor, que estava sem camisa, pois esta abarrotava-se de frutas colhidas no rio —, portanto, creio eu, que devem ter passado por muitos mundos,

colonizando ou analisando a possibilidade de colonização, sabe? Como os europeus fizeram no final da Idade Média e por aí vai. Se forem espertos, dividiriam os planetas nos que podem ser devidamente explorados para fins comerciais ou algo do tipo e nos que serviriam de moradia ou construção de unidades para melhor distribuição das tropas de exploração. Devem ter feito isso antes de inventarem o Cubo, pois imagina só os gastos que devem ter para locomover frotas pelo espaço, mesmo possuindo recursos avançadíssimos de propulsores e afins; mesmo que pudessem viajar à velocidade da luz ou além, provavelmente, as despesas não seriam poucas.

— O que sugere com isso?

— Talvez este mundo seja uma das colônias de moradia ou de suporte, mas foi abandonada por algum motivo.

— E o que faz pensar assim?

— Estamos aqui há horas e não fomos atacados ainda. Lá na praça aquele cara precisou somente de alguns segundos para nos localizar e vir para cima, não? Imagina aqui, numa instalação completa?

— Faz sentido.

— Elementar — concluiu Alan, sorrindo e indo para perto da namorada.

Era final de tarde quando chegaram ao bosque aos pés das montanhas, e daquele ponto em diante as gazelas se recusaram a continuar, berrando e se assustando, o que fez o jovem guerreiro ativar em tempo integral tanto o capacete quanto a pistola e uma das lâminas; e cada vez mais que adentravam a selva e o sol se punha, mais atentos os três ficavam. Quando a noite chegou de vez, improvisaram tochas usando galhos grossos e incrivelmente leves, que enrolaram em palha e resina de aroma intenso e que

lembrava guaraná; o fogo foi útil para avançarem pelo restante do trajeto.

Assim que saíram do bosque, encontraram uma trilha entre rochas e paredes montanhosas; seguiram por ela por uma hora mais ou menos, fazendo pausas pequenas quando possível para descansarem os pés e comerem porções das frutinhas, que logo acabaram, permitindo ao escritor vestir a camisa para se aquecer, pois o frio agora era que castigava.

— Tudo quieto demais por aqui — observou Miguel, que mantinha as armas em prontidão.

— Aham — concordou a amiga.

Os únicos sons de seres vivos vinham lá de baixo, das feras noturnas; acima da trilha e além dela, nos picos gelados, tudo era o mais absoluto silêncio, exceto pelas pisadas dos aventureiros no cascalho e o vento que ocasionalmente zunia.

— Estamos perto, já — falou Alan, forçando a vista para enxergar os vultos imóveis centenas de metros à frente. — Você tem visão noturna ou de infravermelho, Miguel?

— Vamos saber agora.

Apesar do capacete não ter qualquer sinal de óculos ou viseira, o sistema desenvolvido possibilitava que o usuário visse tudo com riqueza de detalhes e variadas camadas; e o modo noturno era espetacular, diferenciando completamente do que era conhecido até então.

— Tenho visão noturna com possibilidade de mapear rastros de temperatura — confirmou.

— Qual o alcance máximo?

— Eu acertaria uma mosca, se quisesse.

— Sem exagero?

— Sem exagero.

— E o que vê?

Alan parecia saber o que fazia, e aquilo o espantava mais do que espantava os outros.

— Há uma construção antiga, colunas rochosas e com símbolos gravados. Deve ser um templo ou...

— Totens?

— Olhando bem, sim, têm representações de animais no ponto.

— Que animais?

— Leões, antílopes, algo que parece cavalos...

— Interessante.

— Agora pode me dizer o que busca?

— Quando escolhi vir para cá, vislumbrei um templo cheio de totens feitos de pedra e vi um homem alto e cinzento, como o que caiu na lanchonete. Ele estava nu e era adorado por uma multidão de criaturas híbridas, meio equinas e meio humanas.

— Centauros?! — surpreendeu-se Flávia, erguendo a sobrancelha.

— Talvez, mas o Cubo *falou* outro nome e *avisou* que eles precisavam ser libertados de um falso deus e que aqui acharíamos algumas respostas.

— Cara, essas paradinhas aí que o Cubo passa sempre vem em doses ou você que nos oculta as informações mais importantes? — zangou-se Miguel, encarando o amigo, e o brilho das faixas se intensificou.

— Um pouco dos dois, eu acho.

Embora não fosse a ocasião, a pintora deu um risinho.

— Então, pelo que entendi, vamos matar um falso deus e libertar um monte de centauros — disse o artista marcial, ignorando a resposta cínica. — Só quero entender a parte que matar uma divindade nos ajudará em alguma coisa.

— Você viu o que o gesto bondoso da Fla ao afagar uma gazela nos proporcionou, horas antes? — retrucou Alan, passando os olhos rapidamente na namorada. — Conseguimos a gratidão dos bichos e eles nos mostraram as frutinhas. Imagina se libertarmos um povo oprimido por um tirano! E não custa sermos empáticos de vez em quando com alguém.

— Alan, confiei em você até aqui e continuarei confiando, mas tenta ser mais objetivo no que quer que eu faça da próxima vez!

— Tentarei.

O templo era muito grande, todo feito em rochas e pedras bem polidas; uma construção megalítica que lembrava as que existiam pela Europa, mas os totens, num total de quarenta e um, representavam os animais daquele país ou continente e se assemelhavam muito a algo encontrado na Oceania ou Américas. Ao centro, bem mais recente do que as colunas, uma estátua gigantesca de um homem careca sentado sobre um monstro de seis patas que lembrava um lagarto; era ele o falso deus, afirmou o escritor, enquanto continuava olhando os arredores.

— Miguel, hora de testar a pontaria — falou, distanciando-se. — Derrube o ídolo!

— Hein?!

— Precisamos chamar a atenção deles, oras.

— E derrubar a estátua vai ajudar?

— Funcionou com Bastilha, que era um presídio...

Miguel desistiu de argumentar.

— Afastem-se! — pediu ele, direcionando a pistola para a figura de pedra que não tinha a menor emoção em suas expressões endurecidas.

O metal da armadura adquiriu uma leve resistência, preparando-se para o disparo; um projétil luminoso atingiu a cabeça da escultura, explodindo-a em milhares de fragmentos; outro detonou o peito nu e marcado por cicatrizes, levando abaixo o braço esquerdo, que segurava uma lança com um cristal na ponta; mais dez tiros bem direcionados desfizeram em dois minutos o que dezenas de artistas gastaram dois meses fazendo.

— E agora?

— Esperamos — respondeu Alan, sentando-se num lugar confortável entre peles de leões-sombras e grandes blocos que possuíam uma finalidade desconhecida. — Eles virão pela manhã, antes do sol nascer.

— É sério isso?!

— Sim, cara.

Flávia se aconchegou ao lado dele, sendo abraçada e beijada; cobriu-se com as peles, que cheiravam a flores silvestres. Aquele

fora um longo dia de reviravoltas e emoções no limite, embora ela tivesse se saído bem aos olhos do namorado; era uma garota forte quando queria.

— Se é assim, vou montar guarda — cedeu Miguel, caminhando ao que sobrara do ídolo. — Não estou com sono nem cansado. E espero sinceramente que essa sua loucura seja capaz de nos ajudar.

— Saberemos pela manhã, amigo. Esteja preparado!

O céu estava cheio de pontos luminosos, estrelas que se multiplicavam como grãos de areia pela praia; havia se passado muitas eras desde que os olhos humanos viram algo assim pela última vez, restando apenas uma vaga lembrança quando alguém erguia o olhar e se contentava com um punhado ínfimo de luzes cintilantes.

— Amor, você está me escondendo algo — sussurrou a pintora, passando os dedos delicados sobre o peito do namorado, como sempre fazia, em outros momentos.

— Não consigo mentir para você, não é verdade? — perguntou ele, sorrindo e beijando-a na testa como sinal de respeito e admiração.

— Somos almas gêmeas, e corações destinados a nunca se separarem sabem quando há um segredo.

Alan nada replicou. Já estava se odiando por esconder tantas informações, e mentir seria imperdoável; omitir lhe pareceu o melhor a se fazer.

— Você se lembra de quando nos conhecemos? — indagou Flávia, agora com a voz tão amena e doce que parecia o cântico de um anjo.

— Como esquecer o dia em que minha vida começou?

Ela corou, mas, sob aquela luz pálida da lua e das estrelas, era impossível para o escritor notar.

— Era uma noite sem lua — acrescentou ele, fechando os olhos. — Miguel e eu estávamos entediados com a chatice da festa. “Vai ser divertido”, foi o que ele me disse, mas não foi. E eu queria muito ir para casa, pois tinha um capítulo para terminar ou perderia a ideia.

— E eu me sentia uma estranha ali. Fui arrastada por minha irmã, afinal passava a maior parte do tempo desenhando e lendo muito.

— Nossos olhares se encontraram ao acaso, não foi?

— Foi impossível desviar depois disso.

— E eu acreditei pela primeira vez em destino. Eu poderia estar em casa naquela hora, escrevendo e mudando palavras e estruturas, odiando cada frase mal colocada ou amando uma ideia boba, bebendo litros de café.

— Eu, desenhando e rabiscando unicórnios, fadas e gnomos.

Ambos riram.

— É assustador pensar que tudo poderia ter sido diferente, não? — indagou ela, arrepiando-se.

— Sim, é sim.

Olhando para aquele manto estrelado, a mente de Alan divagou sobre a Teoria do Caos: se apenas não tivesse ido à festa, ela não estaria com ele naquele instante, passando por perigos em um mundo desconhecido; era incrível como grandes eventos dependiam de pequenos fatores, movimentos tão insignificantes para que acontecessem. Eles namoravam já havia alguns anos e começavam a fazer projetos e planos típicos de um casal feliz: noivado, casamento, onde morariam, quantos filhos teriam, as oportunidades

no exterior... mas saber que tudo poderia ser desfeito com uma mudança de percurso o amedrontava de alguma forma.

— Eu a amo, Fla — falou, por fim, afastando aqueles pensamentos perturbadores e que ofuscavam a magia do momento. — Nunca se esqueça nem por um segundo disso.

— Eu também o amo.

Do alto do que sobrou da estátua, Miguel olhou os amigos se beijarem apaixonadamente e abaixou a cabeça; e uma lágrima rolou pelo olho, sendo absorvida pelos nanorrobôs.

# Capítulo 7

## *Deicídio*

As explorações e colonizações quase sempre envolviam combates violentos ou a destruição de uma grande parte do planeta; e a ganância do general que destronou os políticos e ditou uma tirania era sem limites conhecidos; toda a ciência empregada para o bem da humanidade e afins foi convertida para as áreas militares, surgindo as classes mais avançadas de armaduras, naves capazes de suportar quedas e explosões, armas de alto poder de fogo e munição infinita, desde que houvesse artemagia, e esta energia estava em todos os mundos invadidos e conquistados. Quando o Cubo das Eras ficou pronto, os testes iniciais foram animadores: alguns valiosos soldados de altas patentes foram conduzidos a lugares mais primitivos, tendo a missão de se proclamarem deuses ou seus mensageiros e tornarem viáveis as construções de bases de apoio sem o uso de violência ou desgastes de recursos naturais; era um plano oposto ao de pilhagem e se mostrou eficiente por muitos anos. Tudo mudou, todavia, quando o inventor da chave descobriu a desgraça que sua mente criara.

— Alan! Flávia! — chamou a voz de Miguel, com urgência. — Levantem logo!

O trotar de centenas de cascos produzia um som agradável no cascalho e chão duro, ecoando pelas montanhas; alguns dos seres híbridos galopavam, mais à frente do restante do grupo, e foram eles quem avistaram as ruínas do ídolo e alarmaram os demais com o sopro de instrumentos que lembravam trombones; uma gritaria se espalhou, misturada a ofensas e clamores no dialeto nativo.

O escritor bocejou duas vezes e procurou o Cubo, achando-o próximos aos pés; ainda sonolento, girou algumas peças, porém completando duas fileiras brancas apenas; em seguida, após uma breve hesitação, trocou o centro branco pelo negro, completando a parte de cima com a cor branca.

— Espero que funcione — foi tudo o que disse, antes de se levantar e andar para o meio do templo, onde as criaturas puderam apontar as flechas.

— Alan! — desesperou-se a namorada, ainda atordoada pelo sono.

— Vou cuidar dele, Fla! Só nos espere aqui!

A aparição de Miguel fez aqueles sagitários estremecerem; alguns se horrorizaram, não admitindo a existência de outra divindade que não fosse aquela que adoravam sob o temor de danação.

— Não viemos para causar mal! — gritou Alan, e a língua portuguesa soava como o dialeto daquele povo de pele escura e marcada por cicatrizes rituais. — Nem somos deuses ou mensageiros com o desejo de impor uma religião opressora! Somos viajantes de um mundo distante e estamos aqui apenas para mostrar que aquele que vocês adoram é uma farsa! Sabemos que o temem, mas ele não é tão poderoso quanto se diz, embora tenha a fama de feitos lendários! E se nos derem uma chance, destruiremos o falso deus e devolveremos sua liberdade e o culto ao deus que seus antepassados louvavam e vocês ainda sussurram o nome quando estão distantes de olhos e ouvidos delatores!

— Você é insolente o bastante para proferir tais palavras, mas seria o suficiente para prová-las? — perguntou um sagitário robusto, que vestia peles de um réptil desconhecido sobre o peito marcado por listras horizontais em ziguezagues.

— Vejam meu amigo! Ele não possui a altura daquele que se intitula deus, mas carrega o mesmo traje! E ele é semelhante a

vocês em cor mais do que eu ou aquele que é adorado por causa do medo da morte e do castigo!

O lutador entendeu que era necessário mostrar o rosto, e o fez em poucos segundos; por ser afrodescendente, sua pele era idêntica a dos indivíduos daquele povo das savanas.

— Enfim, eu confio em minhas palavras e intenções, assim como em meu amigo! — continuou o autor de ficção. — E é tendo essa confiança que peço que o obriguem a enfrentar Miguel num combate até a morte!

Murmúrios, exclamações e expressões de assombro predominaram até que o chefe da tribo, que era o único ali que tinha o direito de conversar com estrangeiros no primeiro dia, ordenou que todos se calassem.

— Não se pode obrigar um deus a nada! — esbravejou ele, batendo os cascos dianteiros no chão duro, com certa impaciência.

— Nem a defender sua honra?

A ousadia daquele estrangeiro impressionava, e ele teria sido morto com facilidade se fosse da vontade dos sagitários situados acima de um morro, num ponto estratégico; o fato era que aquelas palavras heréticas tinham um efeito profundo para cada ouvinte, pois traziam uma esperança que começava a ser perdida pelos mais velhos, que ainda se recordavam dos cultos livres, de quando não precisavam se submeter aos caprichos de um deus mesquinho.

— Toquem os tambores! — ordenou o chefe da tribo, voltando-se aos sacerdotes.

Houve uma rápida contestação, porém seu olhar severo fez com que os batuques fossem tocados num ritmo tipicamente africano para audição dos três brasileiros; eram sons potentes e que

ecoavam com extrema naturalidade pelas colinas, espalhando-se e elevando-se aos ares, alcançando regiões remotas.

Miguel não teve muito problema em definir o padrão das batucadas, associando-as a uma sequência musical única, que era captada pelo sistema da armadura ou de qualquer coisa existente naquele mundo e traduzida como uma ameaça aos planos do falso deus; provavelmente fora o alienígena quem ensinara aquilo ou desenvolvera os instrumentos de modo a captar aquele padrão de fenômeno sonoro em especial.

Um raio caiu ao lado da estátua destruída, erguendo poeira e destroços, causando agitação entre os sagitários que se prostraram diante do homenzarrão que surgiu entre tanto pó e barulho; robusto, era um amontoado de músculos que invejaria um fisiculturista da Terra, e o traje nanorrobótico que usava, com dez faixas distribuídas simetricamente pelo corpo, em um tom esverdeado, dava-lhe um aspecto monstruoso. A escultura que o representava não fazia jus ao que era naquele momento: um gigante de quase três metros de altura, tão musculado que os braços arqueavam e o peito vasto se movia como se fosse uma montanha; na mão esquerda, a lança com a ponta de cristal, que era de um brilho diferente de qualquer coisa já vista por qualquer humano em milhares de anos de existência e redescoberto em sítios arqueológicos milênios no futuro, na busca pela imortalidade e entendimento do princípio que regia todos e tudo. Ele andou com passos pesados, e cada passo parecia fazer a terra estremecer e os corações dos seus súditos se encherem de temor.

Apesar do capacete inexpressivo que usava, seus olhos se arregalaram ao sentir a presença do Cubo e identificar quem o portava; não acreditava que um garoto franzino e desprovido das dádivas da ciência pudesse ser capaz de manipulá-lo e abrir as portas para outros mundos. Por fim, com desdém, analisou o outro moleque, achando graça que uma armadura tão poderosa estivesse

sob o controle de alguém que nem sabia o quão superior poderia ser entre todos.

— Por que fui invocado? — bradou, e sua voz soava como um trovão.

— Reivindicamos o direito de desafiá-lo para um combate até a morte pela liberdade deste povo! — respondeu Alan, esforçando-se para conservar o olhar destemido perante aquele colosso de escuridão e luzes.

— E quem são vocês para reivindicar?

— Sou Alan, o Senhor do Cubo, e este é Miguel, um amigo que possui uma armadura igual a sua e a cor de pele idêntica ao do povo que você escraviza com mentiras e superstições!

O falso deus atentou para o lado, onde Flávia se escondia com os olhos lacrimejados.

— Acham mesmo que podem vencer um deus? Acham que podem matar Yuguayagt, que subjugou dragões, gigantes, demônios abissais e deuses que viviam nesta terra? Acaso sabem quantos séculos eu possuo ou quantas conquistas eu carrego e quantas mulheres eu tive como troféus?

O escritor cerrou o punho; se pudesse, teria socado até a morte aquele maldito.

— Está tentando me amedrontar com palavras para evitar ser humilhado num combate? — perguntou Miguel, tomando a iniciativa, cobrindo a cabeça com os nanorrobôs.

O alienígena se moveu ligeiro, investindo a lança no peito do rapaz; não esperava que este conseguisse desviar e aplicar uma cotovelada na costela, enterrando metade de uma lâmina em órgãos vitais.

— Ele sangra! — vociferou Alan, indicando o sangue escuro que fluía lentamente do ferimento aberto. — Como confiam num deus que sangra tal como vocês?

O colosso se recuperou, agarrando o rosto do terráqueo e o atirando para longe; a violência do golpe foi tamanha que um pedaço da espada ficou cravada no corpo; apressou-se a forçar o traje a curar aquela ferida, mas logo descobriu que algo estava errado: os organismos sintéticos eram incapacitados de qualquer coisa por causa da energia impregnada em sua carne.

Miguel já havia se levantado; ajeitando as pistolas, disparou algumas vezes contra o oponente, acertando apenas três lances, que o desequilibraram, sem grandes danos na armadura. Trocando rapidamente de arma, bloqueou o ataque da lança com ambas as espadas, sendo empurrado contra um totem devido à força descomunal do outro; ao achar um apoio, flexionou o joelho esquerdo, deixando-se ser pressionado para baixo, apenas para ativar uma lâmina e penetrá-la na coxa do adversário.

Sentindo dor, o falso deus afastou um pouco, permitindo ao lutador marcial alterar outra vez uma das armas, retornando a pistola; o tiro a queima-roupa perfurou um pouco o tecido nanorrobótico, queimando a pele acinzentada do alienígena, que se enfureceu e ativou um pequeno canhão, disparando-o de modo cego.

Pulando para o lado, o jovem combatente agarrou um bloco e o arremessou contra o inimigo, que o estraçalhou com outro tiro; a quantidade de poeira impossibilitou uma visão melhor do colosso, que tombou com outra saraivada de feixes aquecidos destruindo seu traje. Com aquele homenzarrão arrogante quase de joelhos, foi mais fácil desferir uma sequência combinada de chutes e socos com lâminas, perfurando-o e inutilizando grande parte dos nanorrobôs; ele não sabia como tinha aquelas informações de pontos fracos, mas seus conhecimentos de artes marciais eram sincronizados às habilidades que sua armadura possuía.

Urrando, o falso deus segurou os braços do garoto e deu uma cabeça forte em seu peito, ouvindo os ossos da caixa torácica estalarem e se partirem como gravetos; soltando um dos membros superiores, sacou uma espada e a cravou até o cabo na barriga de Miguel, atravessando-o.

— Não! — desesperou-se Flávia, horrorizada com aquela cena.

Alan engoliu em seco; estava esperançoso quanto ao sucesso do amigo, e aquele golpe inesperado ferrara com as chances de êxito.

— Eu tenho séculos de combates, moleque! — gritou o alienígena, arremessando o corpo mole do garoto contra um totem, que caiu ruidosamente montanha abaixo. — E não foi complicado descobrir seu padrão de ataque!

Jogou o jovem no chão de cascalho e pisou em sua cabeça, apertando-a com o desejo de esmagá-la como uma noz e espalhar os miolos pelo cascalho; contudo não foi muito além, pois uma detonação interna abriu um oco em sua costela, no local exato que parte de uma espada ficava presa.

Esforçando-se para se erguer, Miguel preparou as pistolas, exigindo dos nanorrobôs a carga máxima de energia para um único disparo; os ossos estavam fraturados e todos os órgãos sangravam e vazavam; a dor era lancinante e a boca estava encharcada de sangue. Ele se concentrou, deitando-se de costas pra terra dura e pedregosa, vendo o colosso ainda ter forças para ansiar uma investida com a lança; mirou na cabeça, ciente de que ali obteria o final da luta com mais facilidade.

— Até mais, idiota! — gritou, unindo as mãos, apesar dos ombros deslocados.

Os disparos se conectaram numa esfera só, incinerando o crânio do falso deus, que ainda se locomoveu por cinco ou sete passos, enquanto o organismo nanorrobótico agia sob o último comando

passado; quando o fragmento de consciência se extinguiu, o corpanzil destruído caiu ao lado do vencedor, que se desfez do capacete e deixou uma massa rubro-negra sair da boca. Ele havia matado um suposto deus; e agora teria de lutar contra a morte.

# Capítulo 8

## *Entre os Sagitários*

O uso deliberado de engenharia genética dera aos homens mais do que a desejada imortalidade: a pele acinzentada, a ausência de pelos e o escurecimento do sangue vieram como consequências pela ambição. Com a descoberta da artemagia, que foi aplicada a praticamente tudo, a conquista da vida eterna se desfez, pois a energia era tanto criadora quanto destruidora, dependendo da forma que era usada; se a nanorrobótica era uma aliada para cicatrizações em combates, misturada ao princípio cósmico, o efeito era variável: tanto poderia curar quanto neutralizar e até mesmo matar. Portanto, ficou proibida a fabricação de um traje que pudesse inutilizar outro e, eventualmente, assassinar alguém que, pela lógica, não deveria morrer; no entanto, nos anos em que o Cubo fora objeto de uma disputa violenta, muitos trajes foram criados com a finalidade de desfazer os milênios de progresso. A armadura herdada por Miguel, contudo, estava muito além da simples finalidade de causar danos a outras: era um organismo vivo e simbiótico, que jamais deixaria que o hospedeiro morresse. De algum modo, o cientista que inventou o Cubo das Eras, entre suas viagens pelos mundos abertos pela chave, encontrou entidades muito acima da astúcia humana naquela época; elas o ensinaram a converter cada partícula da nanotecnológica do traje que usava para ganhar consciência e se tornar inteligente, sempre se adaptando e aprimorando. Teria sido algo excelente para sua missão, mas a artemagia não agia com total liberdade num corpo corrompido por mudanças forçadas, e apenas um humano ainda preservado da ânsia de poder seria capaz de desfrutar aquela benção quase divina.

Enquanto Alan e Flávia choravam pelo amigo, que agonizava e tinha a respiração entrecortada, os nanorrobôs trabalhavam na reconstrução dos tecidos, órgãos e sistemas destruídos, multiplicando-se como bactérias e se transformando em células vivas, sob o milagre da artemagia; ossos eram recolocados em seus lugares e as fraturas sumiam como se nunca tivessem existido; o sangue perdido era repostado na mesma quantidade; os pulmões perfurados eram completamente reconstituídos...

Os sagitários comemoravam a morte do deus tirano, batendo tambores e soprando as cornetas com grande disposição, trotando e galopando em volta do templo, clamando o nome da divindade que adoravam antes da intromissão do alienígena; apenas o chefe da tribo, que dera o primeiro grito de euforia, estava junto aos garotos, observando aquele que libertou seu povo.

— Eu não queria que isso acontecesse... eu sinto muito, cara... — lamentava o escritor, segurando a mão do amigo. — Eu não... eu não queria...

— Tudo bem — era tudo o que Miguel conseguia dizer.

— Vamos para a tribo — falou o sagitário, com a voz amena. — Lá os curandeiros podem cuidar de seu amigo.

Alan assentiu, enxugando as lágrimas e se levantando; fungou duas vezes antes de pedir que o cadáver do falso deus também fosse levado, alegando que precisaria checar uma coisa ou outra antes de descartar aquela carcaça.

— Se assim deseja, atenderei em agradecimento ao que fizeram por nós hoje — assentiu o líder, gesticulando para os companheiros que trouxeram liteiras carregadas de oferendas, que agora eram distribuídas entre os que festejavam a morte do opressor.

Em poucos minutos, uma pequena caravana descia a trilha, enquanto os demais continuaram no templo para limpá-lo das

imundícies e destroços, devolvendo-lhe os tempos de glórias e santidade.

— Sou Gnut, filho de Tnut — apresentou-se finalmente o chefe da tribo, com o orgulho de quem carregava uma longa linhagem de soberanos tribais.

— Sou Alan e ela é Flávia, minha namorada — replicou o escritor, que assumira a tarefa de representar o trio de modo geral —, e nosso amigo se chama Miguel.

— Eu ouvi os nomes de ambos quando desafiou Yugayuagt.

A vista àquela altura do monte era magnífica: a savana se estendia como um manto dourado salpicado de verde em diversos pontos; animais grandes, como aqueles que pareciam girafas com escamas ou elefantes listrados, bandos de leões-sombras, gazelas que saltitavam, pássaros carniceiros, a fauna ali era abundante e fantástica, e muitos zoólogos da Terra dariam a alma para investigar, denominar com termos científicos e catalogar aquelas criaturas.

— Vocês não são deste mundo, certo? — questionou Gnut, desviando o olhar para o horizonte.

— Nem somos do mundo *dele* — respondeu Alan, com tranquilidade. — Nosso mundo foi invadido por vários semelhantes a ele, e estamos numa busca para detê-los.

— E o que buscam está em meu mundo?

— Não, mas as pistas nos conduziram até aqui.

— Os deuses sabem o que fazem, de fato. Sua busca nos devolveu a dignidade e restaurou a honra de nosso deus maior. O que querem encontrar é algo bom, e será revelado no devido momento.

— Como se chama esta terra, Gnut?

— Afcant, que significa “onde os deuses descansam”.

Durante todo o percurso, o rapaz e o sagitário conversaram sobre as semelhanças e diferenças dos dois mundos; ambos se mostravam interessados em saber mais a respeito de cada lugar, e o papo foi produtivo. Flávia, que vez ou outra prestava atenção na conversa, notou que Miguel se recuperava dos graves ferimentos, e aquilo acalmou seu coração; quando interrompeu o namorado, que falava sobre os felinos da Terra, este se encheu de alegria que soltou um xingamento de alívio.

— Qual o significado das marcas no corpo para vocês? — perguntou Alan, depois de trocar breves palavras com o amigo, que já conseguia respirar com calma e falar frases mais elaboradas.

— Identidade e respeito aos sofrimentos que a vida traz — explicou Gnut, com simplicidade. — Somos marcados ainda crianças, pois devemos aprender que a dor se faz necessária para que a nossa passagem do nascimento à morte seja digna aos olhos dos deuses. E repetimos o ritual a cada natalício. Não cultuamos nem o sofrimento nem a dor, mas os respeitamos, e as cicatrizes que carregamos são lembranças, independente se foram feitas por nós ou por quem estimamos, se foram ferimentos de uma cerimônia ou numa caçada ou batalha. Claro que as maiores e mais importantes marcas são aquelas que os olhos não veem na pele, e sim na alma.

— Interessante isso. No meu mundo também há povos que praticam a escarificação, mas acho que só aqui encontrei uma poesia para a prática.

Por viverem na savana ou nas cercanias dela, os sagitários adquiriram alguns hábitos peculiares; a agilidade equina impressionava, sobretudo em campos e terrenos mais abertos, onde galopavam e caçavam antílopes. O desenvolvimento da arquearia foi crucial para que se destacassem dos demais povos de

Afcant; a fama de exímios arqueiros acabou servindo para que eles adotassem “sagitário” não como um adjetivo, e sim como um substantivo, um nome para a raça de híbridos. O arco era como um amuleto, algo que jamais deveria ser abandonado ou tocado por outro indivíduo; e um sagitário sem esse instrumento era um ser sem dignidade.

A tribo situava-se numa grande área descampada, no centro de um semicírculo de totens de pedra e madeira pintada em vermelho, amarelo e preto, representando animais e monstros que habitavam aquele planeta; algumas estátuas, similares à que Miguel destruiu, eram derrubadas e golpeadas com clavas, numa euforia acompanhada por batuques alegres e ritmados. Quando todos avistaram Gnut retornando com parte da caravana, urraram e se agitaram como cavalos ariscos; alguém no alto gritou o nome do matador do deus, e um coro se levantou com extrema força.

— Ouça, cara! — exclamou Alan, fitando o rosto surpreso e ainda debilitado do amigo. — Estão chamando por você!

O artista marcial já se sentia bem melhor, apesar da fraqueza; sentando-se na liteira, com os ferimentos formigando, viu aquela multidão animada e contente, sentindo-se bem por ter contribuído com aquilo.

— Ficaremos aqui por quanto tempo, Alan? — perguntou a pintora, que já estava bem mais tranquila do que antes.

— Até Miguel se recuperar e acharmos o que nos trouxe aqui — respondeu o portador do Cubo, olhando o cadáver do homenzarrão.

Durante toda a manhã, em meio a cânticos e hinos, os sagitários derrubaram estátuas e restauraram as tintas dos totens; as fêmeas, que eram belas e esguias e possuíam menos escarificações do que os machos, prepararam uma refeição farta de frutas, legumes cozidos e gazelas assadas e temperadas com ervas picantes; e as crianças já brincavam, baseando-se nos relatos de quem assistiu o

embate sangrento, ou ofereciam brinquedos feitos de madeira e ossos ao vencedor, enquanto este era tratado pelos curandeiros, que se espantaram com a rapidez que algumas feridas se fechavam.

O escritor e a namorada foram convidados a almoçarem com o chefe e sua esposa, que contaram as maravilhas que pretendiam devolver ao povo e ouviram com igual deleite mais informações sobre o mundo dos dois estrangeiros; ele mostrou aos soberanos o objeto que os trouxera para aquele mundo, explicando o pouco que podia e conseguia.

— Sinto uma energia ruim saindo — falou Gnut, devolvendo o artefato ao garoto. — Não por essência, mas por estar presa há tanto tempo num espaço tão reduzido. Uma força da natureza não pode ser contida e manipulada sem que haja consequências, sem que os deuses se voltem com grande ira e exijam rios de sangue. Se o povo daquele tirano fez algo assim com uma energia tão intensa, tenha certeza de que em breve pagará o preço que deve.

— Aham — assentiu Alan, guardando o objeto.

A tarde seguiu sem muitos acontecimentos, e a pressa do trio em partir aumentava; não pela companhia, que era agradável, mas pela incerteza que pairava sobre suas cabeças. Deixaram a cidade em meio a uma invasão alienígena, fugindo de perigos vindos do futuro, onde a raça humana se tornara ainda mais sinônimo de horrores e devastações.

— Como se sente, Miguel? — perguntou o escritor, quase no final do dia, quando o amigo testava as pistolas e as espadas.

— Renovado — respondeu o lutador, abrindo uma parte da armadura e mostrando uma pequena cicatriz na barriga. — O traje me curou mais do que as pomadas dos sagitários.

— Desculpa mesmo por quase provocar sua morte. Não pensei que...

— Relaxa, cara! Faz parte dessa coisa de ser um super-herói, não?

Ambos sorriram, numa graça tímida.

— Além do mais, o desgraçado ofendeu a Fla, e ninguém ofende a namorada de meu melhor amigo — completou Miguel, recolhendo todas as armas.

— Obrigado.

— Acho que já podemos prosseguir viagem, não? Ou ainda precisa arrumar outro deus para eu matar?

— Na verdade, preciso que reviste o corpo do que já está morto.

— O que espera que eu encontre nele?

— Armas, instrumentos variados e um código de acesso.

— Acesso?! Acesso para o quê?

— Ainda não sei, mas creio que seja útil — respondeu Alan, olhando a savana ser tingida pelos tons ígneos do sol. — Quem criou o Cubo tinha dois ajudantes. Ele confiou duas sequências de códigos a cada um deles, mas apenas um sabia disso. Achamos e matamos o primeiro, o que não sabia o segredo que carregava. Resta o segundo, que ainda não sei onde está, mas saberei quando for a hora.

Miguel se pôs de pé e andou até a pilha de escombros onde estava o corpo enegrecido do alienígena; fuçou cada ponto, catando algumas cápsulas e as integrando ao traje, que absorvia e aprimorava-as. Em poucos minutos, ganhou outra pistola, agora de três canos, um pequeno canhão, um escudo e algumas granadas.

— Nada de códigos, Alan — informou ele, fitando o amigo.

— Nem na lança?

— A lança não pertence ao traje, ao que parece. E deve ter ficado lá no templo... ou os sagitários deram fim já.

O escritor respirou fundo; a segunda hipótese não era favorável.

— Vou avisar Gnut que partiremos no anoitecer — disse, suspirando. — Encontre a Fla e me esperem no começo da trilha, certo?

— Certo.

A despedida foi demorada e calorosa, e foram quase ofensivas as recusas dos presentes, contudo todos os nativos compreenderam que os três estrangeiros tinham uma jornada a continuar, e aquelas lembranças entregues com gratidão e respeito seriam perdidas no caminho.

— Voltaremos, algum dia, e buscaremos os presentes — prometeu Alan, sorrindo e agradecendo repetidamente as gentilezas.

O chefe da tribo olhou para o alto. Sabia que, se voltasse a ver aqueles jovens, seria para uma grande batalha. E deveria se preparar para isso.

# Capítulo 9

## ***O Excêntrico Cientista Russo***

Os dois jovens atravessaram o amplo salão da biblioteca com pressa, sob o olhar severo da bibliotecária, que se incomodou com o barulho feito pelas solas dos tênis deles; ignoraram-na, seguindo por uma ala mais vazia, que apenas intensificou os ecos secos, passando por prateleiras contendo livros e enciclopédias sobre História Antiga e Religiões; avistaram o cientista autodidata mexendo numa caixa de livros velhos, anotando algo num caderno surrado. Não estavam devidamente apresentáveis, contudo não era a ocasião de se preocuparem com aparência ou coisas do gênero, afinal o tempo estava curto e as dúvidas sobre a segurança na cidade deixada para trás os preocupava.

— Dr. Nikolai Vissarionovich — chamou o escritor, num sussurro.

O russo ergueu os olhos azulados e cansados, fitando os dois, mas logo retornou ao que fazia.

— Se vieram me zombar, sugiro que deem meia volta e se mandem! — avisou, com a voz carregada de rancor.

— Não viemos zombar de seus estudos sobre os tecidos espaço-temporais, e sim trazer uma prova definitiva — retrucou Alan, sendo direto e objetivo.

O homem não o encarou, como era esperado; estava acostumado com o deboche e as piadas sofridas por suas teorias, e não toleraria mais aquele tipo de coisa enquanto pudesse.

— Semana passada fiquei três dias preso num prédio por acreditar em algo semelhante.

O escritor arfou, segurando o Cubo com ambas as mãos.

— Segundo sua teoria — começou, escolhendo mentalmente a cor branca e decidindo qual seria a melhor combinação para a ocasião —, nosso mundo é formado por muitas realidades paralelas e linhas temporais que se cruzariam vez ou outra, mas ainda assim separadas por tecidos invisíveis e poderosos. O senhor mesmo afirmou que precisaria de uma ferramenta oriunda desse material para que essas camadas fossem atravessadas a bel-prazer, uma tecnologia tão avançada que faria sentido a terceira Lei de Clarke.

— *"Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia"* — suspirou o cientista, continuando suas anotações em russo.

— Pois bem, eu ainda cito a segunda lei, a do *"único caminho para desvendar os limites do possível é aventurar-se um pouco além dele, adentrando o impossível"*, se for o caso — prosseguiu o rapaz, sorrindo com malícia. — E o senhor, anos atrás, quando anunciou sua teoria, fez a primeira lei valer, não?

Flávia estava completamente perdida naquele diálogo de ficção científica.

— *"Quando um cientista distinto e experiente diz que algo é possível, é quase certeza que tem razão"* — disse o Dr. Vissarionovich, finalmente fitando o visitante e notando o objeto que este manipulava.

— E em momento algum o senhor disse que era impossível, mas teve quem o refutasse, completando a primeira lei: *"Quando diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado"*.

— Em que ponto deseja chegar com essas citações, meu jovem?

— Só queria sua atenção, senhor. Agora que a tenho, deixe-me mostrar o impossível.

A face branca estava montada.

Uma das estantes cheias de livros foi substituída por um material semitransparente, que se movia como se fosse tocado por um vento suave; embora ondulante, permitia que os três humanos vislumbrassem o outro lado, onde uma enorme arca de madeira enfrentava uma tempestade e ondas de centenas de metros de altura; distante dali, criaturas enormes e serpentinadas se agitavam, devorando pessoas e animais que se debatiam pateticamente por causa do Dilúvio.

— A Arca de Noé, creio eu — disse Alan, como se aquela informação tão simples servisse para converter um ateu ao cristianismo ou judaísmo.

— Isso... isso é...

Dr. Vissarionovich estendeu a mão trêmula, desejando tocar aquele tecido espacial, mas o escritor foi ligeiro em tocar seu braço e pedir que ele não fizesse aquilo.

— Algo me diz que não seria bom — acrescentou, com aquela aura de grande sapiência que cada montagem de face intensificava.

O rapaz desfez o lado, revertendo o processo de combinação.

— Ainda acha que queremos zombar do senhor?

\*

Meia hora antes, ainda em Afcant, o trio procurou pela lança entre os destroços da estátua; para o portador do Cubo, aquele item poderia fornecer parte das informações para algo que estava se formando como um imenso quebra-cabeças e perdê-lo não seria

bacana. Por sorte, a namorada avistou o cristal da ponta brilhando num canto distante, antes que o sol se pusesse por completo; e foi assim que aqueles três aventureiros do destino viram, milênios depois do último humano de um velho e lendário continente, algo tão resplandecente.

— O que é isso, Alan? — perguntou Miguel, impressionado com as alterações de cores daquela pedra singular.

— Vril — replicou o amigo —, algo que jamais imaginei ser real ou possível.

— E o que seria "vril"?

— A energia que reside no interior do Cubo, mas em estado sólido e ainda mais bruto.

— Isso não parece bom — deixou escapar Flávia, recordando-se das palavras de Gnut, quando segurou o Cubo.

— E não é, se as lendas estiverem corretas. Mas, por ora, precisamos entender melhor no que nos metemos e achar a segunda sequência de códigos.

— Alguma ideia para onde vamos?

— Sim, Miguel. Vamos para a Rússia. Há alguém lá que talvez possa nos ajudar.

O breve diálogo com a pintora trouxera à mente do rapaz um nome complicado de pronunciar, mas que significava uma luz para algumas questões ainda sem respostas; durante as pesquisas para o livro novo, zigzagueando ali e aqui, descobriu que um professor autodidata havia sugerido uma teoria absurda e intrigante. Era bem provável, portanto, que ele pudesse fornecer dados para a compreensão das coisas que envolviam o Cubo.

\*

— Em 1900, o alemão Max Planck solucionou o enigma do “espectro de corpo negro”, e deu o nome de “*quantum*” para uma partícula indivisível descoberta por ele; sem entrar muito em detalhes técnicos, posso dizer que ele fez uso de um truque matemático aparentemente, mas Einstein provou que aquilo era viável, que a teoria proposta por Planck não era um mero truque. Com isso, portanto, a luz passou de onda para partícula, ou *quantum* de luz. O curioso, entretanto, é que não se abandonou a ideia inicial, a de onda, e sim a certeza de que a luz pode ser ambas coisas. Onda e partícula, entendem?

Os dois não entenderam muito, sobretudo a pintora, que era menos acostumada a termos científicos do que o namorado, que havia feito pesquisas para seus projetos; mas não quiseram contrariar o Dr. Vissarionovich, que mexia numa cafeteira meio antiga de modo atrapalhado, enquanto explicava com crescente empolgação.

— Sendo mais direto, Einstein e Planck descobriram que as regras da física clássica, aquelas que Isaac Newton idealizou, não regiam as unidades menores da matéria, o *quantum*. Essas partículas menores se comportam de maneira diferente dos prótons e elétrons, por exemplo, podendo ser e não-ser, estar e não-estar ou se localizar em vários locais ao mesmo tempo... e outras coisas que os escritores de ficção científica adoram usar de maneira desvirtuada e sem uma boa investigação, desonrando a seriedade dos estudos acadêmicos e laboratoriais.

O café ficou pronto; e o russo, que era um homem de uns quarenta anos, porém de porte atlético, encheu três copos descartáveis, entregando um para cada visitante e ficando com o último. Estavam na cozinha da faculdade em que o cientista prestava serviços gerais, já que há algum tempo fora proibido de dar aulas por socar um professor de Química que zombou de sua teoria.

— O interessante da física quântica são as teorias e hipóteses que surgiram e surgem a cada estudo — continuou o Dr. Vissarionovich, bebericando o líquido fumegante. — Se me permitem, gostaria de citar algumas coisas antes de ir ao assunto principal.

— Fique à vontade, doutor — assentiu Alan, repetindo aquele tom de liderança já comum quando falava com desconhecidos.

— A moça... Flávia... você ainda não bebeu o café, certo?

— Não, não bebi, mas... — respondia a artista, receando estar ofendendo a hospitalidade do cientista.

— Não o beba agora, por favor! Coloque o copo sobre a mesa e acompanhe meu pequeno experimento!

Ela o obedeceu.

— Enquanto o café estiver nesse copo, sem que você o beba, ele pode estar adocicado, meio amargo ou amargo. Se eu entregasse o copo para você, sem que o cheiro ou o conteúdo fossem percebidos, você saberia me responder o que estaria em seu interior?

— Provavelmente não.

— Poderia ser leite, café, chá, café com leite, uísque ou vodca, certo?

— Certamente.

— Imaginem isso em partículas agora. Uma só, para sermos mais simplistas. Uma única e bela partícula pode estar em qualquer lugar ao mesmo tempo, mas basta que a observemos para que ela se fixe e as demais existências se anulem. Mas voltando ao café que a jovem Flávia ainda não experimentou, beba-o e nos diga se acertei na dose de ingredientes!

A garota deu um gole mínimo, fazendo uma careta que fez o cientista russo rir.

— Muito forte e pouco açúcar — afirmou ela.

— E isso anula as demais opções por mim levantadas.

Ele tomou um gole demorado, buscando outro exemplo para passar aos dois.

— Werner Heisenberg, que ganhou o Nobel de Física em 1932, dizia que era impossível medir a velocidade e a posição de uma partícula ao mesmo tempo; em miúdos, ela percorria todos os caminhos possíveis entre um ponto e outro ao mesmo tempo, sendo complicado demais ter os dados com precisão. Mas isso não importa para minha teoria... não que eu tenha me preocupado em aplicar o Princípio da Incerteza, entendem?

Seus olhos se fixaram no Cubo.

— Minha teoria é bem simples. Embora eu deteste admitir, a física quântica a sustenta em escala macro, desafiando o entendimento atual. Não me refiro a coisas minúsculas vistas apenas em laboratórios, e sim a planetas, universos e galáxias. Há um pé firme na especulação, é fato, mas ainda assim existem provas fantásticas sobre o tema. Erwin Schrödinger escreveu uma coisa...

Ele fuçou o caderno que continha diversas anotações até achar o trecho que pretendia mostrar; pigarreou duas vezes e o leu:

— *"Qualquer um pode mesmo montar casos bem ridículos. Um gato é trancado dentro de uma câmara de aço, juntamente com o dispositivo seguinte (que devemos preservar da interferência direta do gato): num tubo contador Geiger há uma pequena porção de substância radioativa, tão pequena que talvez, no decurso de uma hora, um dos seus átomos decaia, mas também, com igual probabilidade, talvez nenhum se decaia; se isso acontecer, o tubo*

*contador liberta uma descarga e através de um relé solta um martelo que estilhaça um pequeno frasco com ácido cianídrico. Se deixarmos todo este sistema isolado durante uma hora, então diremos que o gato ainda vive, se nenhum átomo decaiu durante esse tempo. A função  $\Psi$  do sistema como um todo iria expressar isto contendo em si mesma o gato vivo e o gato morto simultaneamente ou dispostos em partes iguais.*

*"É típico destes casos que uma indeterminação originalmente confinada ao domínio atômico venha a transformar-se numa indeterminação macroscópica, a qual pode então ser resolvida pela observação direta. Isso previne-nos de tão ingenuamente aceitarmos como válido um 'modelo impreciso' para representar a realidade. Em si mesma esta pode não incorporar nada de obscuro ou contraditório. Há uma diferença entre uma fotografia tremida ou desfocada e um instantâneo de nuvens e bancos de nevoeiro."*

Ninguém entendeu, como já era esperado.

— Schrödinger estava criticando a Interpretação de Copenhague, que foi o exemplo do café da moça aí — explicou o russo, com seriedade. — Uma partícula seria muitas coisas ao mesmo tempo, mas a nossa observação que determinaria em qual se fixaria. É como eu entregar um copo lacrado para um de vocês. Pode ser chá, café, leite, uísque ou vodca ao mesmo tempo, porém só será um desses quando for aberto. O que é, ao meu ver, uma coisa absurda. Mas, levando em conta que acredito na Teoria dos Muitos Mundos, acho interessante imaginar que há muitos de mim por aí, vivendo e fazendo coisas que não vivi ou fiz, o que me leva ao ponto-chave.

"Uma vez que Flávia tenha experimentado aqui um café forte e com pouco açúcar, em outro lugar, a mesma Flávia sentada diante de nós experimentou outro, todavia mais fraco e doce. É como se o universo se dividisse para abrigar as duas ou mais possibilidades, gerando as realidades paralelas. Num exemplo clássico, um suicida aperta o gatilho de um revólver, mas a arma não dispara,

frustrando sua tentativa de se matar naquele momento; contudo, noutra realidade, ele obteve sucesso. Isso altera tudo. Se ele tornar a tentar e falhar, mais o universo se divide para obter o segundo resultado, a morte.

“Imaginem agora isso acontecendo há milhões de anos, com bilhões de pessoas. Conseguem imaginar quantos mundos devem existir, quantos universos devem coexistir para que tantas possibilidades aconteçam?”

— É assustador! — deixou escapar a ilustradora.

— Sim, muito. E eu queria mesmo que não fosse possível, mas encontrei falhas nesses tecidos que separam as realidades e os universos paralelos. Não me atrevi a adentrar um, pois são instáveis e perigosos, como Alan mesmo advertiu na biblioteca, quando, por descuido, quase toquei num. Estamos cercados por eles o tempo todo, lado a lado com um mundo em que o nazismo venceu a Segunda Guerra ou a Guerra Fria finalmente detonou seu poderoso arsenal. E esse objeto que vocês portam permite atravessar essas camadas e interagir nas possibilidades. Vocês têm consciência da arma mortífera que isso representa ao equilíbrio das coisas?

Alan assentiu, e por quase meia hora contou sobre os invasores em sua cidade e as viagens até então realizadas, omitindo somente algumas informações que acreditou não serem do interesse do russo.

— E como esperam que eu os ajude, se sou apenas um teórico?

— O que o senhor nos passou, doutor, aponta que, no futuro, a física quântica foi aplicada a partículas macro, a mente humana descobriu os segredos mais fundamentais do universo, e condensou neste Cubo — respondeu o escritor. — E algo muito grande e errado pode acontecer se os caras que invadiram minha cidade não forem detidos. Eu sinto que devo impedir isso, afinal o Cubo me escolheu.

— Você se acha um herói para carregar tal fardo?

— Não, mas quero carregá-lo.

O Dr. Vissarionovich suspirou, alisando os cabelos prateados e fitando o vazio.

— Pelo que notei sobre esses tecidos, nos pontos em que falham é comum o desaparecimento de pessoas e objetos ou a menção de monstros marinhos e criaturas fabulosas — falou ele, sem se voltar aos dois jovens. — Eu mesmo vi uma serpente marinha ao viajar de navio pro Japão, mas ninguém acreditou em mim.

— Quais são os lugares que possuem essas falhas, doutor?

— Vocês sabem o que é um vértice, não?

— Um ponto comum entre os lados de uma figura geométrica — respondeu Flávia, com tranquilidade.

— Sim, sim. Os teóricos da conspiração de plantão chamam de Vértices do Mal alguns pontos conhecidos pela ocorrência de acontecimentos bizarros — falava o cientista, folheando o caderno com paciência. — Triângulo das Bermudas, o Vale do Indo, que se situa no Paquistão; o Atlântico Sul, a região de Timbuktu, na Argélia; e o Mar do Diabo, que fica perto do Japão... são alguns desses Vértices do Mal, porém existem outros. Desaparecimentos, aparições extraterrestres, presença de espectros e tantos outros fenômenos ocorrem no mundo inteiro, e desconfio que seja tudo interligado às frequentes falhas desses tecidos divisórios.

“Eu uso a expressão ‘vértice’ por acreditar que esses locais são a união do nosso mundo com outros; duas linhas próximas que se encontram num determinado ângulo, cruzando realidades e gerando essas coisas bizarras. Tenho fotografias lá em casa que provam isso, aliás.”

Ele continuou vasculhando o caderno por alguns segundos, parando na parte em que queria mostrar.

— Já ouviram falar de Tunguska, não? — prosseguiu, estendendo o objeto cheio de anotações para os dois brasileiros. — Sabem o que aconteceu lá, quase cem anos atrás?

— A explosão misteriosa — respondeu Alan, passando o olhar na escrita apressada em russo.

— Ninguém sabe o que causou uma detonação equivalente a duas mil bombas atômicas em 1908, mas encontrei lá vestígios de vértices. Eu elaborei um aparelho de cálculos e mapeamento bem rudimentar, mas que permite rastrear a energia liberada pelos tecidos e determinar onde são mais presentes.

Flávia começava a achar aquele sujeito um maluco, contudo notara que o namorado ainda tinha perguntas a fazer, deixando o russo à vontade para falar o que bem quisesse.

— E em relação a linhas temporais, o que tem a dizer? — indagou o portador do Cubo, adquirindo uma expressão que denunciava pequenos traços de sagacidade e perversão, como quando se preparava para conceber uma solução amalucada para um problema criado por ele durante uma história. — Digo, sua teoria sobre os mundos paralelos e realidades adjacentes é bem estruturada e provei que é possível, mas ainda não sei se o tempo pode ser ou alterado ou dividido em possibilidades.

— Creio que, ao falar da divisão do universo para suportar as duas possibilidades de um suicídio, eu tenha deixado claro sobre isso, meu jovem — respondeu o Dr. Vissarionovich, assumindo uma postura muito severa.

— Sim, mas eu me refiro exatamente em mudar o passado, em conhecer o que uma ação pode causar e alterar aquela ação de maneira a forçar a linha temporal específica a desaparecer.

— Não acho viável e correto alterar o curso do tempo.

— Mas é o que aqueles caras que vieram do futuro querem fazer, e eles acham que podem.

Aquela revelação assombrou a namorada, contudo não teve tempo de elaborar qualquer pergunta.

— Sim, eles podem. Mas seria arriscado e imbecil.

— Por quê?

— Porque, pela minha teoria, as realidades coexistem num mesmo lugar de maneira perfeita e equilibrada, e o universo sempre se dividirá para abrigar quaisquer que sejam as decisões e consequências opostas, mas o tempo seguirá numa linha progressiva, sem que possa ser revisto ou modificado. É como dizem os religiosos, "o que aconteceu ou acontecerá já está escrito".

— A gente veio de 2013, doutor, e estamos conversando com o senhor no pleno ano de 2014...

— Vocês dois são viajantes do tempo e do espaço, exceções à regra, por assim dizer, e isso os torna aberrações perante os olhos divinos, se creem em alguma divindade. Mas ainda assim, não acredito que possam ter a capacidade de alterar o curso do tempo, e sim forçar o universo a criar outra linha para abrigar uma consequência de uma ação tomada.

Alan ficou sério.

— Ou seja, tanto faz a gente ter o Cubo e tentar impedir que os alienígenas o usem para matar o nosso Criador?

— Não é bem assim — suspirou o Dr. Vissarionovich, pegando o caderno e procurando uma folha em branco.

Rabiscou algo com a caneta esferográfica, mostrando a ambos em seguida; seus olhos, contudo, mantinham-se firmes no escritor, vislumbrando suas intenções em doses homeopáticas. Aquele garoto sabia quase tanto quanto ele, e ainda assim agia de modo amador, soltando aos poucos seus conhecimentos e os conciliando com a teoria antes vista como fantasiosa.

— Se eu crio uma máquina do tempo para salvar uma pessoa que morreu, eu causo um paradoxo temporal, pois foi o falecimento da pessoa que me obrigou a criar a máquina; portanto, se eu a salvar, anulo a necessidade da criação do aparato, o que me impede de salvá-la. E isso causa um fluxo infinito de causa e efeito que me prendem num redemoinho — explicou ele, apontando para os desenhos rústicos que ilustravam seu exemplo. — O que quero dizer é que somos todos os resultados de elementos muito mais complexos e incompreensíveis do que podemos deduzir ou sonhar, e alterações temporais implicam, possivelmente, em divisões de linhas, e não numa mudança drástica na que queremos alterar.

Era uma visão bem pessimista para os planos prematuros do portador do artefato.

— Os filmes que vocês devem ter visto, em sua maioria, seguem a linha única, mas costumam falhar quando se deparam com os abundantes paradoxos temporais — completou o cientista russo. — Eu creio que existam esses paradoxos, mas servem apenas para provocar as criações paralelas da linha central, como uma imensa teia de aranha, vocês entendem?

Alan se levantou, pegando o Cubo.

— Bem, doutor, eu acho que tenho parte das informações que preciso — disse, com uma expressão rígida. — Obrigado mesmo pela atenção e pelas explicações.

A namorada também se levantou, agradecendo pelo café e tudo mais, dirigindo-se até a porta.

— Meus jovens — chamou o Dr. Vissarionovich, permanecendo sentado e contemplando uma folha de seu caderno de anotações —, só mais uma coisa antes que vão.

— Sim?!

— Se tiverem a chance, destruam esse objeto!

— É o que pretendo, doutor — replicou o escritor, esboçando um sorriso triste.

— Bom garoto.

Os dois saíram.

Os olhos do cientista continuavam fixos numa nota curta.

*"Luís Eduardo Magalhães, Bahia, Brasil. Cidade dizimada por uma explosão jamais antes testemunhada no país. Possível causa: vértice em colapso."*

# Capítulo 10

## ***Sobre a Criação e o Criador***

O Cubo das Eras não era somente uma chave para outros mundos; composto de peças que se alternavam em cores e elaboradas combinações, continha equações complexas e jamais imaginadas, alterando os tecidos universais, que se dobravam, abrindo ou fechando passagens para qualquer lugar no tempo e no espaço; no processo, seu portador desvendava os mistérios da Criação. Não tardou para a humanidade perceber que o Criador não estava presente, como as religiões obsoletas pregavam insistentemente; Ele havia desaparecido em algum recanto, após sucessivos eventos, que aos poucos os cientistas mais renomados conseguiam interpretar. E a raça humana, já modificada e evoluída sob a ganância e a arrogância, tramou contra Aquele que os abandonou. Quando isso aconteceu, duas facções emergiram: a maior era composta por cientistas radicais e militares, e desejava a morte do Criador; a outra, formada por cientistas ortodoxos e rebeldes cansados de tanta ânsia por poder, estava determinada a um plano suicida: destruir o ser humano antes que chegasse ao apogeu. Nos anos que se seguiram, com todos os recursos, planetas sucumbiram aos olhos do general-tirano, que caçava os fugitivos com fúria demoníaca; os militares não tinham o artefato espaço-temporal, mas descobriram como rastrear a energia liberada por ele e forçar algumas portas, enviando tropas pequenas a cada ponto mapeado; embora a equipe de exploração e aniquilação fosse constituída por até dez membros, o poderio era o bastante para arrasar um mundo três vezes maior do que a Terra. Cada vez mais reduzidos, os rebeldes e ortodoxos recorreram a alianças nos lugares em que

passaram, ocultando segredos fundamentais para o plano de extinção. Mas, como todo grupo subversivo, havia traidores.

— Quando vai começar a me contar as coisas e parar com esse jogo de mentiras descaradas? — irritou-se a pintora, quando os dois atravessaram as portas enormes da faculdade.

— O Cubo...

— Dane-se a droga do Cubo! Você é meu namorado, poxa! Como posso confiar em você, se tudo o que faz é enganar e mentir?!

Seus olhos negros se encheram de lágrimas; o rosto bronzeado corou de tal maneira que parecia que todo o sangue estava concentrado na cabeça.

— O Miguel sabe disso também? Que aqueles filhos da mãe querem matar Deus?

— Eles não querem matar Deus — cortou o escritor, arfando. — Ninguém é capaz de chegar a Ele. O nosso Criador é uma entidade que emanou diretamente Dele, assim como miríades de outras. Se os alienígenas o matarem, poderá recomeçar toda a Criação, sabe?

A expressão da garota demonstrava que ela desconhecia totalmente aquele assunto, o que era já imaginado e esperado, uma vez que nem ele ainda acreditava naquela versão que distorcia a crença cristã; por isso, movendo as peças azuis, verdes e amarelas, resolveu mostrar as coisas que captara em algum momento, ao tocar e interagir com algum fragmento de universo ou realidade adjacente.

— Deus teve um sonho — começou, enquanto montava as três faces na combinação correta —, e nesse sonho Ele viu algo bom. Foi o primeiro universo, aquilo que as religiões que temos chamam de Paraíso ou de qualquer outro nome. Mas não é um lugar de recompensas, e sim de onde tudo começou. Ninguém,

absolutamente ninguém sabe como é ou onde fica e nem se pode um dia ser atingido. Deus amou aquele sonho, afinal antes disso Ele era só, e até mesmo um Ser Supremo sente o peso da solidão. Uma vez tendo preenchido aquele vazio que habitava, criando cores, formas, perfeições e purezas, olhou em volta e viu tanto espaço escuro e sem brilho que criou entidades que pudessem replicar aquele primeiro universo, espalhando Sua magnífica Criação.

E o Cubo revelou um cenário negro e deprimente, onde formas estranhas se moviam como micro-organismos, pontos coloridos que pingavam gotas ali e aqui, ramificando-as e as multiplicando; apenas Alan compreendia sua natureza e seu nome.

— Nosso Criador é uma dessas entidades — continuou ele, enquanto as cenas ocorriam em espantosa velocidade. — Talvez a mais poderosa e importante, pois criou planos complexos de existência, quando antes havia o habitado por Deus e o nosso, que é uma derivação do primeiro após o processo de replicação. Ele foi audacioso demais, e talvez venham dessa audácia as lendas sobre anjos que ousaram se igualarem ou superaram Deus.

No que parecia um céu muito estrelado, criaturas diversas, algumas com asas coloridas e aparência humana, travavam batalhas fulminantes; uma forma gigantesca, que emanava brilho e trevas ao mesmo tempo, arrasava milhões com apenas um golpe de sua espada.

— O Criador deu origem a um ser dotado de desejo por poder. Por imensuráveis eras, uma guerra devastou todo o plano de existência acima do nosso, e por muito pouco toda a Criação não se desfez. Com a queda do filho, a vergonha se abateu sobre o Criador, que se retirou para o mais longe que pudesse dos universos criados. Antes de ir, contudo, deixou seus bravos combatentes avisados sobre as consequências de seu erro.

— Que consequências?

— Para os cristãos, o Diabo é a contraparte de Deus, certo? Ele está sempre à espreita, querendo levar a alma do bom para o inferno.

— Sim.

— O filho do Criador seria semelhante ao Diabo, todavia não perderia tempo com algo tão simplório. Ele não quer ser maior do que Deus. Seu desejo é assassinar o pai e assumir a Criação de onde parou, pois um filho não pode governar aquilo que pertence ao pai, como o pai não pode continuar quando metade de seu poder foi desvirtuado pela ganância do filho.

Imagens de guerras, muitas ocorridas em universos distantes, saltaram por todos os lados; vários homens e criaturas se ergueram contra o equilíbrio das coisas, sob os mais diversos nomes.

— Não é uma guerra maniqueísta entre o bem e o mal — prosseguiu o escritor, fitando o rosto chocado da namorada —, tampouco os justos e os bons vencerão. Cada batalha apenas adia algum evento maior, evita que o Criador seja encontrado e trucidado, impede que tudo o que foi criado seja destruído. O filho do Criador não é mais vivo, porém sua influência pesa em cada universo, buscando meios de se fortalecer e agir. E os alienígenas, o que nos tornaremos em algum lugar, deram a ele justamente o que precisava, uma ferramenta não para encontrar o pai, e sim para voltar no tempo e matá-lo antes mesmo que crie o primeiro universo.

— Isso é horrível! — apavorou-se a ilustradora, cobrindo os lábios trêmulos, enquanto lágrimas rolavam pelo rosto.

— Sim. Por isso, Fla, precisamos deter aqueles caras antes que se apossem do Cubo. Era o que o antigo portador fazia. Eu ainda não sei como faremos, mas precisamos parar isso tudo. As respostas vêm em doses e, como as faces desmontadas, vão se encaixando conforme vamos avançando e explorando.

Ele desmontou as faces no sentido inverso ao que as completara, desmanchando aquela visão confusa para Flávia, contudo perfeitamente clara e entendível para sua mente cada vez mais absorvida pela artemagia.

— Minha vida toda eu acreditei em um Deus bondoso e presente — disse ela, incapaz de conter o choro —, e hoje descubro que Ele talvez nem saiba de nossa existência.

Alan a abraçou, ignorando o fato de estarem no meio da calçada, onde muitos russos de expressões severas e irritadas os encaravam; ele não se importava com aquilo, pois tinha nos braços a criatura mais extraordinária, e ela precisava de seu afeto naquele momento.

— Não pense nisso, amor! — pediu, suspirando de maneira cansada.

Não era segredo para ninguém o pensamento pessimista que o escritor tinha acerca de religiões e das visões egocêntricas que envolviam Deus ou deuses; guerras aconteceram por causa de intolerância religiosa, perseguições a infiéis e hereges; muito sangue fora derramado em nome de alguma divindade; pessoas usaram a posição beatificada para enriquecer e iludir; seres humanos comuns, em diferentes épocas, que se diziam eleitos divinos apenas afastavam a humanidade da Providência. Enquanto houvesse igrejas, templos, santuários, homens e mulheres que se proclamavam mensageiros sagrados e ganância, mais as criaturas se distanciariam de um entendimento do Criador.

— Precisamos encontrar Miguel e seguir nossa jornada — falou ele, por fim, não querendo mais pensar nas coisas terríveis que estavam por vir.

— Para onde vamos?

— Para alguns milhões de anos no passado.

— Por quê?

— Ainda não sei, mas quero descobrir.

# Capítulo 11

## *O Ciclope e os Dinossauros*

Nordberctus olhava para as montanhas distantes, enquanto divagava sobre os sonhos estranhos que tivera; ele era um senhor de terras, um rei que vivia seus dias num recanto ao norte de seu reino, desfrutando da serenidade, antes que outra guerra eclodisse. Havia rumores de que os gigantes do oeste buscariam vingar a derrota sofrida trinta anos antes, quando perderam território para os ciclopes liderados por Ardberctus, o antecessor e pai do atual soberano. As visões com dragões emergindo das entranhas da terra, queimando os bosques e as florestas, derretendo a neve do inverno, arrasando plantações e matando qualquer um que surgisse em suas trilhas de caos o assustaram mais do que as ameaças de novos conflitos com os antigos inimigos do oeste. O único olho, situado acima do nariz largo, se perdia nos picos que mesclavam o verde e o branco, buscando naqueles pontos afastados alguma resposta, algum sinal dos deuses para suas aflições. Sentado próximo ao túmulo de seu pai, com a espada repousada sobre a grama, Nordberctus contemplava a beleza daquela região que escolhera para morar.

O enorme lobo de pelos acobreados que lhe fazia companhia em batalhas e caçadas corria pelo campo, como se fosse um cão doméstico perseguindo borboletas ou pássaros; entretanto, era um animal imenso, quase do tamanho de um novilho, com força suficiente para derrubar e matar um elefante, se assim quisesse.

— Os deuses falam com aqueles que estão dispostos a ouvi-los, Nordberctus — disse um pastor de ovelhas, aproximando-se.

— Comigo, pelo que vejo, só falam sobre o retorno dos dragões — replicou o rei dos ciclopes, sem fitar o velho companheiro de combates.

— É um sinal, creio eu. Um sinal de grandes mudanças, de alguma campanha para além daquilo que conhecemos e sabemos que existe.

Nordberctus conhecia aquele velho camponês desde sua juventude, quando o antigo regente Ardberctus o iniciou nas leis e obrigações de um líder militar; foi a época em que ganhou um filhote de lobo-do-leste, o qual adotou e o treinou para a guerra e a caça, tornando-se seu amigo mais leal.

— Não tenho planos de invadir territórios ou conquistar mais terras, como era o desejo de meu pai — falou ele, tocando o cabo da espada. — Basta-me o reino vasto que herdei e os perigos que há por aqui... e a família que formei. Os deuses foram generosos comigo. Não preciso de tanto.

— És um sábio, meu senhor. Até mais do que teu pai, mas desconheces o quão os deuses podem ser caprichosos e desejarem mudar o curso das coisas que estão sob seus olhos onipresentes.

O velho ciclope abaixou o olho cansado, de um azul claro e sem muito brilho; o peso dos anos era cada dia mais fatigante, sugando toda a vitalidade que por tantas vezes o impulsionou aos campos de batalhas, decepando e estripando.

— Veja! — pediu o rei, pondo-se de pé de sobressalto e direcionando a espada para um ponto muito acima dos picos brancos e verdes.

Era um brilho estranho, diferente do produzido pelo fogo ou por qualquer coisa conhecida naquele mundo. Tinha um tom azulado, meio metálico, tão brilhante quanto o sol. E parecia uma capa,

flutuando e se agitando próximo às nuvens, planando como se fosse um tecido leve.

— Pelos deuses! — exclamou o pastor, apoiando-se temeroso em seu cajado. — O que achas que seja?

— Alguma feitiçaria dos gigantes, talvez. Ou um sinal dos deuses. Não sei, pois nunca vi nada parecido.

O véu brilhante se locomovia sutilmente, indo de encontro ao campo, descendo e passando sobre o campo de grama abundante; era realmente semelhante a um tecido; embora fosse muito, muito extenso e luminoso, era levíssimo, como uma aurora boreal, mas de uma cor única e similar ao do aço.

Nordberctus assoviou para o lobo, chamando-o pelo nome. O animal galgou para perto de seu mestre, encarando aquela anomalia misteriosa e rosnando com fúria.

— Vá, velho companheiro de tantas batalhas! — ordenou ele, apertando o cabo de sua arma com força.

— E tu, meu senhor? Por que não vens?

— Porque acho que aquilo seja parte das respostas que busco para minhas visões com os dragões. Ficarei e investigarei. Voltarei, se for da vontade dos deuses. Caso eu não volte, meu filho será um bom rei.

O camponês obedeceu à ordem recebida, embora relutasse. Afastou-se o mais rápido que pôde, ora ou outra observando a figura firme e estática de seu rei, que aguardava aquela massa fina e brilhante se aproximar; o enorme lobo-do-leste permaneceu ao seu lado, em posição de defesa. O ciclope e seu fiel companheiro de guerra e caça. O véu cada vez mais descia, flutuando a uma dezena de metros do solo, sem tocar nada, balançando-se como um tecido

composto de luz e metal polido, sem se guiar pelos ventos, sem necessidade de respeitar qualquer princípio da natureza.

— Que a vontade dos deuses seja feita! — exclamou Nordberctus, erguendo a lâmina.

O animal lupino uivou, respondendo ao seu mestre.

A anomalia os engoliu, desaparecendo logo em seguida.

\*

Criaturas enormes e reptilianas sobrevoavam as proximidades do lago. Eram pterossauros, animais que coexistiram na mesma época dos famosos dinossauros. Ao redor, conforme a curiosidade permitia, outros animais ainda mais fascinantes eram vistos, aumentando o espanto e o fascínio. Répteis de pescoço alongado andavam em bandos por ali perto, enquanto outros, menores ou nem tanto, quadrúpedes e bípedes, corriam ou pastavam; alguns se alimentavam das copas de árvores altas e de aparência estranha; outros, por sua vez, bebiam água, demonstrando uma precaução que justificava a urgência que os visitantes do tempo tiveram para sair do lago em que caíram ao atravessarem a passagem.

— Bem-vindos ao *Parque dos Dinossauros!* — exclamou Alan, com um breve sorriso.

— Caraca! — exclamou Miguel, indicando uma cena de combate que se desenrolava na margem oposta.

Um dinossauro grande, mais alto do que uma casa, atracava-se com um herbívoro de pescoço longo; suas mandíbulas pressionavam a base da cabeça, apertando e dilacerando, fazendo o outro urrar de dor e desespero; cada movimento angustiado da presa para se livrar ajudava mais e mais os dentes a serem cravados na carne, provocando mais derramamento de sangue. O predador possuía um porte físico semelhante ao do mais conhecido

carnívoro sáurio do passado, contudo ostentava braços maiores e potentes, servindo, às vezes, para agarrar ou tentar imobilizar a vítima. O herbívoro lutou por mais um minuto; quando percebeu que não tinha mais como fugir, aceitou a morte ingrata. E assim serviu de banquete ao mais forte e determinado.

— Um carnoossauro? — inquiriu o lutador de *muay thai*, recordando-se de um filme que assistiu recentemente com o amigo.

— Talvez, mas não viemos aqui para ver dinossauros brigando — replicou o escritor, girando as peças cúbicas novamente.

Ele optou pela cor azul, completando-a em pouco menos de um minuto, pois precisava achar a combinação exata para o que pretendia que acontecesse.

Um corpo imenso caiu no lago, criando uma série de ondulações, assustando os dinossauros que se refrescavam ali perto. Mal caiu, o gigante se pôs de pé erguendo uma espada imensa e deixando a água cobrir até a altura do peito. Olhando em volta com seu único olho, buscou qualquer tipo de ameaça por perto, localizando os três humanos que o encaravam com assombro.

— Agora ferrou tudo! — exclamou Miguel. — Você trouxe um ciclope para cá!

— Aham — confirmou o escritor, com grande orgulho. — Precisaremos do grandão ali, se quisermos prosseguir.

— E como ele poderia nos ajudar?

— Ainda irei descobrir.

Nordberctus se movimentou até a margem, sem demonstrar qualquer sinal de que fosse ferir aqueles jovens humanos. Sentou-se na beirada do lado, repousando a espada ao seu lado, contemplando aqueles monstros que há tanto assombravam os

seus sonhos. Dragões de todos os tamanhos e formas o cercavam, mas nenhum, por ora, parecia interessado em atacá-lo, e sim o temiam. Por fim, fitou os jovens, cogitando se eles seriam deuses disfarçados; pronunciou algumas palavras, mas não obteve resposta alguma. Deduziu que aqueles três não compreendessem seu idioma; pela aparência, deveriam ser do Sul ou Oeste, de algum reino distante e remoto, magos tão poderosos que poderiam transportar o que quisessem num simples gesto. Notou a caixa colorida que um deles segurava. Seria aquele objeto a fonte de seu poder? O outro, de pele mais escura, usava um traje que tinha estranhas listras luminosas.

— Se ele pensar em nos atacar, juro que estouro os miolos dele — cochichou Miguel, sentindo-se intimidado com aquele gigante de um olho apenas que ora ou outra os encarava.

— Ele não vai nos fazer mal algum — respondeu o escritor, olhando a paisagem pré-histórica, concentrando-se em um bando de animais bico-de-pato na margem oposta.

— Como pode ter certeza? — questionou Flávia, que tinha a mesma sensação do amigo.

— Tive um *dèja vú* sobre este momento enquanto falava com o russo maluco. E ele já teria nos atacado, se quisesse nos fazer algum mal.

— E o que faremos agora? Como ele vai nos ajudar?

— Eu não sei, Miguel, eu não sei.

O ciclope espreguiçou-se, o que assustou bastante tanto Flávia quanto Miguel, que por muito pouco não ativou uma pistola e apontou para seu único olho.

Levantando-se, Nordberctus pegou a espada e caminhou em direção ao rio, chapinhando grande quantidade de água conforme

andava por sua extensão. Seu olhar se mantinha fixo em um peixe enorme que se movia como uma serpente, movendo-se sem pressa; apertou o cabo da espada e seguiu-o, aguardando o momento certo para pescá-lo. Afastou-se um ou dois quilômetros dos garotos, pensando que uma refeição bem preparada poderia agradar aqueles estrangeiros a tal ponto que eles retribuiriam a gentileza com algum sortilégio que o levasse de volta ao seu reino; ou ao menos um delicioso peixe assado seria uma boa forma de sociabilizar uns com os outros. Os dinossauros se espantavam diante daquele ser robusto e estranho; alguns disparavam numa corrida frenética, alarmando outros, que corriam para todos os lados, berrando e urrando de maneira ensurdecadora, num misto de espanto e pura euforia.

Alan não conseguia identificar muitos daqueles répteis titânicos; seria mais fácil nomear os estrangeiros do que os brasileiros. No máximo, sabia que ali estavam saurópodes, ornitópodes e terópodes na terra, espalhados nas proximidades, de modo a compor uma parcela da vida em um quadro longínquo no tempo; nos céus, de modo genérico, estavam os pterossauros, que não eram “dinossauros voadores”, como alguns pensavam.

O rei dos ciclopes parou de andar, ajeitando a lâmina numa posição de dardo, afundando um pouco os pés na lama; no segundo seguinte, num impulso, arremessou a espada, cravando-a no crânio do peixe esguio. Num pulo assustador, gritando e comemorando, jogou-se no lago, agarrando o cabo da arma e concluindo a pesca. Triunfante, ergueu o braço, mostrando o enorme animal abatido.

— Isso aí, Polifemo! — exclamou o escritor, pondo-se de pé, aplaudindo e levantando o punho direito fechado. — Mandou bem!

Os outros dois não entenderam aquilo, mas acabaram por imitá-lo, assobiando e gritando elogios diversos. Nordberctus sorriu, contente por aqueles humanos apreciarem seu desempenho na captura do alimento. Contudo, por descuido, não percebeu um imenso

predador se aproximar, emergindo das águas. Quando notou, foi a tempo de desviar de uma bocarra cheia de dentes, tropeçando numa pedra e tombando na água. Mal caiu, o gigante moveu-se mais para fora do lago, chutando com força a cabeça achatada do dinossauro, atordoando-o.

— Cara, aquilo é aquele monstro que matou o T rex no...

Miguel não terminou a frase, pois soltou um xingamento quando outro predador, pouco maior do que o primeiro, veio à tona com a bocarra soltando um urro amedrontador e enfiando as presas na mão que segurava o peixe. Furioso com aquele ataque covarde, o rei dos ciclopes socou o crânio do animal sucessivamente, quebrando ossos e fazendo-o escancarar as mandíbulas; ainda possesso, ele agarrou a parte superior e a ergueu, ouvindo mais estalos. Percebendo que o primeiro se recuperara do chute, levantou-se, jogando o peixe para longe, permanecendo somente com sua espada em punho.

Era um casal, sendo a fêmea um pouco maior do que o macho, além de muito mais agressiva e resistente; foi ela quem iniciou o ataque, sendo a primeira fera a ter a cabeça decepada pela lâmina do gigante de um olho. O macho, testemunhando sua parceira tombar em espasmos e com o corpo separado da cabeça, urrou com fúria; moveu-se com cautela, tentando intimidar seu oponente com demonstrações que funcionariam com outra criatura daquele período.

— Cara, ele pode sair matando os bichos assim? — perguntou Miguel, na expectativa pela conclusão da luta, pois o amigo o advertira a não auxiliar o gigantesco combatente humanoide.

— Se eu nem sei se ele poderia estar aqui — respondeu o escritor, com sinceridade —, imagina se sei responder se ele pode matar os dinos.

— Do que vocês estão falando? — interveio Flávia.

— Interferir no passado poderia, possivelmente, mudar o futuro. Tipo aquele filme, *Efeito Borboleta*, ou aquele ou...

O dinossauro avançou contra Nordberctus antes que Alan concluísse a explicação; foi uma investida desesperada, depois de algum tempo de intimidações. E o resultado não foi favorável. Escapando da mordida, o ciclope preferiu cerrar o punho vazio e socar a crista dorsal do animal, destroçando-a em alguns pedaços, que penderam para o lado; cravando a espada na areia, apoiou-se um pouco para chutar as costelas do adversário, que berrou de dor e caiu com estrondo no chão.

— Como eu disse, ele teria nos atacado, se quisesse — falou o escritor, vendo a espada perfurar o crânio do réptil e finalizar o embate.

# Capítulo 12

## ***A Zona Além do Esquecimento***

O ciclope preparou uma grande fogueira para assar o peixe e um naco generoso da carne de um dos dinossauros abatidos; golpeou os troncos espalhados pelo campo com a espada, por falta de machado, ignorando os demais monstros que corriam em todas as direções e demonstravam temê-lo. Vez ou outra observava aqueles três jovens, cogitando qual seria o propósito de tudo aquilo; queria compreender a vontade dos deuses para com ele.

Flávia começava a se acostumar com a presença daquele colosso de um olho; não via nele, como antes, uma ameaça, e sim um ar de cordialidade ímpar, sobretudo nas vezes em que ele ofereceu nacos de peixe, esboçando um sorriso levemente medonho, mas sincero. Miguel preferiu não confiar muito no gigante, limitando-se a ser gentil quando a criatura falava alguma coisa naquele idioma carregado de consoantes e entonações que lembravam alguém rouco; tanto a pistola quanto o pequeno canhão estavam prontos para qualquer emergência.

— Interessante... — suspirou Alan, que se concentrava na análise do objeto mágico, algo que até então não se pusera a fazer com a devida atenção.

— O quê? — perguntou a namorada.

— Eu sei algumas combinações, como vocês já sabem e notaram. Não são muitas, nem a que mais precisamos. Cada uma delas vai além de apenas abrir portas para outros mundos ou tempos, como devo ter mencionado por alto.

— Como assim, cara?

— Lembrei-me de ter lido há um tempo, na *Wikipédia*, sobre o Cubo de Rubik, que é muito, muito parecido com este aqui, ou seja, o legítimo cubo mágico, que não é tão mágico assim, se comparado a este...

— Tá, entendemos! — cortou o amigo, aparentando nervosismo.

— Enfim... lembrei que há muitas e muitas combinações possíveis, como mencionei antes. São muitos movimentos para se chegar, possivelmente, numa solução. E cada combinação demoraria milênios, talvez, para serem gravadas na mente de uma pessoa, até mesmo se ela fosse a mais suprema da galáxia.

— O que quer dizer com isso, Alan?

— Quero dizer que este objeto retém as lembranças das combinações já realizadas e antecipa outras, aquelas que não foram usadas nem testadas, mas que reagem a um estímulo, sabem? É como se o Cubo fosse “vivo”, tal como sua armadura, Miguel.

O artista marcial olhou para o que conseguia ver do traje especial que usava; realmente aqueles nanorrobôs eram como seres vivos, parasitas que zelavam do hospedeiro para que nada lhe acontecesse; eram conscientes o bastante para tomarem decisões simples, geralmente voltadas à sobrevivência.

— Enfim — continuou o escritor, girando as peças com certo frenesi —, acho que sei como potencializar a minha ligação com o Cubo e...

— Opa! — gritou Flávia, batendo nas mãos do namorado com tanta força que o objeto caiu no chão lamacento. — Você vai fazer o quê?!

Ele arfou, pegando o Cubo do chão e o limpando na perna da calça.

— Só há uma chance de determos aqueles alienígenas que deixamos em LEM, amor — respondeu, voltando a montar a combinação que tinha em mente. — E farei tudo o que puder para evitar que eles se apossem disto e destruam toda a Criação.

— Mas essa tarefa não é sua! Não é do Miguel! Não é de nenhum de nós!

Aqueles olhos negros lacrimejados tocaram os sentimentos de Nordberctus, que passou a acompanhar melhor o trio, apesar de não compreender o idioma por eles falado.

— Estou fazendo isso não apenas por nosso mundo, Fla, mas pela gente.

Aquelas palavras escaparam pouco antes de algo impressionante acontecer; a pintora não teve tempo de questionar o significado, tampouco pôde fugir de algo que a tragou para uma passagem aberta do nada. Era como um redemoinho, contudo mais forte e invisível; impossível de ser evitado; surgiu quando o rapaz completou a combinação, levando a garota para outro plano, em meio a gritos e desespero. Num reflexo, o namorado se jogou para tentar salvá-la, esticando a mão e se descuidando, deixando o Cubo escapar dos dedos ao atravessar metade daquela energia antinatural.

Miguel tentou socorrer os dois amigos, mas uma descarga elétrica o arremessou para longe, de encontro às águas barrentas do lago, onde crocodilianos menores e peixes se agitaram, nadando e fugindo do que pensaram ser um predador; erguendo-se de vez, com a pistola em punho, nada mais viu além do ciclope, que estava em posição de ataque, buscando em volta o mago ou feiticeiro responsável pelo desaparecimento daqueles dois jovens.

— Merda! — esbravejou o artista marcial, compreendendo que estava perdido naquele mundo pré-histórico com um gigante de um olho.

Na mente de Alan, todavia, enquanto transitava de um plano para outro, paralelas às dores que toda a sua existência humana sentia, imagens de múltiplas eras passadas, presentes, futuras e alternativas deslizavam como alegorias e sombras, encruzilhadas e desfiladeiros, certezas e incertezas; contudo cada detalhe desconhecido ali era tão claro quanto a água de uma nascente, como se ele sempre soubesse daquilo e só precisasse de um empurrão para se lembrar. E experimentou um poder inefável, uma emanção cósmica anterior a toda a Criação; e viu coisas que não se recordaria quando a dor passasse. Naquele instante, entretanto, teve a certeza de que viu Deus sonhar; e compreendeu que, de fato, a humanidade fora um desvio do sonho Dele.

O Cubo, que havia deslizado por seus dedos, agora se fragmentava em milhares de pedacinhos, movendo-se por toda a extensão da mão até o cotovelo marcando a pele de seu portador com símbolos semelhantes aos encontrados na superfície do objeto original, queimando e cicatrizando ao mesmo tempo, num processo frenético e doloroso, embora relativamente rápido. A energia contida no artefato gravava em cada átomo frações de informações e imagens das miríades de eras dos universos, contando todas as versões de histórias e acontecimentos, de guerras e impérios, de sonhos e realidades.

Alan viu seres cósmicos se moverem por um vazio, replicando o belo sonho de Deus, espalhando abstrações e ilusões, tornando-se deuses e monstros, demônios e anjos. Um dos universos criados sob o espelho da imagem onírica divina foi povoado por entidades puras e únicas, criaturas que viriam originar tudo o que fosse material; um desses seres cósmicos, o responsável pela criação de milhares de mundos dentro de centenas de universos, ansiou mais do que deveria, concebendo filhos e filhas, entes que possuíam parte da essência criativa. Avançando eras imensuráveis, gerações inefáveis de conflitos por poder, houve uma guerra colossal entre o

último filho do ser cósmico e uma legião de anjos com asas coloridas. Anjos, na verdade, era um termo conhecível para designar aqueles andróginos armados com lanças, escudos, espadas, tridentes, chicotes e adagas que se revezavam num embate mortal contra o inimigo que se fortalecera ao assassinar os irmãos e absorver suas energias vitais. Da mente do oponente surgiam monstros e aberrações, servos determinados a tudo para vencerem os anjos para que ele pudesse matar o pai, apossando-se de sua energia e se igualando a deuses e demônios. Houve a queda, por fim, a derrota do usurpador, e a divisão de todo aquele dom tanto criador quanto destruidor entre os mais leais e preparados seres alados; e a certeza de que outras batalhas, tão vorazes e cruéis quanto a primeira, seriam travadas outra vez até que a derradeira ocorresse.

Num futuro possível, numa Terra alternativa, numa civilização humana que se formara após milhares de escolhas e possibilidades, a ciência se encontrou com aquilo que antes era taxado de magia, redescobrimdo conceitos e lendas ignorados até mesmo por quem acreditava em coisas místicas. Apesar de distantes do Criador, haviam redescoberto uma forma de igualá-Lo e, provavelmente, superá-Lo no devido momento; poderiam, e tentariam de todos os modos que lhes conviessem, cometer um deicídio e reiniciarem a Criação.

Num impulso, o estômago do escritor se virou; sentando-se, o garoto vomitou uma massa de cor branca e gelatinosa. Limpando a boca com urgência, deparou-se com o lugar em que se encontrava: era como se o tempo tivesse parado em alguma rua de LEM, talvez na mais movimentada delas, no Centro. Pássaros, gatos, cães, pessoas, carros, motos, bicicletas... nada mais se movia, via, ouvia ou emitia som naquele vazio alheio a qualquer passagem temporal.

Olhando para o braço que ainda ardia, viu as escarificações causadas pelos pedaços minúsculos do Cubo que zelava; recordou-se do que o chefe dos sagitários falara sobre cicatrizes, e aceitou o

destino oferecido; se aqueles homens do futuro queriam matar o Criador, ele seria a antítese: Alan seria aquele que traria o fim da ganância humana.

— Amor, onde estamos? — perguntou Flávia, com a mão cobrindo um corte na testa.

— Dentro do tecido espaço-temporal que o russo teorizou e provamos que existe. Uma zona de esquecimento e lembranças, um paradoxo.

Ele estava em pé ainda, enquanto o Cubo terminava de marcar sua vida com aqueles estigmas; ainda olhando em volta, reconheceu aquela rua, mas percebeu aspectos diferentes, sombras que se alongavam mais do que deveriam, formas que se moviam de maneira ameaçadora, sussurrando e praguejando. Com a mão livre, abraçou a namorada e ficou aguardando aquelas formas perdidas e malditas se manifestarem.

— Essas marcas no braço... o que são? — indagou a garota, entre o medo do que estava por vir e o horror ao ver o braço do namorado sendo queimado e cicatrizado em segundos.

— Não sei ao certo.

Saídos de cantos e lugares diferentes, homens e mulheres albinos se aproximavam sem receio do casal, cochichando coisas entre si; os olhares estavam no garoto que portava o objeto que os prenderam há milênios ali. Vestiam-se com farrapos e se moviam arrastando por causa da doença que os deteriorava ano após ano, sem, todavia, matá-los; eram magérrimos e altos, quase cadavéricos, mas em tempos longínquos eram robustos e respeitáveis, assim como aquele que os lançara naquele local esquecido.

— Alan, desfaça a face, pelo amor de Deus! — gritou Flávia, apavorada, agarrando-se com força ao escritor.

Ao ouvir aquilo, um dos albinos correu para agarrar o braço da garota, porém Alan mexeu-se com destreza, ficando entre ele e o objetivo; segurando a mão da criatura, forçou um movimento para o lado, estraçalhando os ossos podres dela. Quando aquela forma desprezível se curvou, gemendo de dor, o garoto a chutou no pescoço, dando alívio para sua falsa vida. As marcas pequeninas no braço esquerdo brilhavam em seis cores, sendo a luz negra a mais sinistra de todas; era como se a energia que emanava fosse a mesma que destacava as faixas amarelas da armadura de Miguel.

Soltando o corpo frágil daquele homem degradante, encarou os demais, que se mostravam receosos em qualquer investida; sussurravam e praguejavam, mas eram criaturas covardes o bastante para não agirem. E o escritor sentiu pena do que se tornaram aqueles que um dia foram soldados que destruíam mundos sob o comando de um tirano.

Um barulho estridente ecoou naquele vazio atemporal, estremecendo todos os prédios, trincando vidros e criando pequenas rachaduras nas paredes; era um som potente, que assustou os habitantes do vazio entre a existência e a inexistência, que correram para todos os lados, alguns guinchando e caindo aos tropeços.

— O que foi isso, amor?

Alan a fitou, encontrando horror e surpresa naqueles olhos negros; a ligação com o Cubo havia intensificado sua capacidade de perceber sutilezas, de atentar-se a pormenores. Tudo o que fez foi abraçá-la o mais apertado que conseguiu, deixando aqueles milhares de fragmentos se alinharem numa combinação além de qualquer uma que a forma antiga do artefato permitiria fazer.

# Capítulo 13

## ***A Batalha de Tunguska***

Foi uma manhã agitada na Sibéria; um clima frio, com vento seco, pairava sobre a floresta, enquanto ele e seus três companheiros de missão percorriam a região, ora ou outra atualizando os dados que as naves individuais coletavam nos arredores; na quarta atualização, detectaram a presença do grupo que havia se apossado de maneira vil do Cubo.

As armas foram preparadas para atuarem na potência máxima; a tecnologia desenvolvida na combinação de artemagia e nanorrobótica possibilitou a criação de monstruosidades bélicas, como ficou comprovado nos anos turbulentos de conflitos pelo artefato multidimensional. Um maquinário inacreditável foi aperfeiçoado ao se moldar a energia aparentemente contida, unindo-a com a ciência já dominada há milhares de gerações. Os nanorrobôs se fixaram nos trajes de tecido sintético, absorvendo-o para se fortalecerem ainda mais, modulando-se ao corpo de cada explorador, que continuava andando normalmente; em pouco menos de um minuto, cada um parecia com um dos andróides conscientes criados nos últimos meses de conflitos, embora as faixas luminosas denunciasses suas almas. Apesar da interferência artemágica, quase todos usavam algo já obsoleto, porém ainda muito útil por oferecer resistência a ataques e explosões de médio impacto e ampliar a força física; em alguns casos, uma velocidade sônica era possível, apesar dos riscos ao usuário.

Uma leitura revelou a aproximação de um objeto grande e que se movia muito rápido. Ajeitando as armas para a direção em que

vinha o provável inimigo, os quatro se posicionaram de maneira a ter o máximo de aproveitamento da artilharia que usariam. Rifles e pistolas capazes de causar muito estrago, manipulados por quem era perito nas habilidades de guerrilha, embora muitas vezes contra a vontade. A criatura que surgiu entre as árvores e os arbustos, contudo, foi algo que ninguém estava preparado; urrando e baforando ar quente, serpenteou de um lado a outro, enquanto um autômato se agarrava ao seu dorso; o enorme lagarto, meio ofídico, com pequenas asas nas costas, era um animal oriundo de algum dos muitos mundos existentes nos universos-clones, o que significava que os militares se preparavam para partir. Com um gesto, correndo para a nave, o líder da equipe gritou aos outros que abatessem o monstro e o robô.

Uma nave menor manobrou com agilidade, abrindo a porta para seu usuário, que se jogou no interior. Dentro dela, o explorador ativou o rastreador de artemagia concentrada, ampliando o campo de alcance para um raio de novecentas milhas terrestres, uma unidade de medida comum na Terra e adotada por eles em algumas ocasiões desde que ali chegaram. Buscou com urgência o sinal de origem em meio à radiação colossal da passagem aberta; a julgar a dimensão impressionante da anomalia, uma combinação envolvendo dois ou mais lados foi ativada. Mal localizou o ponto, acionou os propulsores e rumou para lá, preparando o armamento pesado para o encontro. Não havia muita munição na nave, pois parte fora usada num confronto na órbita terrestre, restando apenas mísseis e bombas de hidrogênio e oxigênio; e orou ao Criador para que fosse o bastante para a vitória.

A abertura espaço-temporal era do tamanho de um casebre, aproximadamente, e de seu interior emergiam aquelas feras esguias e reptilianas, sob os disparos contínuos dos autômatos negros munidos de fuzis e metralhadoras de plasma, fonte bélica mais comum dada para maquinários com certo grau de inteligência, sucumbindo em sua maioria na metade do trajeto. Cinco homens, que trajavam armaduras com feixes luminosos nas costas,

protegiam o líder, que tinham ramificações paralelas à espinha dorsal e costelas; este, por sua vez, manipulava com destreza o objeto cúbico, tentando ou fechar o portal aberto ou encontrar a combinação correta que abriria um segundo, que os conduziria para fora do planeta, ao encontro do general, que estava ansioso para se apossar do Cubo.

Realizando um voo rasante, o piloto disparou os canhões menores, destruindo os humanoides mecânicos e matando alguns dos animais que baforavam vapores capazes de derreter a carne; manobrando a nave, abriu a porta e pulou no meio do pequeno grupo inimigo, apontando a arma na cabeça daquele que segurava o item precioso. E surgiu um pequeno impasse: apesar de detestar matar, o líder da equipe da facção científica rebelde era um exímio atirador, possuindo qualificações militares por sua bravura durante a guerra no planeta natal; todavia, enquanto apontava a pistola para o crânio protegido pelo capacete do chefe de operações exploratórias, cinco rifles estavam direcionados para o seu corpo. Em qualquer das alternativas possíveis, ele morreria após matar aquele que se agarrava com desespero ao Cubo das Eras.

Quando a cabeça do oponente foi detonada, três tiros perfuraram sua armadura, atravessando a região da barriga. A dor o fez gritar, porém ainda teve tempo de se apossar do objeto, enfiando-o no buraco aberto por um dos disparos, e atirar contra dois combatentes; desviou-se dos outros tiros, acionando de novo o veículo. Os nanorrobôs modificados trabalhavam rápido para fechar as feridas, mas os resultados eram quase nulos por interferência do objeto cúbico; portanto, muito sangue era perdido naquele esforço sobre-humano. Enfraquecido, compreendeu que aquilo jamais deveria voltar ao seu mundo ou ficar em posse de um ser humano tocado pela corrupção da ciência sem limites e ética; era o que seu pai desejaria que acontecesse. Seria necessário que fosse travado por alguém neutro naquele conflito milenar, talvez um ser humano terrestre, um eleito escolhido pelos desígnios desconhecidos do

Criador, e que ele pudesse decidir os rumos dali em diante — talvez com mais sabedoria do que os seus possíveis descendentes.

A nave pousou ao seu lado, abrindo a porta lateral; reunindo forças e sentindo projéteis cortarem armadura e pele, adentrou-a; digitou alguns comandos, numa escolha aleatória, desejando que fosse uma alternativa mais acertada possível. O veículo aéreo ergueu-se por quilômetros, entretanto algo inesperado ocorreu.

Um raio fulminante desceu dos céus, como a cólera divina e abateu a nave antes que esta alcançasse a camada mais distante do planeta, atravessando-a até atingir com fúria o solo; uma ação precipitada e devastadora do general, pois as bombas de hidrogênio e oxigênio se agitaram conforme o transporte caía velozmente de volta ao chão. Uma grande detonação se seguiu; tão medonha quanto a que liberou antimatéria sobre a superfície do planeta natal. A poderosa energia contida no objeto artemágico foi parcialmente exposta, intensificando o caos no ar, expandindo o tempo e o espaço de forma descontrolada, engolindo primeiro o enorme veículo dos militares, que estava metros acima; a seguir, modificando a vida e o universo, cobriu a área em que se estavam os soldados e rebeldes sobreviventes. Por fim, desencadeando um fenômeno antinatural, a explosão encontrou a passagem aberta, soltando uma onda sônica que se estendeu por muitos quilômetros.

As folhas das árvores se desintegraram por completo, enquanto os caules se dobravam com facilidade, num efeito dominó aterrador; aquelas que não se curvavam ao poder ancestral vindo do futuro, perderam a bela folhagem tal como as demais. A natureza reconhecia sua inferioridade mediante a grandeza do poder divino que a ambição humana achava capaz de controlar e moldar para seus fins vis. E o pequeno veículo, com o único tripulante e sua valiosa carga, foi jogado mais de cem anos no futuro, numa pequena cidade baiana.

Naquela manhã de 30 de junho de 1908, em torno das 7h17, Tunguska foi alvo da fúria da artemagia. E uma parte do planeta ficou marcada para a posterioridade.

# Capítulo 14

## ***A Batalha que Nunca Ocorreu***

Nordberctus vez ou outra roçava a barba, esperando que Miguel se tranquilizasse, o que já estava bem claro que não ocorreria tão cedo; para se distrair, contemplava os animais imensos que pastavam ou passeavam tão distantes e os dragões que sobrevoavam pontos longínquos do lago e acima de florestas de coníferas altíssimas. Lembrou-se de seu lobo-do-oeste; se ele estivesse ali, correria por aquele lugar atrás dos bichos que tivessem próximos ao seu tamanho avantajado — ou até maiores —, iria para aquelas águas e nadaria com ferocidade, sem temer qualquer fera existente; ao sair, como um cachorro, sacudiria os pelos acobreados e rosnaria para qualquer coisa que se aproximasse para matar a sede.

Virando e revirando cinzas e brasas com a ponta da espada, sem a intenção de reviver aquele fogo moribundo, o rei dos ciclopes pensou em quantos mistérios os deuses camuflavam sob as ilusões que os olhos viam; desde que chegou naquela terra habitada por tantos dragões, de maneira inexplicável, recordou-se das lendas antigas sobre viajantes de outros mundos, divindades que transitavam entre reinos e tribos, recolhendo histórias e as guardando em objetos estranhos. Se aquele rapaz que possuía o Cubo estivesse ali, tentaria perguntar se ele era um desses deuses há muito perdidos em contos.

Uma dessas histórias falava sobre um grupo de doze entidades, seis do sexo feminino e seis do masculino, que vagou por muito tempo, ainda quando o mundo de Nordberctus era mais próspero em verde

e diversificado em seres e raças; cada um se assemelhava a uma criatura existente, desde os humanos, representados por uma minoria isolada num continente pequeno, a monstros colossais. Alguns povos os chamavam de Remanescentes, pois eram os últimos de sua espécie, os sobreviventes de uma hecatombe que dizimou o lugar de origem; outros acrescentavam que eram conhecedores dos segredos antes restritos aos deuses e buscavam voluntários para criar um mundo e povoá-lo; e havia quem apenas atribuía grande progresso a eles e ansiava uma nova visita.

O gigante não acreditava que aquele trio fosse um dos Remanescentes, mas sentia nele uma força semelhante a que captou naquele manto, horas antes, e tinha certeza de que os três estavam destinados a algo grandioso, uma tarefa que seria clamada aos mais distantes recantos. E fazer parte de uma lenda o enchia de orgulho, algo que batalha nenhuma havia lhe proporcionado antes.

— Oxe?! — deixou escapar Miguel, ao erguer o olhar.

Era uma interjeição simples, dita comumente na Bahia, talvez conhecida noutros lugares, contudo inédita para os ouvidos de alguém vindo de um planeta desconhecido pela ciência da Terra do século XXI; ainda assim, o tom empregado alarmou o ciclope, que se pôs de pé e ajeitou a espada no punho, voltando sua atenção para a mesma direção do garoto de armadura negro-amarela.

Uma nave enorme, de formato simétrico, cheio de estruturas que se assemelhavam a espinhos; era tão colossal que sua sombra cobria bandos inteiros de dinossauros, que corriam desesperados para todos os lados. Um som estrondoso era emitido, e ecos se propagavam como trovões, enlouquecendo os pterossauros, que caíam como se atingidos por projéteis, entre bater de asas e gritos estridentes; e mais ruidoso foi o disparo, que abriu uma cratera na margem do lago, erguendo água e lama, intensificando o caos. Mal o casulo metálico caiu, o artista marcial já estava direcionando o

pequeno canhão para lá e atirando com potência média, enquanto a visão térmica calibrava na temperatura adequada para a ocasião.

Outras cápsulas foram arremessadas, formando um círculo ao redor dos dois alvos; de seus interiores, alienígenas apenas com a armadura negro-luminosa ou trajando exoesqueletos que multiplicavam diversas vezes a força já descomunal. Um dos soldados, que era o menor do grupo, correu para derrubar o ciclope, confiante que era capaz de tal façanha; percebendo aquilo, contudo, o rei moveu a lâmina e o dividiu em dois.

Miguel abateu dois antes que saíssem dos casulos, explodindo tudo em chamas de uma cor jamais vista por olhos humanos dos próximos dez séculos; trocando rápido de armas, entre pistolas, canhão, rifle e espada, ele não encontrou dificuldade em eliminar os que faziam uso apenas do traje nanorrobótico, podendo se dedicar integralmente aos três que portavam os exoesqueletos.

Cerrando o punho no cabo da espada, Nordberctus pigarreou e levantou o olho azul, contemplando a nave que pairava quase sobre eles, envolvendo-os numa sombra assustadora; e esboçou um plano audacioso, um estratagema que o ajudara a vencer uma competição nas terras dos gigantes de duas cabeças do Leste. Aliviou o aperto, movendo com sutileza os dedos calejados e marcados por cicatrizes; respirou fundo, absorvendo aquele ar primitivo e que jamais outro de seu povo voltaria a sentir.

Um dos soldados apontou um cano triplo para a cabeça do rei dos ciclopes, mas o tiro do jovem baiano foi mais ligeiro, destruindo aquela arma e dando início a um combate violento; usando duas lâminas, Miguel bloqueou ataques e cortou metal e carne, desviando de investidas que o teriam matado facilmente sem aquela armadura incomum. Girando o corpo, trocou tudo por pistolas e detonou o tórax do que estava mais desprevenido; alternando para o pequeno canhão, disparou no pé do mais forte dos três, o que permitiu voltar às espadas e decapitá-lo.

O gigante mudou a posição da arma, agarrando a ponta cortante e impulsionando o corpo para baixo, apoiando os pés calçados em sandálias na areia macia; quando julgou ser o suficiente, deu um salto e lançou a espada, que se movimentou alucinada em direção à nave. No mesmo instante, pulou sobre o último militar vivo, embora sem um braço, chutando-o para longe, no meio das águas barrentas, e apontou para cima, solicitando uma descarga energética poderosa. O rapaz não entendia aquele idioma complicado, porém compreendeu o que deveria fazer; acionando o rifle, mirou no ponto em que a lâmina já se aproximava e descarregou o máximo de energia que pôde, abrindo caminho para o estrago. O metal tão bem trabalhado pelos ferreiros do povo dos ciclopes era carregado de artemagia, e devastar aquela estrutura que misturava conhecimentos adquiridos e grosseiramente aperfeiçoados foi tranquilo.

A nave explodiu aos poucos; primeiro o local atingido pelos tiros e lâmina; a seguir, em detonações crescentes, o fogo foi consumindo tudo, inclinando-a para o lado, numa queda agonizante até se chocar no solo, sendo consumida por labaredas que reduziam tudo a pó. Quando tudo fosse devorado, aquela batalha jamais seria registrada por qualquer vestígio fóssil; era uma das reais vantagens de se usar algo sem conhecer toda a capacidade de poder.

Miguel matou o último soldado, trazendo-o para a margem e coletando itens para incrementar seu traje; além das armas, pegou um par de luvas feitas de um material gelatinoso, mas que lhe pareceu útil numa ocasião próxima, mais algumas granadas, sendo que nem usara as que ele já tinha em pose, e um aparelho esquisito, que transmitia uma sequência de códigos ainda mais extravagante. Quando terminou, ativou a autodestruição da vestimenta e de seu usuário; e repetiu aquilo em todos, inclusive nas naves destruídas; apenas uma, por opção, ele manteve conservada, ainda sem saber como e quando a usaria.

Nordberctus já havia recuperado sua arma em meio ao fogo e cinzas, limpando-a de sujeiras e resquícios de sangue escuro, admirado com aquela peça herdada por seu bisavô após ajudar um misterioso viajante, que muitos acreditavam ser um dos Remanescentes; sorriu; estava contente pelos deuses lhe concederem dádivas e aventuras, ciente de que encontraria ao final daquela jornada uma morte digna de uma canção.

— Eles nos seguiram — deduziu o garoto, observando o alienígena decapitado ser convertido em poeira cinzenta. — Mesmo sem aquele Cubo, sem saber para onde íamos, eles nos acharam aqui, milhões de anos no passado. Como fizeram isso?

— Eles possuem uma réplica tosca do Cubo — respondeu Alan, aparecendo do nada ao lado dele, que deu um pulo na direção oposta e sacou a pistola.

— Caramba! Para de me assustar!

— Desculpa. Não foi nossa intenção.

O escritor estava sozinho e aparentava uma aura mais envelhecida, de alguém que viveu muitas coisas antes de regressar; suas roupas eram outras, e, mesmo que o amigo não se recordasse mais das que ele usava antes, foi inevitável não notar aquela mudança completa.

— O que aconteceu com seu braço, cara?! E cadê a Fla?

— O Cubo me mostrou uma combinação nova, mais “portátil” e que aumentou ainda mais as combinações possíveis — replicou o portador da chave multiversal, erguendo o braço esquerdo e mostrando as escarificações pequenas e coloridas, em fileiras bem alinhadas. — São mil e duzentas e noventa e seis pecinhas agora, distribuídas em vinte e quatro colunas com cinquenta e quatro pontinhos, o que me permite controlar tudo de maneira mais

prática. E descobri umas paradas bem interessantes sobre o que enfrentamos e devemos fazer.

— Certo, e a Flávia? Onde ela está?

— Ela está bem. Nada vai acontecer a ela enquanto estiver lá.

— E onde é “lá”?

— Vou levá-los, mas antes preciso fazer uma coisa — respondeu Alan, pensando numa combinação simples e eficiente, enquanto seus olhos serenos se voltavam para o imenso guerreiro nórdico.

Nordberctus estava sentado sobre uma pedra, concluindo a limpeza da lâmina; vez ou outra observava com mais interesse aqueles dois, sem demonstrar surpresa pelo retorno do outro, apesar de estranhar os símbolos em seu braço; imaginou a dor que seria cravar aqueles fragmentos coloridos, do punho até perto do cotovelo. Quando o rapaz o fitou, não pôde desviar a atenção daqueles olhos que transbordavam superioridade e convicção, como se ele fosse, de fato, uma divindade presa num corpo tão frágil; e ignorar aquele brilho era como desprezar um tabu.

— Seu nome é Nordberctus, não? — indagou o escritor, dirigindo-se ao rei.

— Sim — confirmou o ciclope, arregalando o único olho.

— Sou Alan. E este é Miguel. Minha namorada se chama Flávia. Precisamos de sua ajuda para deter um inimigo que ameaça não apenas o meu mundo, como também o seu e qualquer outro que puder atingir. Você nos ajudaria?

O gigante arfou, pensando em muitas coisas; tinha consciência que sua resposta seria um caminho sem volta.

# Capítulo 15

## ***Poder Sem Medidas***

O tempo sempre foi uma ilusão; para alguns, um segundo passa quase num piscar de olhos; para outros, é uma eternidade. O Cubo, por sua vez, continha todas as noções de tempo, unindo-as sob um mesmo plano, esticando e encolhendo cada fração a bel-prazer, e isso o tornava uma ferramenta devastadora; não bastasse apenas abrir portas, o artefato manipulava as realidades e os inúmeros mantos ilusórios temporais, desafiando as leis e desrespeitando o fluxo contínuo das coisas criadas. Manuseá-lo era o mesmo que brincar de ser o Criador, algo que excitava os cientistas do futuro, quando o ser humano se elevou às estrelas, assumindo a alcunha de extraterrestre; contudo, nem mesmo seu inventor ou quem já o usou conhecia as combinações descobertas pelo jovem escritor, que ativou a mais importante e crucial de todas: transmutar de cubo para cicatrizes, tornando quase infinitas as possibilidades e liberando muita artemagia para quaisquer finalidades.

Alan, para todos os efeitos, era um deus entre os homens do século XXI.

Para que ele alcançasse tamanha ascendência, foram necessários um milhão de anos; muito mais do que a raça alienígena que descendia da humanidade tinha de história. Tudo aconteceu em um segundo, entre um mundo e outro, quando sua preocupação era proteger a namorada; preso em teias elaboradas de linhas temporais, que se ramificavam ao menor abalo, vivenciando vidas e planetas, conhecendo os desdobramentos desde a Criação, o escritor evoluiu a mente aos mais invejados níveis, dominando o

controle sobre o Cubo e compreendendo o que deveria fazer: reunir forças em outros lugares e regressar a LEM, onde lutaria contra o general e concluiria a tarefa de exterminar a raça humana para sempre.

Deixando Flávia ao cuidado dos sagitários, que tinham uma dívida eterna com o trio depois da morte do falso deus, o garoto viajou por terras distantes, relatando sobre a ameaça vinda de um futuro que não deveria existir, causando maravilhas e milagres em favor de sua missão; encontrou resistência em muitos locais, mas sempre obtinha parte do que buscava. E quanto mais avançava, mais testemunhava os resultados da influência gananciosa daquele povo que o antagonizava; chorou diante de civilizações dizimadas ou escravizadas, desertos de carvão e cinzas onde antes, segundo o Cubo, havia florestas, oceanos e animais; e foi perseguido por fanáticos religiosos, que viam naqueles carrascos profetas e mensageiros, ou até mesmo divindades importantes, e não raro fez uso da artemagia para aniquilar frotas espaciais e exércitos.

Se em um segundo Alan alcançou a iluminação, em dois minutos, possuía os aliados necessários para confrontar aqueles que almejavam destruir o Criador. Retornar para buscar Miguel e Nordberctus era a última parte do plano, pois aquela espada possuía uma combinação potente o suficiente para arrasar o centro de poder dos alienígenas.

— Então, o plano é voltar pra LEM e arregaçar aqueles filhos da mãe? — questionou o artista marcial, ao terminar de ouvir o amigo detalhar boa parte de seu plano complexo.

— Sim.

— Tudo ou nada?

— Sim. Por isso deixei Flávia protegida num dos mundos aliados. Não sei como seria se ela se ferisse ou... ou coisa pior.

— Há alguma chance de vencermos isso? Ou será uma investida suicida?

O escritor suspirou, ciente de que não poderia mentir para o amigo, embora ele não fosse tão evoluído quanto deveria ser para entender a magnitude da tarefa que deveria ser executada.

— Não posso garantir que sobreviveremos — começou ele, olhando para os animais pré-históricos no firmamento —, nem posso afirmar que venceremos. Tudo o que sei, tudo o que o Cubo me permite ver é que a Criação depende de nós, de nosso esforço para impedir que os alienígenas recuperem a chave das eras e vão de encontro ao começo de tudo e assassine nosso Criador. Sei que parece loucura o que irei dizer, mas só há uma forma de parar tudo isso: vamos voltar para LEM, destruir a réplica do Cubo que eles possuem e, por fim, extinguir para sempre toda a raça humana.

Miguel ativou imediatamente o pequeno canhão e direcionou para a cabeça de Alan; foi um gesto automático, provocado pela resposta da armadura ao susto que ele tomou. Acalmando-se, travou os mecanismos de disparo e abaixou a arma, mas sem se desculpar.

— Somos uma raça falha, Miguel — continuou o amigo, fingindo ignorar aquele sinal de defesa —, por isso devemos ser extintos da Criação, em todos os níveis e universos, em cada canto e recanto, em qualquer que seja a realidade existente. Somos um erro do Criador, que ousou ir além do sonho de Deus, materializando criaturas abomináveis, dotadas de poder tanto para criar quanto para destruir.

— Isso é loucura! — esbravejou o artista marcial, tentando assimilar aquela revelação. — Com que direito a gente pode exterminar vidas humanas, cara?! E as pessoas inocentes? E o livre-arbítrio?

— Em poucos anos, haverá mudanças vindas de países diversos. As religiões se tornarão instrumentos de revoltas; a ciência será usada

para controlar vidas e determinar os cursos da humanidade; a política será capaz de provocar carnificinas muito além do que os atuais registros históricos conhecem, se aliadas a um dos preceitos já citados. Em menos de cem anos, a Terra clamará por misericórdia, incapaz de sustentar bilhões de seres gananciosos; aqueles que não tiverem recursos financeiros, serão alimento para os que possuem fortunas; com a morte de nosso planeta, iremos espalhar nossas doenças em outros mundos. Repetiremos os passos dos colonizadores: ganharemos confiança, aprenderemos tudo o que pudermos, aperfeiçoaremos nossas tecnologias e conquistaremos mundo após mundo, sempre ansiando mais. Em um milhão de anos, não existirá mais raça humana; a humanidade se proclamará deuses com o direito de exterminar civilizações; seremos temidos como demônios e flagelos. Por fim, virá o Cubo. E iremos atrás de quem nos criou, pois nos acharemos dignos de superá-lo.

— Tudo isso é... é...

— O mundo de Nordberctus há muito tempo combateu invasores. Foi uma guerra sangrenta, que uniu ciclopes, gigantes e toda a sorte de criaturas; foram ajudados pelo inventor do Cubo, que criou a espada como poderosa ferramenta para detonar os genes humanos, mesmo que em fragmentos quase imperceptíveis. Os sagitários tentaram a mesma proeza, mas são supersticiosos demais, e Yugayuagt acabou se apossando do vril, a pedra que recuperamos quando você o matou.

— Então, seremos os carrascos de nós mesmo?

— Eu não teria coragem de matar você ou Flávia. Vocês viverão comigo num plano isolado de tudo. Serão eternos e...

— Dane-se a eternidade! Eu não quero viver para sempre com o peso de extinguir minha própria espécie! E aposto que nem ela vai

querer! Isso é loucura! Você está agindo igual aos que você quer deter! Ou ainda pior!

Alan avançou contra Miguel; este se desviou com rapidez, socando-o no queixo com força. Caindo na areia molhada e macia, o escritor pensou numa combinação perfeita para aquele momento; pouco se importou com o sangue escorrendo de uma fratura que expunha ossos e dentes.

Ativando as lâminas rapidamente, o artista marcial se defendeu de uma criatura imensa que passou furiosa ao seu lado, sacudindo a cauda como chicote; o impacto ainda o arremessou contra as águas barrentas do lago, enquanto o monstro urrava e socava as patas maiores no chão, como se fosse um gorila.

— Deixe de ser idiota, Miguel! — exclamou o escritor, levantando-se e realizando duas combinações seguidas.

O sangue jorrava abundante em sua boca, que ia aos poucos se regenerando.

— Fomos escolhidos para mudar o curso das coisas! Temos a chance de impedir que mais mundos sofram com nossa desgraça! Pense nisso! Somos a revolução!

Um disparo potente agitou as águas, passando rente ao lado esquerdo de Alan, que balançou a cabeça de modo desaprovador. Miguel andou entre aquela agitação toda com ambas as pistolas apontadas para Alan; o capacete lhe dava um aspecto severo, tão inexpressivo que era impossível saber qual emoção imperava naquele instante.

— Leve-me até a Flávia e prometo ajudar você nessa merda toda! — gritou. — Mas, se eu sair vivo, apenas quero que me mate! Não quero sobreviver a uma realidade em que sou um dos últimos homens do Universo! Estamos entendidos, Alan?

— Perfeitamente — assentiu o escritor, devolvendo o monstro que invocara para seu planeta. — Só lamento que seja incapaz de entender a beleza do que estamos fazendo.

O ciclope abaixou o olho para a espada; um presente deixado para uma finalidade específica: ajudar desconhecidos a eliminar um mal que há muito tempo estivera em seu mundo.

# Capítulo 16

## *Uma cidade sitiada*

A cidade ficava ao lado de um rio popularmente conhecido como Rio das Putas por motivos meio óbvios; sem muitas dificuldades, por exemplo, qualquer visitante se inteirava sobre o lugar e sua longeva história envolvendo mortes estranhas, brigas frequentes, cantos reservados para sexo e os inúmeros mistérios que estavam sob as águas escuras. Isso até soava sensacionalista, mas Antônio, homem vívido e morador há quase duas décadas naquele município, confirmaria grande parte dos boatos e acrescentaria outros detalhes, embora de veracidade igualmente duvidosa.

Naquele dia, ao se aventurar pela margem do rio, que tinha a tão fascinante peculiaridade de mudar de nome conforme transitava adjacente a Luís Eduardo Magalhães, ele queria apenas ter a sorte de encontrar alguns ninhos de aves, talvez já com alguns filhotes; e achou bom levar o filho junto, afinal nunca se sabe o que pode acontecer em algo que se tornou uma rotina. A chuva havia umedecido a pequena trilha usada, sobretudo em pontos de argila e areia fofa, que se tornara lama densa e funda em diversos locais antes facilmente percorridos. Duas ou três vezes, Antônio praguejou, cortando galhos e plantas menores com o facão; quando optou por usar um pedaço de madeira como cajado para se orientar ou até mesmo se apoiar, deixou de se afundar tanto; o filho o seguia mais calado, escutando-o falar sobre como eram os ninhos que procuravam ou praguejar contra a lama. Jovem, não deveria ter mais do que dezessete anos, e nenhum futuro previsto com exatidão; era um garoto que se divertia com as partidas de futebol nos finais de semana ou com os passeios com a galera pela praça;

e detestava trabalhar. Dois dias atrás, participara de uma briga; e agora, como castigo, auxiliava o pai a capturar animais silvestres para fins ilegais. Antônio nunca foi um exemplo paterno para dar lições morais, pois cresceu sem um exemplo; as malandragens do filho apenas serviam para a esposa encher a paciência com discussões; aí ele obrigava o moleque a fazer qualquer coisa por uns tempos para supostamente castigá-lo. E assim todos iam vivendo.

— Tem um ninho de araras aqui — falou o pai, olhando os ocos das árvores nativas com atenção. — Ontem ouvi as pestes cantando.

“Tanto faz”, pensou o garoto, mais preocupado com o que pretendia para a tarde daquele dia tão chato.

Luís Eduardo Magalhães oferecia alguns atrativos, dependendo de quem os procurava; e variava conforme a época do ano também. Alguns bares mais duradouros, outros nem tanto; havia os bons e os maus, ou até mesmo prostíbulos aqui e ali, disfarçados, inclusive, que eram uma herança dos tempos áureos do pioneirismo e das safras de grãos da região. Poucas praças, sendo a do Centro a mais interessante, onde as tribos se reuniam e os *hippies* se aconchegavam vez ou outra, alguns vendendo suas artes; as festividades patrocinadas pela prefeitura geralmente ocorriam ali, um ponto cercado por lanchonetes, mercados, lojas e uma tímida banca de revistas. E ainda havia as casas de *shows*, sempre mudando e lutando para se manterem, o que agradava aos que podiam pagar por uma diversão mais casual e especializada.

No caso do rapaz, algumas coisas o divertiam: ficar com os amigos na Praça Alvim Motta, no Centro, perdendo horas e horas da vida paquerando as moças que passavam e arquitetando esquemas que iam de um roubo simples a um acerto de contas; uma festa vez ou outra para ir, independente de onde ou quando fosse... Para aquele dia, infelizmente, a única agitação que teria era ir para a praça

mesmo, tomar *milk shake* e tentar a sorte com alguma garota. Isso, claro, se conseguisse se livrar do pai antes das sete horas da noite.

— Ouviu? — indagou Antônio, parando de andar.

— O quê? As araras?

— Não, não são as ara...

A frase morreu antes de ser concluída.

Algo enorme, constituído de metal e que planava com suavidade, mesmo aparentando ser tão pesado, saiu de algum canto da mata; com estrondo, disparou contra o homem que o fitava com assombro; a saraivada quente arremessou o corpo robusto de Antônio para longe, alertando o filho que o melhor era fugir.

Soltando as duas gaiolas que segurava, o rapaz correu pela trilha, escutando o *drone* se mover atrás dele, arregaçando galhos e arbustos conforme se locomovia; o coração batia como se fosse escapar do peito e a visão estava um pouco embaçada, mas ainda assim ele seguiu o caminho, dando passadas largas e escapando da lama que pouco antes o havia feito também se atolar; escorregou uma ou duas vezes, arranhou pernas, braços e rosto, quase foi fulminado por um feixe quente que explodiu uma árvore à esquerda.

O Rio das Putas!

Avançou pelas águas, que estavam agitadas graças às chuvas da semana, compondo uma correnteza forte e perigosa; nadou com esforço, sendo arrastado e puxado para baixo; com dificuldade, encheu os pulmões de ar e prendeu a respiração; uma tentativa inútil, pois projéteis fulminantes o atravessaram sem misericórdia; moribundo, foi à tona, recebendo mais saraivadas. O *drone* planou por algum tempo sobre o rio, gravando o infrator boiar sem vida, sendo carregado pelas ondulações; ao notificá-lo como morto ou

fora da zona de risco, retornou ao ponto original; enviou o vídeo-relatório para a nave que pairava sobre a cidade, informando o sucesso da tarefa.

\*

*120994-457983-12-5-58-47-54.* Era a sequência numérica que aparecia nos celulares de todos os habitantes da cidade, meia hora após a queda da primeira aeronave, quase no mesmo instante em que os invasores se espalhavam em LEM, sitiando-a com drones e andróides, todos muito bem equipados com armamento pesado e instruções para exterminar.

*—... apenas viemos em busca de um objeto muito importante: o Dimensa Limina Et Temporalium Spati, embora alguns o apelidem de Cubo das Eras. Sabemos que está nas proximidades. E desejamos que seja logo encontrado ou que alguém nos entregue — começou uma voz rouca e metálica, conforme as ligações eram atendidas. — Estamos, por ora, bloqueando o sinal de todo e qualquer meio de comunicação possível, interceptando e rastreando informações necessárias para os nossos objetivos. Não prejudicaremos a comunicação interna, pois acreditamos que todos vocês possam nos ajudar. Se alguém ousar se comunicar com o lado externo, será localizado e punido severamente. Se alguém tentar sair da cidade, será exterminado por drones espalhados por toda a fronteira estabelecida por nosso radar. Se alguém nos ocultar o DILIM, será igualmente punido com a morte. Nossos drones estão sendo distribuídos por toda a área civil, todos programados com licenças de captura e extermínio. Ninguém sairá ferido desde que o DILIM seja entregue num prazo de uma hora, sem um segundo a mais. Após isso, para a infelicidade de todos, agiremos com extremo uso de força brutal e violenta. Supremo-General Trahufriertyt finaliza o primeiro e único aviso.*

\*

Filmes sobre invasão extraterrestre jamais preparam as pessoas para situações como aquelas, por mais se assistam. *Battleship*, *Sinais*, *Cowboys & Aliens*, *A Batalha de Los Angeles*, *Distrito 9*, *Independence Day*, *Skyline*, *A Guerra dos Mundos* e tantos mostravam visitantes ou guerreiros do espaço distante dominando ou tentando dominar a Terra, sugando recursos naturais, escravizando seres humanos ou simplesmente ameaçando destruir o planeta; contudo, naquele instante, a ameaça vinha do futuro e com ambições jamais antes imaginadas por um roteirista de Hollywood.

Pouco depois, para intensificar os horrores daquele fim de tarde e início de noite, uma nave colossal pairou sobre a cidade, acima da Praça do Centro, revelando-se maior do que quatro ou seis quadras; dezenas de soldados saíram de lá, alguns portando exoesqueletos ou maquinários humanoides com quase a altura dos prédios dali, arrasando carros e asfalto a cada passada, isolando centenas de pessoas em torno do ponto em que desapareceram aqueles três jovens intrometidos.

O veículo espacial acima da cidade assustava os adultos e jovens mais cientes do que estava acontecendo; alguns oravam e entoavam cânticos, crendo que o fim do mundo havia chegado por meio de uma força extraterrestre, abraçando o tolo clichê de invasão presente em filmes; outros, que eram mais céticos aos fanatismos, receavam uma ofensiva, caso o objeto que aquela presença desconhecida desejava não fosse obtido; e havia quem achasse tudo aquilo legal e idolatrasse os invasores, falando tolamente acerca de uma nova era de prosperidades para a raça humana, que estava há muito em declínio. Para as crianças, porém, o enorme objeto luminoso pairando no Centro era motivo para gritaria e brincadeiras na rua, mesmo com a presença constante de *drones* sobrevoando ruas e robôs gigantes sacudindo a terra por onde passavam, sob os olhos temerosos dos pais, tios, irmãos mais velhos e vizinhos; não tinham idade suficiente para entenderem a gravidade das coisas, sentir o aroma metálico da morte que o vento

carregava; chuva ou sol naquele fim de manhã, pouco era importante para elas, que apenas se divertiam.

E foi assim, num clima meio adulto e meio infantil, que uma bomba pequena foi lançada; sem ruído, sem ser avistada; apenas o calor insuportável, a pele derretendo, envolta num fogo invisível e poderoso. A agonia. Nenhuma construção minimamente abalada. Nada. Nem ninguém. A morte se espalhava com gula sobre aquele povo no Oeste Baiano.

# Capítulo 17

## *Terror no Cerrado*

Era final de tarde naquele dia de um mês qualquer no ano de 1979. O sol se punha numa melancolia campestre, espalhando sua luz vespertina sobre arbustos e árvores tortuosas, criando sombras grotescas sobre o capim alto. E a vida noturna se preparava para surgir abundante; algumas corujas saíam de ocos na terra ou em troncos, piando como mensageiras agourentas, banhando-se nos últimos raios solares. Lagartos se espreguiçavam sobre pedras e folhagens em decomposição, preparando-se para o retiro antes que acabassem servindo de alimentos para as aves de rapina, como aquelas criaturas que agouravam aquela porção oeste da Bahia; cobras se locomoviam sem receio, algumas sibilando ou sacudindo de leve seus chocalhos. Insetos se aglomeravam aqui e ali, assim como urubus sobre os cadáveres resultados do curso da natureza.

Havia uma aura mística e muito, muito mais primitiva do que a floresta mais inacessível ao progresso devastador do ser humano; feras que há muitos milênios deixaram de andar sobre a terra estavam de volta, perdidas num mundo que não mais lhes pertencia. Dois dias antes, longe das vistas dos caminhoneiros que transitavam frequentemente nas BRs 242 e 020, uma ave surgiu; não era seriema ou ema, embora se assemelhasse com as duas em rapinagem e ferocidade. Contudo, era muito maior e perigosa; aquela primeira criatura viera de uma fenda aberta no ar, como um véu que se rasga, um corte numa cortina, permitindo que se veja do outro lado. Saiu piando, num misto de selvageria e irritação, estranhando aquele ar, aquele local. Segundos antes, num pampa, perseguia um animal pequeno, um veado desgarrado; e adentrou

uma camada invisível, sendo levada para aquele cerrado. No dia seguinte, pela manhã, apareceram outros animais, vindos de tempos próximos aos da ave do terror. Mamíferos tão grandes quanto uma girafa; mais pesados do que um elefante; robustos, não possuíam predadores naquele novo período, talvez como não possuíssem no de origem. Eles não permaneceram por muito tempo no cerrado, logo desaparecendo noutra fenda, deixando rastros de suas patas de três dedos. E no terceiro dia, que se encerrava com o sol desaparecendo entre arbustos tortuosos e uma melancolia ímpar, algo característico da região oeste, a enorme ave de rapina transitava de um lado a outro, saboreando o que encontrasse, piando e descansando sobre alguma sombra convidativa.

Mas aquela criatura não permaneceria por muito tempo ali, assim como as que vieram antes. Passeando de maneira soberana, alcançou uma fazenda modesta, que àquela hora, entre o crepúsculo e o anoitecer, estava sendo vigiada por meia dúzia de cães bravos e alguns trabalhadores cansados, que faziam algo com as sobras do almoço.

Quando a noite chegava, os tons frios substituíam os quentes, e era como se toda a alegria fosse devorada pela melancolia; o calor costumava permanecer, mas estar no meio do nada era uma sensação desoladora; apenas os pios agourentos dos caburés, que saíam de suas tocas na terra e em troncos de árvores, o perigo de alguma jararaca ou cascavel adentrar as casas, e a incerteza de que entre aquelas pessoas que transitavam pela BR não haveria alguma mal intencionada.

Não era o pensamento de todos, por sorte, ou o desbravamento da região não teria ocorrido com tanto empenho e sucesso; um ou outro pensava assim, contudo se aventurava no Oeste Baiano para tentar uma vida melhor, buscar uma oportunidade que viesse, num futuro tão incerto quanto qualquer coisa do mundo, possibilitar uma velhice menos sofrida.

André acendeu o cigarro, contemplando o sol sumir entre arbustos e árvores feias; um aperto no peito o inquietava, uma mistura de saudade do Sul com pensamentos nada agradáveis para quem mal conhecia o lugar em que fora contratado para trabalhar. Os outros, também vindos do mesmo Estado que ele, achavam-no muito supersticioso e agourento, sempre com histórias de morte e assombração, herança adquirida nas rodas de fogueira que participara quando criança.

— Fiquei sabendo que o Ernesto vai trazer algumas chinês para cá no final de semana — comentou um dos trabalhadores, enquanto observava outro mexer num cozido de tatu.

— São bonitas?

— Isso eu não sei, Igor, mas Ernesto tem bom gosto! Devem ser.

Eram sete naquele dia.

André, o mais quieto e supersticioso, sentava-se na varanda da casa de reboco precário, segurando a espingarda e fumando o cigarro de palha; um dos cães, um animal magérrimo e negro, estava deitado próximo aos seus pés calçados numa sandália surrada. Igor era o mais gaiato do grupo, sempre cheio de piadas e brincadeiras; o cozinheiro era Ricardo, irmão de Breno, que repousava numa rede entre a casa e uma velha árvore; Camilo era o responsável em dirigir o trator que percorria a fazenda em expansão, fiscalizando o pequeno rebanho de bovinos e verificando as plantações modestas de algodão; por fim, Paulo e Jonas eram primos que faziam de tudo um pouco ali, sendo os mais velhos da equipe.

Em outros meses, aquilo estaria lotado de pessoas e maquinário diverso, cheio de tarefas. Por ora, apenas os sete empregados tomavam conta de tudo, apesar de que não havia muito que se fazer até que um novo ciclo de safra fosse iniciado. Cada um ali recebia bem para passar um longo período longe de casa, e as vilas

e povoados próximos permitiam algumas diversões e prazeres para homens tão corajosos e trabalhadores.

— Eu me sentiria bem com aquela china mulata que vi ontem no rio  
— comentou Ricardo.

— Ô! Até eu!

A gargalhada dos dois durou pouco, pois logo os cães latiram na parte de trás da casa, parecendo acuarem alguma coisa; um deles emitiu um uivo doloroso, enquanto os outros agora misturavam latidos e rosnados.

— Mas que diabos...?!

A frase de Breno, que estava cochilando na rede antes do ocorrido, não se completou como era pretendido; sua cabeça fora agarrada por um bico forte, que ergueu seu corpo diante de três homens assombrados; debatendo-se, o gaúcho tentou se livrar daquela pressão que amassava seu crânio, parecendo um inseto imenso capturado por uma galinha.

— Por Deus! — benzeu-se André, esquecendo-se da espingarda que tinha sob seu poder.

A ave imensa não se demorou onde estava; os cães a cercavam em posição de ameaça, embora nenhum se atrevesse a atacá-la; piando e estalando a língua como um demônio saído do meio do cerrado, ela sacudiu as asas minúsculas e correu pra escuridão; sangrando e sem chances de sobrevivência, ia uma presa humana saborosa.

# Capítulo 18

## ***Mudança de Percurso***

Os tecidos espaço-temporais que o Dr. Nikolai Vissarionovich teorizava possuíam singularidades interessantes; ele não teria a chance de perceber e estudar aquilo, mas o inventor do Cubo das Eras teve como analisar cada uma delas, e uma em particular o assombrou terrivelmente. Conduzindo experiências cuidadosas, identificou que cada combinação diferente ia contribuindo para que outra fosse armada sem o conhecimento do portador; era um efeito colateral da ousadia de ser o Criador, variando apenas o que poderia resultar. Nos anos que observou o fenômeno, constatou que dois mundos foram devorados por artemagia bruta, que se converteu numa espécie de buraco negro ou algo semelhante, desaparecendo logo depois de sugar aqueles planetas, levando-os para outro universo; ainda testemunhou a criação de um plano em que os avanços tecnológicos e científicos de sua raça eram anulados, formando seres magros e frágeis, e por muito tempo o lugar serviu de prisão para desertores e soldados tidos como fracos demais. Apesar de ser tão sábio, Alan se descuidou quanto a isso, permitindo que pequenas brechas surgissem ali e aqui na região em que se localizava Luís Eduardo Magalhães, forçando as linhas temporais a se multiplicarem para suportar aquelas alterações irreversíveis; e quando ele, Miguel e o rei dos ciclopes chegaram ao acampamento para encontrarem Flávia, duas versões de LEM estavam sendo reduzidas a pó por causa de uma explosão de proporções dantescas.

Deixando Nordberctus na companhia de alguns sagitários, o trio de jovens foi conversar num local mais afastado de todos,

atravessando um campo de grama baixa e muito verde, entre pedras e esculturas antiguíssimas que representavam divindades que há eras e eras não tinham seus nomes pronunciados; o clima entre eles não era mais como antes, como se a amizade estivesse por um fio ou passado muitos anos desde que estiveram juntos e sentados numa lanchonete. O fermento no queixo do escritor desaparecera completamente, sem deixar cicatriz, e não havia sinal de sangue em suas roupas; e ele se mostrava tranquilo para quem estava prestes a dar início a extinção humana.

— Que mundo é este, Alan? — indagou o artista marcial, querendo puxar um assunto qualquer e evitar que o silêncio o enlouquecesse.

— A Terra daqui alguns milhões de anos — respondeu o amigo, tão sereno que causou calafrios em Miguel. — É uma realidade alternativa, a qual nós não existimos há pelo menos dois milhões de anos. Alguém liberou um vírus forte o suficiente para espalhar uma epidemia em menos de um ano, um agente biológico que só afetava o metabolismo humano. Na época, as seitas religiosas chamavam de “ira de Deus”, pois era uma forma de punir os pecadores; mas, como toda doença e peste, o vírus não fez distinção alguma entre santo e pecador.

— “*A natureza sempre encontra um meio*” — sentenciou a pintora, olhando com pesar as últimas construções humanas, que resistiam bravamente ao tempo, mesmo que em ruínas.

— E você acha justo, Alan, a gente querer fazer o papel da natureza?

— Não acho.

— E ainda assim, só por que alguns de nossos descendentes vão se corromper por causa do poder, você quer agir como um vírus letal?

— Como assim, gente?! — surpreendeu-se Flávia, encarando um e outro.

— Alan não lhe contou?

— Contou o quê?

— Ele não quer apenas impedir que aqueles malditos matem nosso Criador. Ele quer matar toda a raça humana.

A garota paralisou, chocando-se com aquela revelação; levou as mãos trêmulas aos lábios, enquanto lágrimas rolavam em abundância pelo rosto.

— Vocês não compreendem o que...

— Cala a boca, Alan! — vociferou a namorada, dando um tapa na face do portador do Cubo. — Eu me cansei dessa sua filosofia transcendental de merda! Cansei! Viajei com você por mundos e mundos, aceitei a droga dessa missão de deter os alienígenas e jamais o deixei de amar! Mas não posso fazer parte de uma carnificina! Prefiro morrer!

— Amor, eu...

— Não me chame de amor! Nunca mais!

Miguel sentiu um aperto no peito diante do desespero da amiga; e se culpou por aquilo, afinal não deveria ter dito algo tão complexo de maneira descuidada, sem preparar o terreno. Algo, entretanto, despertou sua atenção mais do que a discussão entre namorados; erguendo os olhos e ativando o capacete para uma visão mais detalhada, vislumbrou um bando de animais gigantesco avançando contra as tendas e os aliados do amigo. Répteis com seis membros, sendo dois maiores e semelhantes a braços de gorila, atacavam todos aqueles que o portador do Cubo levou anos e anos para convencer a ajudá-lo; era um ataque massivo e intensivo, causando grandes estragos.

— Alan! — gritou ele, indicando aquilo.

Nordberctus se atracava com um, escapando com agilidade de suas mordidas; as mãos estavam ocupadas com os dois braços longos e musculosos, o que possibilitava ao dragão golpeá-lo com as duas patas posteriores livres. Irritado, o gigante de um olho deu uma joelhada na barriga do monstro, que recuou um pouco, dando espaço o bastante para o guerreiro sacar a espada e enterrá-la na garganta do oponente, movimentando-a de cima para baixo, estripando-o; ao terminar, correu para perto do trio, que assistia ao massacre sem saber como reagir.

— Cara, é a hora de irmos pra LEM e acabar com isso! — exclamou o artista marcial, revelando o rosto para o amigo. — Depois a gente discute se vamos ou não exterminar nossa própria raça, certo?

Alan assentiu, pensando na combinação para saírem dali; lamentava que aquelas vidas se perdessem em vão, e percebeu o quão egoísta era em arquitetar um plano e envolver outras pessoas nele. Arfou, visualizando o que deveria ser feito; olhou para a namorada, que ainda estava com os olhos marejados e bochechas vermelhas.

— Espero que um dia possam me perdoar — sussurrou, fechando os olhos e expandindo os tecidos de maneira a cobrir toda a área.

No segundo seguinte, aqueles monstros de seis patas estavam espalhados pela cidade, confrontando *drones*, androides e soldados, arrasando prédios e carros, pisoteando pessoas, que corriam em aflição de um lado a outro.

— O que você fez?! — desesperou-se a namorada.

— Vou cumprir minha missão de destruir a raça humana — respondeu ele, olhando para aquela enorme nave acima da praça. — Mas não toda ela, e sim aquela que dará origem a esses desgraçados.

Seus olhos encontraram a escuridão com pontos brilhantes ao fitar a pintora de seus livros que jamais viriam a ser escritos naquela realidade; e se emocionou por saber que nunca mais veria aquele olhar que o fazia se sentir humano.

— Eu sinto muito, amigos, mas a gente precisa morrer junto com este mundo — continuou, deixando as lágrimas descerem sem pudor. — Talvez noutra estejamos juntos de novo, sem Cubo, sem armadura, sem alienígenas... apenas nós e nossas vidas tranquilas.

Miguel sorriu meio amarelo, mais por medo do que por estar feliz pela mudança de ideia do amigo; tinha consciência da responsabilidade que seria auxiliá-lo até o final da tarefa, independente de qual fosse. Encarou o ciclope, que assentiu, aceitando seu destino para o bem de todos.

— Se um de vocês sobreviver, por ventura, ache meu lobo e o levem de volta para meu mundo! — pediu, tocando a ponta da lâmina banhada em artemagia no chão. — Ele deve sentir saudades de casa.

— Prometemos deixá-lo em seu mundo, Nordberctus — falaram os três jovens.

Contente pela promessa, o gigante se virou para a horda de inimigos que se aproximava com armas em punho; ergueu o único olho, orando aos deuses distantes, ciente de que, se fosse da vontade deles, seu clamor seria ouvido e atendido. Urrando como um urso, avançou contra dois exoesqueletos mais próximos, chutando-os e os esmagando com fúria; desviando de uma máquina humanoide que tentou um disparo de plasma, decepou os braços e atravessou a lâmina no ventre, destruindo ligas metálicas, cabos e tubulações com extrema facilidade.

Miguel o ajudava como podia, concentrando esforços nos alienígenas menores, a maioria com aquela armadura extra, que

lhes conferiam mais força e agilidade. Alternando armas, o rapaz protegia os amigos e o aliado de ataques mais rápidos.

— Cara, você precisa de uma coisa dessas aí! — gritou Alan, enquanto as cores no braço se moviam com rapidez, buscando uma combinação útil para a ocasião.

Um dos animais de seis membros atracou-se com o ciclope, derrubando-o contra o muro; tentando se equilibrar como podia, Nordberctus se segurou à uma caixa-d'água, amassando-a com a força de sua mão. Cravando a espada no chão feito de terra vermelha, agarrou melhor aquele objeto cilíndrico, levantando-o com estrondo, enquanto a água vazava por todos os lados, criando um lamaçal. Encarando os robôs imensos, arremessou a caixa contra eles, destroçando-os com o impacto. Ao pressentir um novo ataque do dragão, apertou o cabo da lâmina, puxando-a para cima e matando o oponente, que tombou aos seus pés, com um corte que expunha vísceras e ossos de maneira quase uniforme.

As chamas de explosões e a sombra monstruosa da nave colossal acima da Praça tornava a noite quase como o crepúsculo, mesclando tons sombrios com os ígneos, distribuindo figuras fantasmagóricas em meio aos embates cada vez mais sangrentos que se seguiam; e as pessoas ali presentes, correndo e se escondendo, assistiam o que poderia ser o desfecho de uma guerra.

— Miguel! — chamou o escritor, assim que encontrou a combinação que precisava. — Já sei como deixá-lo mais preparado!

— Hein?! — estranhou o amigo, que acabava de decapitar um dos militares.

As luzes no braço de Alan estavam escurecidas, com exceção de uma dúzia em tom amarelo. Esticando-o, os dedos do portador do Cubo tocaram a armadura do artista marcial, que brilhou com intensidade, modificando-se. Ele não pôde explicar naquele momento, mas havia reformulado a tecnologia empregada até

então no traje, acrescentando a artemagia mais primitiva, sem a manipulação de qualquer mente, fosse humana ou extraterrestre.

— Não há segredo! — exclamou, afastando-se e ficando próximo à namorada. — Está tudo em sua mente! Apenas use!

Nas longas viagens de Alan, sob o efeito de forças incompreensíveis aos homens dos próximos mil séculos, toda a complexidade dos universos se tornou como uma teia de uma aranha cósmica, onde o ponto inicial se ramificava em tantos outros, indo ao infinito; ele teve tempo de percorrer vários deles, inclusive o mais importante, que mostrava como o princípio divino que a raça humana havia manipulado era capaz de proezas inimagináveis. Os olhos daquele jovem viram mundos sendo erguidos com o simples pensar, terras onde clãs de mulheres que pareciam fadas e homens que se assemelhavam a estátuas de porcelana tinham aquela energia dentro de suas almas, e a usavam tal como se fosse magia; encontrou um planeta que acreditava que a humanidade surgiu de metais, e a hierarquia era sustentada sob tal crença, assim como os indianos possuem suas castas. A artemagia era a vida, o pulsar de todas as coisas, o início que antecedia Deus; antes de Deus ser, a artemagia já era. E seria até depois de nada mais existir.

Quando ele tocou o amigo, apenas um grão ínfimo daquele poder contido no Cubo das Eras foi repassado, mas era o suficiente para torná-lo um mensageiro dos deuses, fazê-lo acima de qualquer um daqueles soldados que se acumulavam a cada segundo, ansiosos por se apoderarem do objeto.

Sentindo aquela pureza toda percorrer seu corpo, Miguel ousou como nunca antes; limpou a mente de qualquer coisa que fosse ruim, que pudesse distraí-lo e criou. Primeiro deixou que aquele capacete careca fosse preenchido por *dreadlocks* negros com alguns pontos luminosos amarelados; depois, sabendo que poderia ir mais longe, deu um salto sobre uma máquina que se aproximava com passos largos; e foi como uma flecha, que perfura o corpo e sai do

outro lado, enquanto o corpo metálico se desintegrava, devorado pelos nanorrobôs.

Nordberctus voltou para o centro da praça, com a espada sobre o ombro esquerdo, encarando um dragão imenso que se locomovia perto de um pequeno posto na esquina.

— Vocês precisarão de minha lâmina, certo? — perguntou, direcionando as palavras para Alan e Flávia, mas sem fitá-los.

— Sim — confirmou o escritor.

— Que os deuses nos eternizem em sua morada!

O rei dos ciclopes soltou a arma, que caiu com grande ruído no chão; sem se preocupar com isso, caminhou em direção ao animal de seis braços, aceitando seu destino, ciente de que a morte o aguardava. E aquilo comoveu a pintora, que abraçou o namorado e chorou; suas lágrimas caíram sobre o braço marcado pelos fragmentos do Cubo, que por breves segundos se apagaram, recolhendo aquela demonstração tão divina e dada aos humanos, que pareciam não merecer tal dádiva.

# Capítulo 19

## *O pedido*

O dragão de seis membros era imenso; o corpanzil lembrava o de um lagarto do deserto, sobretudo por ser robusto e possuir escamas salientes, quase iguais espinhos, de coloração entre o marrom e o verde; com exceção das patas intermediárias, que ficavam próximas às costas, onde anatomicamente deveriam situar costelas, seria facilmente visto como um lagarto gigante. Era um animal bem desenvolvido, adaptado ao mundo em que vivia, onde rochedos eram numerosos e as árvores, de proporções quase quilométricas; os poderosos membros do meio, que muito se assemelhavam aos braços de gorilas, permitiam excelentes escaladas e apoio em subidas íngremes, além de impulsionar mais velocidade em corridas e ataques, assim como também serviam para duelos em épocas de acasalação ou para proteger territórios. A cauda, longa e espinhenta na maioria da extensão, chicoteava o ar com estalos ensurdecedores, enquanto a bocarra cheia de dentes afiados soltava sons potentes, que lembravam pios de aves e rugidos de mamíferos.

Nordberctus caminhou sem pressa em direção ao monstro, que agora subia um prédio com mais de sete andares, arranhando paredes e destruindo janelas com as garras; ao avistar o ciclope, a fera urrou alto, batendo as patas auxiliares no edifício, que estremeceu. Mas aquela demonstração de superioridade não assustava alguém acostumado a combates mundo afora, um guerreiro cuja fama de destemido estava além de qualquer emoção inútil; cerrando os punhos, depois de enfrentar alguns robôs intrometidos, o rei respirou fundo, pronto para cumprir seu destino.

A criatura saltou, abrindo os braços; o guerreiro nórdico tentou desviar, mas o braço alongado o agarrou pelo ombro, jogando-o contra uma caminhonete, que amassou completamente sob seu corpo volumoso. Arrastando-se como uma lagartixa, a besta berrou e avançou novamente, movimentando as patas do meio como um símio ensandecido; contudo não obteve muito sucesso, pois o ciclope arremessou uma motocicleta apanhada ao acaso, quando bateu o asfalto, contra sua cabeça, desnorteando-a. Sem enxergar para onde ia por causa da tontura, sentiu o soco de cima pra baixo na mandíbula inferior.

Bípede devido ao golpe, aproveitou para realizar uma sequência de murros no ar, acertando alguns no peito e barriga de Nordberctus, que tentava se aproximar; como não obteve êxito no que pretendia, o guerreiro usou o que sobrou do veículo em que caíra em cima como escudo e porrete, desferindo pancadas nos braços que socavam o vazio. A força das batidas foi tamanha que fraturou o membro esquerdo, provocando urros ainda mais furiosos e o recuo do dragão, que o encarou, com saliva escorrendo pela boca aberta.

O guerreiro estava ofegante, o suor lhe cobrindo todo o corpo, encharcando vestes, cabelos e barba, entrando no olho e complicando a visão; os músculos doíam terrivelmente, afinal aquele foi um exaustivo dia de lutas contra monstros e máquinas. Estava quase no limite, mas precisava realizar a façanha de vencer aquele último adversário, assim como certa vez sonhara quando criança; os deuses lhe alertaram sobre aquele evento, preparando-o por toda a vida para cumprir sua tarefa na ordem das coisas. Alguns nasciam para ser reis, heróis, pastores e soldados; ele nascera para morrer num mundo distante do seu, derrotando aquela monstruosidade.

O lagarto investiu contra ele, apesar de não poder mais contar com uma das patas; abrindo a bocarra, tentou morder sua cabeça; quando Nordberctus usou o destroço da caminhonete, segurou-o com o braço ainda disponível, lançando-o para longe, contra um

poste, que pendeu para um lado. Ágeis, as mãos do gigante agarraram as mandíbulas do monstro, forçando-as em direções opostas, embora as presas venenosas adentrassem a carne com grande facilidade.

— O *kongzilla* vai matá-lo! — gritou o jovem guerreiro, entre máquinas e soldados, que iam aos poucos sendo reduzidos a pedaços.

Flávia se horrorizou, chorando como jamais chorou por alguém que não conhecia.

— É o que ele quer, amor — falou Alan, por mais insensível que pudesse parecer. — A vontade e o destino dele. Eu queria que não fosse assim, mas nada sou além de um instrumento de seres maiores do que nossas existências.

Miguel terminava de exterminar a primeira horda de alienígenas, empregando o novo armamento; a artemagia pura o deixou mais rápido, forte, esperto e preparado para eliminar quem quer que fosse, e era notável o horror dos homens do futuro, mesmo que seus rostos estivessem escondidos em máscaras inexpressivas.

— E quanto a nós? — a namorada perguntou, fitando-o com aquele olhar que simulava uma noite estrelada.

— Eu queria salvá-los do que vou fazer, mas sei que preferem morrer junto com este mundo, pois também é este o destino de ambos — respondeu o escritor, com um grande peso no peito. — Não destruirei todos os mundos...

— E você? O que acontece?

— Há muito deixei de ser Alan, e acho que você percebeu. Não sou mais aquele jovem que sonhava se casar com você, ter belos filhos e viver numa chácara. Eu a amo tanto quanto ele, mas deixei de ser, pois estou ligado ao Cubo e ele a mim. Somos um só.

— Meu Deus!

Ela estava em choque.

— Quando isso acabar, vagarei pelos universos, buscando o Criador, vigiando a humanidade e a exterminando sempre que for preciso, afinal há um grande destino para toda a Criação. Não hoje, não amanhã, não ontem. Eu queria que os dois viessem comigo, mas não faz parte do destino que devem cumprir — continuou o portador do Cubo, erguendo os olhos serenos para a nave que pairava sobre a cidade. — Por Alan, pouparia vocês, e por você, Flávia, pouparei a raça humana. Será um arrependimento eterno, mas destruir algo que não criei é como me desfazer do que nunca senti. Portanto, apenas este mundo, que vai originar aquela ameaça, deixará de existir.

Flávia o abraçou com força, sussurrando:

— Por favor, se ainda existe algo do Alan aí dentro e se o que ainda existe me ama, que me mate para não ver o que você fará.

O coração do rapaz acelerou diante daquele pedido tão sublime.

— Eu...

— Não quero ver ninguém sofrendo, não quero morrer com pensamentos e lembranças ruins. Quero morrer me lembrando de nossos passeios, da ida à lanchonete, antes de tudo isso começar. Por favor!

Miguel se aproximava, andando como um soldado vitorioso; ao notar aquela cena estranha, cessou os passos, livrando-se do capacete e fazendo uma expressão confusa, a qual o escritor respondeu com um gesto bastante significativo.

— Lembra-se de quando saímos pela primeira vez? — perguntou Alan, enquanto as cores no braço se modificavam com piscadelas

simples, ocultando lentamente as cores mais alegres, deixando apenas o azul e o preto. — Lembra-se de como me comportei como um idiota diante da garota mais linda? Você usava um vestido...

— Sim, eu tinha comprado justamente para aquela noite, amor — confirmou a pintora, entre lágrimas e soluços. — Fiquei com medo de que você não gostasse.

— Como não gostaria? Lembra-se o que eu disse, quando estávamos no restaurante?

— Sim, eu lembro. Você disse que eu era a mulher mais linda do mundo e...

Os sentidos desapareceram na melhor lembrança possível; o coração parou de bater, as pálpebras se fecharam. Flávia estava morta.

— Não! — gritou Miguel, correndo em desespero ao notar o que acontecia. — O que você fez, cara? Por que fez isso?

Mas o amigo não respondeu, apertando com força o corpo morno da namorada, deixando as poucas lágrimas escorrerem; o que ainda lhe restava de emoções humanas vazavam pelos olhos. Beijou aqueles lábios entreabertos, numa frase que jamais seria conhecida a conclusão.

— Ela me pediu — conseguiu falar, depois de alguns segundos. — Ela não queria ver o que estamos prestes a fazer. Não pude negar isso para alguém que amo.

Alheio à perda daqueles dois jovens, Nordberctus resistia ao veneno letal que se espalhava pelo corpo, socando e chutando aquele lagarto monstruoso; o peito estava arranhado, com a carne exposta nos rastros abertos pelas garras da fera, assim como as costas; os dedos sangravam, a maioria quebrados de tanto bater naquelas escamas salientes. Havia ferido gravemente o inimigo também,

deslocando costelas, mandíbulas e patas, contudo este se mostrava capaz de sobreviver por mais algum tempo, se precisasse.

— Miguel! — vociferou, tendo um lampejo de ideia ao ver um pouco de gasolina se incendiar. — Miguel!

O artista marcial se voltou para lá, ainda com o rosto carregado de dor e pesar pela morte da amiga; viu o gigante apontar para o posto e o réptil de seis membros, compreendendo o plano suicida. Assentiu, correndo para ficar mais perto para efetuar o disparo.

Quando o dragão avançou, babando saliva e sangue, o ciclope o abraçou, jogando-se em meio a bombas de combustível, amassando carros e destruindo tudo; uma costela perfurou o pulmão com a queda, fazendo-o tossir um ar ensanguentado. O animal tentou escapar, porém o aperto foi firme. Cansado, Nordberctus fechou o único olho, aguardando a explosão que o consumiu em chamas altas e azuladas. Morria tal como havia sonhado: em fogo extremo, levando consigo seu troféu.

# Capítulo 20

## ***O fim de todos os males***

O corpo de Flávia foi deixado num canto bem afastado, enquanto os dois amigos disseram as poucas e últimas palavras de despedida. Não poderiam demorar muito, afinal logo uma nova horda de alienígenas viria. A seguir, Alan indicou a espada de Nordberctus, explicando brevemente que eles iriam para dentro da nave, que possuía energia o suficiente para liberar uma chuva de artemagia letal pelo mundo, dizimando somente a espécie humana, preservando as demais formas de vida.

— Haverá dor para os outros? — indagou Miguel, indo até a arma.

— Digo, as pessoas irão sofrer muito quando fizermos isso? Ou será uma morte rápida e sem dor?

— Assim como aconteceu com Flávia, acontecerá com o restante da população — respondeu o portador do Cubo.

— Iremos juntos nessa leva?

— Não. Nem você nem eu morreremos aqui e agora. Somos parte de algo ainda maior pro Universo. Sinto muito.

— Tem a ver com esse treco aí, o *Waldinho*, o Cubo?

O escritor apenas assentiu.

— Pode tocar no cabo! — pediu, mudando de assunto. — Quando o fizer, a espada vai se adaptar ao seu tamanho e passará a ser sua,

assim como foi de Nordberctus e de todos os que vieram antes dele.

— Sabe, uma coisa não entendi ainda.

— Sim?

— Aquele ataque lá. Como ele aconteceu, se só você tinha conhecimento da localização?

Ao tocar o cabo da arma, a artemagia pura moldou o objeto de maneira a reduzir drasticamente o tamanho e permitir que Miguel a portasse.

— O Supremo-General Trahufrisrtyt sabia — replicou Alan, combinando a sequência complexa para invadir a nave. — Ele sabia por possuir uma réplica do Cubo, e o Cubo guarda as impressões de todos aqueles que o usaram.

— Mas você não o perdeu de vista nem por um momento, não?

— De fato, não o perdi de vista. Tanto que ele e eu somos um só.

— Então...?

— O Cubo sabia sobre meus passos, sobre meu modo de pensar, sobre cada mudança de percurso, sobre o desfecho de minhas ações. Não seria impossível para uma civilização tão avançada me rastrear, como aconteceu há milhões de anos. O problema sempre foi a logística para tais viagens. Só puderam duas, sendo que apenas na última me pegaram desprevenido.

— Eu pensei que você fosse um deus.

— Os deuses também falham. O Criador falhou ao nos criar, não?

— Aham.

— Quando souberam que retornaríamos para cá, eles se precaveram com o pequeno exército, mas não imaginaram que eu fosse usar os animais que ataçaram contra nós ao nosso favor, trazendo-os junto. Foi uma boa vantagem, e permitiu a Nordberctus realizar um desejo, afinal ele nos deu a arma para liberar a artemagia contida nesta pedra — concluiu o portador do Cubo, mostrando o vril. — Enfim, preparado?

— Sim.

Os dois desapareceram.

E o planeta Terra mudou.

Uma grande explosão derrubou a nave, ao mesmo tempo em que todos os drones e maquinários espalhados pelos universos falharam miseravelmente; os nanorrobôs comandados pelos militares se desintegraram, consumindo antes aqueles corpos perfeitos e orgulhosos, sumindo com a existência corrupta que descendia dos homens do século XXI. Falsos deuses e profetas, colonizadores de planetas, combatentes em meio a conflitos com nativos, qualquer um que possuísse aquela tecnologia profana sucumbiu perante olhos arregalados, que gritavam entre a surpresa e o horror, clamando por deuses antigos ou hereditários, comemorando o milagre divino. Infindáveis milênios de avanços evaporaram em segundos apenas, coincidindo com a queda de quem comandava aquela tirania.

Com o declínio da raça evoluída, veio a morte de seus ancestrais. Sem sofrimento, como dissera Alan-Cubo; uma letargia, uma paz seguida por um piscar de olhos e cair de corpos, todos simultaneamente, para que nenhum ficasse vivo antes do outro. Em um segundo, a humanidade estava extinta naquele universo; os nanorrobôs, por sua vez, consumiram toda a matéria produzida pelas mãos humanas, limpando o ar de poluentes, salvando o que

ainda podia da vida animal e vegetal, entregando um planeta que deveria ser repovoado por uma raça mais inteligente e consciente de seu papel nos planos sagrados. Talvez os símios, que se pareciam com os homens, embora mais espertos e cientes de quem eram.

Quando devoraram a matéria inorgânica, fizeram o processo na orgânica, naqueles corpos que aparentavam dormir um sono profundo; aquele intervalo entre um banquete e outro permitiu que o corpo da pintora fosse levado para outro lugar, onde seria enterrado de maneira digna. Uma vez ao ano, sem faltar um dia, os dois sobreviventes iam visitar o túmulo; foram por milhões de anos, mesmo quando o luto se transformou em símbolo e o símbolo se transformou em tabu. Não deixaram de repetir nem quando a lápide desapareceu e no local surgiram vilas, cidades, ruínas, florestas e, por fim, desertos; e em nenhum momento, por mais insignificante que parecesse aquela visita, faltaram o dia.

Às vezes, entre mundos e tempos, zelando pelo grande evento, aquelas duas figuras iam ao antigo planeta de origem, maravilhando-se com as metamorfoses ocorridas; como tiveram o cuidado de devolver os lagartos de seis patas para o mundo de origem, a vida seguiu seu curso sem intervenção alheia, nem mesmo de Cubo, que percorria os lugares em que Alan, Miguel e Flávia costumavam ir e viver; mas um dia deixou de ir, pois era hora de seguir em frente, de apagar parte daquela existência que não mais existia.

\*

E assim poderia ser concluído este capítulo peculiar sobre os segredos do Universo; provavelmente não tenha sido um tópico agradável para todos, mas reconfortante saber que o amor de um rapaz por uma garota impediu que tudo fosse diferente. A mente humana jamais compreenderia a importância que tiveram os três jovens de uma pequena cidade baiana para eventos ainda por vir, e

tampouco cabe a qualquer arauto explicar. Tudo o que foi feito não pode ser desfeito; as cicatrizes um dia substituem as feridas, e a vida segue seu caminho, seja qual for.

Contudo, Cubo precisava cumprir mais duas coisas.

A primeira não foi tão difícil, e em menos de um minuto estava com o lobo do rei dos ciclopes, que o lambeu e se comportou como um cãozinho domesticado; ele o devolveu ao seu mundo, entregando o que sobrara das vestes de seu dono, ordenando-o que levasse aquilo para os entes queridos de Nordberctus. Naquela semana, todo o reino ficou em luto e pesar.

E a segunda coisa, a que finaliza esta história, é uma das gêneses das aventuras de Alan e Flávia, afinal o amor é uma fogueira: precisa de um sopro para começar a queimar.

# Capítulo 21

## *Remate*

— A eternidade, portanto? — perguntou Miguel, enquanto os nanorrobôs anexavam a espada às costas, adaptando a lâmina e sincronizando metal e artemagia numa coisa só.

A enorme nave ardia num fogo estranho, octarino, diferente de qualquer coisa que o jovem guerreiro tinha testemunhado, erguendo uma fumaça esbranquiçada e inodora. E as pessoas estavam todas naquele estado sonolento, mortas, numa cena que impressionava, espalhadas pela cidade, em casas e prédios, ruas e calçadas, fora e dentro de carros, abraçadas a filhos e esposas...

— Não há eternidade para a vida, *Miel* — respondeu o amigo, caminhando entre os destroços, ignorando o calor insuportável. — Um dia, talvez, encontremos nossa morte, assim como esta gente e Flávia, mas, até que isso aconteça, teremos uma longa jornada pela frente.

— Miel?! Por que me chamou de Miel?

— Significa “Senhor de mim” num dialeto similar ao latim. É o que você é, Miel: você é o senhor de seu destino. Pode ficar ou pode ir, pode parar ou pode seguir.

O guerreiro o seguiu, notando as cores fracas dos fragmentos no braço piscarem melancólica e delicadamente: apesar de aparentar ser uma entidade fria e calculista, Cubo ainda tinha muita coisa de Alan; e estava de luto pela perda da namorada.

— Ela o amava muito, cara — deixou escapar, pousando a mão sobre o ombro do amigo.

— E eu a amava ainda mais.

— Se ela tivesse escolhido viver, seria diferente?

— Eu vislumbrei todas as possibilidades, todas as que ela escolheu viver, e em todas Flávia se tornou infeliz e se matou. Ela não suportaria o peso do que fizemos hoje.

— E a gente?

— O tempo dirá.

Cubo pensou numa combinação que fez o corpo da falecida pintora se erguer quando ele se aproximou o bastante para tocar o rosto sereno. Àquela hora, tudo o que teve o toque humano se desfazia: automóveis, edifícios, asfalto, revistas, quiosques, postes... tudo deixaria de existir, restando apenas milhares de corpos sem vida. Ele deslizou os dedos pela bochecha fria da namorada, fechando os olhos cansados; não havia mais lágrimas.

Miel-Miguel assistia a deterioração da cidade com pesar. Recordava-se das paqueras feitas nos banquinhos de concreto que desintegravam rapidamente ou do delicioso *milk shake* que tomava em tardes calorentas, enquanto pensava na aula de luta marcial que teria mais à noite; sentiria saudade de contemplar as garotas passando e o olhando com sorrisos indiscretos ou das festinhas com os colegas de academia. Ou aquelas sensações logo sumiriam, tal como estava sumindo a humanidade do escritor, que jamais terminaria o livro novo que tanto vinha se dedicando a escrever.

— Há um mundo em que nada disso aconteceu, certo? — perguntou, enxugando as lágrimas ao lembrar da família, que por um breve momento havia se esquecido.

— Muitos, mais do que há pessoas aqui.

— E estamos todos juntos, assim como antes disso tudo acontecer?

— Estamos. E todos que amamos não estão mortos.

O guerreiro esboçou um sorriso amarelo.

— Levarei você num ou dois, durante a viagem, mas não poderá interagir — completou Cubo, desviando o olhar para o amontoado de cinzas que restara da nave alienígena. — Somos anomalias, entidades que não pertencem mais a este plano, entendeu?

— Sim, entendi.

A matéria orgânica morta começava a ser devorada.

— Esta armadura... ela supre minhas necessidades?

— Todas elas, inclusive fisiológicas. Você não sentirá frio ou calor, fome ou sede, nem haverá poder que durará mais do que o permitido. Impulsos e desejos sexuais tendem a ser reduzidos nos próximos anos. E suas emoções se tornarão quase todas obsoletas, queira isso ou não.

— Então — disse Miel, ativando o capacete com os *dreadlocks* —, não preciso mais mostrar meu rosto.

— Hora de irmos. Flávia não será uma lembrança esquecida nesta era que se inicia. Ela será a memória eterna de um mundo antigo e o limiar que o separa de um novo.

Todas as pedrinhas coloridas brilharam.

No segundo seguinte, os três haviam desaparecido.

# Posfácio

*"Leia como uma borboleta, escreva como uma abelha."*

**Philip Pullman**

Escrever um livro requer, muitas vezes, não apenas inspiração, e sim uma boa ideia ou um bom material de pesquisa e referências. E escrever uma história que seja ao mesmo tempo divertida, cheia de batalhas e aventuras, e densa, com questionamentos e provocações não é uma tarefa fácil, pois envolve riscos. Acho que corri cada um deles ao iniciar esta versão de *O Cubo das Eras*, que se baseia na noveleta apresentada também neste volume.

Nas poucas páginas da novela-título, apresentei minha visão sobre mundo, humanidade e Deus, e acredito profundamente que irá gerar alguma polêmica, o que, a meu ver, comprova que atingi parcialmente meus objetivos. Assim como fiz com *A Guerra dos Criativos* e um conto de fadas, *Anamélia*, conduzi o leitor para cantos fantásticos do universo, mostrei terras distantes e os perigos que existem nelas. Mas, ao contrário da fantasia predominante nos dois primeiros, a novela sobre o trio que precisa zelar pelo Cubo aborda a pseudociência, as possibilidades típicas da ficção científica, mas sem se desviar do mágico, do improvável.

Dentre as leituras que me inspiraram, *Uma Princesa de Marte*, de Edgar Rice Burroughs, *A Guerra dos Mundos* e *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, *O Mundo Perdido*, de Sir Arthur Conan Doyle, *Fronteiras do Universo*, de Philip Pullman, as obras de H. P. Lovecraft, os livros de mitologias, simbolismos e religiões, as revistas sobre mistérios e segredos "ocultos", além de quase uma centena de filmes que assisti no decorrer que as versões anteriores

e a atual iam e vinham. Tudo isso acabou me influenciando em algum momento, seja no desenrolar das coisas ou nas referências espalhadas por todos os capítulos, mas sem pesar para o plágio, claro.

As conversas com Anton Roos, grande cronista da cidade, ajudaram em algumas cenas; a ideia de um objeto cair lá foi genial demais e tive que aproveitar. Rochett Tavares, autor de horror e ficção científica, debateu comigo alguns pontos sobre a viagem no tempo, o que reforçou as teses mirabolantes do cientista russo. Há outras pessoas ainda, mas creio que apenas esses dois sejam os principais pilares do que o leitor agora tem em mãos; e espero que meu esforço esteja à altura da contribuição de ambos.

Enfim, obrigado a cada um que apoiou a ideia, que leu e opinou até a conclusão; e agradecimentos sinceros ao leitor, que se dispôs a ler esta obra, e o aguardo para uma conversa, para que eu possa revelar mais alguns mistérios de um Universo que só tende a crescer.

*Alec Silva*

## No Futuro

a raça humana alcançou o ápice de sua ganância, forjando uma imortalidade inexistente e lidando com uma força cósmica oriunda do Criador; após séculos de inúmeras conquistas de mundos e desenvolvimento de uma tecnologia que transcende a magia, um impiedoso general trama assassinar o Criador e definir novos rumos para a Criação.

Um escritor de ficção, uma talentosa pintora e um artista marcial recebem a tarefa de continuar a missão de um misterioso alienígena e impedir que tudo o que se conhece seja destruído pelo deídicio. Contando apenas com a arma que pode matar o Criador e uma armadura inigualável, eles precisam entender os conflitos em que estão envolvidos, viajar entre mundos e períodos temporais diferentes e enfrentar oponentes violentos.

"O Cubo das Eras" é uma jornada contra a natureza humana, na qual três jovens podem decidir se a humanidade se elevará a posição divina ou encontrará, de maneira trágica, a extinção resultante de uma ambição doentia.

